Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Felipe da Silva Ponte de Carvalho

#Pedagogiasciberculturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos?

Rio de Janeiro
2021

Felipe da Silva Ponte de Carvalho

#Pedagogiasciberculturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos?

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação

Orientador: Pr. Dr. Fernando Altair Pocahy

Rio de Janeiro
2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C331 Carvalho, Felipe da Silva Ponte de.
#Pedagogiasciberculturais: como nos tornamos o que somos? / Felipe da Silva Ponte de Carvalho. – 2021.
190 f.

Orientador: Fernando Altair Pocahy
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Pedagogias ciberculturais – Teses. 3. Computadores e civilização – Teses. 4. Formação e diferença – Teses. I. Pocahy, Fernando Altair. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 37.016

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Felipe da Silva Ponte de Carvalho

#Pedagogiasciberculturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos?

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação

Aprovada em: 27 de abril de 2021
Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy (Orientador)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Profª. Drª. Edméa Oliveira dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Dilton Ribeiro Do Couto Junior

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi

Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul

_____

Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias (Titular)

Universidade Federal De Sergipe

Rio de Janeiro
2021

DEDICATÓRIA

À todas as vidas dissidentes que lutam diariamente para se manter (re)existindo!

Ao marido Mariano Pimentel pela parceria e amor de sempre! ♥

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro concedido para a realização desta pesquisa de doutorado, Processo(s) nº E-26/200.484/218 (bolsa Doutorado), E-26/201.849/2019 (bolsa Doutorado-Sanduíche) e E-26/200.776/2019 (Bolsista Nota 10 Doutorado).

Ao meu orientador Dr. Prof. Fernando Pocahy e ao grupo de pesquisa GENI pela parceria, generosidade e colaboração dentro-fora da academia.

À supervisora do doutorado sanduíche Dra. Profa. Gracia Trujillo e à Universidade de Complutense de Madrid por me possibilitarem realizar o estágio doutoral-sanduíche.

À banca examinadora pela leitura atenta e contribuições para esta tese.

Axs professorxs do ProPEd/UERJ e da Comunicação/UFF e axs colegas de turma pelas conversas formativas tecidas nas diversas disciplinas que cursei.

Axs interlocutorxs desta pesquisa, com xs quais produzimos conhecimentos sobre as pedagogias ciberculturais.

A morte é irremediável, mas a luta precisa continuar pelo caminho da vida. Essa exposição (Queermuseu[1]) reúne artistas de diversas gerações, orientações estéticas, inclinações artísticas e experiências de vida. Artistas negros, artistas não binários, artistas LBGT, artistas heterossexuais, artistas com deficiência, todos e todas pela excelência de sua obra e pela contribuição destas para a história da arte. O legado da Queermuseu foi aquele de reabrir o debate que foi fechado por um grupo fascista, por um banco que recuou a esse grupo, mas nós a reabrimos e não têm faltado investidas obscurantistas para tentar cercear esse debate e prevenir o acesso ao conhecimento através da arte. Cessem ou não essas tentativas, nós resistiremos em defesa da liberdade e contra o cerceamento do conhecimento de forma mais ampla; impedir o acesso ao conhecimento não é uma alternativa, só os covardes e mesquinhos fazem isso. É aqui deste lugar, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, um centro histórico de resistência, que, junto com todos vocês, eu apelo à sociedade brasileira que continue lutando com todas as suas forças pelos direitos humanos, pela democracia plena, pelas liberdades de expressão e de escolha, pela defesa incondicional do conhecimento avançado e pelas liberdades individuais. Deste lugar de resistência é que iremos construir uma frente contra o fascismo e o fundamentalismo que permanecem à espreita, uma ameaça cujo perigo é sempre iminente. Hoje é um dia de celebração, mas igualmente de advertências, de lembrar que a censura é palpável [...] Precisamos permanecer vigilantes, conscientes de que esse perigo está à estreita e empreender estratégias de impedimento de seu avanço.

---

[1] http://eavparquelage.rj.gov.br/queermuseu

Gaudêncio Fidélis, curador da Queermuseu, *em fala proferida na reabertura da exposição, Parque Lage, Rio de Janeiro, 18 de agosto 2018*

RESUMO

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. *#Pedagogiasciberculturais: como nos tornamos o que somos?* Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 168f.

Atualmente, temos presenciado o crescimento acelerado das tecnologias digitais em rede na vida cotidiana. Essas tecnologias vêm modificando o modo como nos relacionamos, pesquisamos, estudamos, ..., produzindo novas e emergentes práticas culturais e formas de existir, dando sentido e forma à cibercultura, também denominada sociedade em rede ou sociedade do controle. A partir desse contexto (ciber)cultural, nesta pesquisa nos questionamos: "Como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos em tempos de cibercultura?" Apostamos na ideia de que as práticas ciberculturais mobilizam inúmeras pedagogias que nos conduzem a múltiplas experiências deformativas e desformativas. Para pensar-fazer esta pesquisa, realizamos movimentos com a pesquisa-cartográfica *online*, que partem das epistemologias pós-estruturalistas. Cartografamos experiências em/na rede visando a produzir teorizações sobre o hoje, interseccionadas às discussões de gênero, sexualidade, raça, formação, classe, entre outros marcadores sociais. Acompanhamos rastros *online* que nos fornecessem pistas de como as pedagogias ciberculturais se constituem no presente e reverberam naquilo que nos tornamos, dizemos ser, compartilhamos. Por meio dos dados analisados nesta tese, buscamos cartografar como as pedagogias ciberculturais aparecem, se constituem, suas formações históricas, operacionalizações em rede, desdobramentos na micro/macropolítica da vida cotidiana. Cartografamos que a cibercultura é marcada por inúmeros acontecimentos, entre eles, movimentos e práticas fascistas que operam no sentido e na propagação do ódio às diferenças, que chamamos aqui de "ciberfascistas". Como desdobramento dos dados analisados, chegamos (produzimos) à noção de "pedagogias ciberfascistas", operacionalizadas para governar as condutas dxs sujeitxs por meio da produção, partilha e viralização de práticas e de conteúdos odiosos contra as diferenças, destruindo a humanização dx outrx, transformando-x em coisa, objeto, algo sem vida. Mas na vida cotidiana em/na rede não há somente o ódio; cartografamos que há também movimentos insurgentes, antifascistas, e experiências que alargam a liberdade ética e as redes existenciais de afeto, de solidariedade e de colaboração. As análises nos levaram à noção de "pedagogias ciberinsurgentes", aquelas que nos conduzem à rebelião contra todas as formas de fascismos, operacionalizadas por redes de indignação e apoio, por meio de partilhas-viralizações que visam a ampliar/dilatar a convivência entre as diferenças e a existências das vidas dissidentes, o fortalecimento dos laços sociais, a cidadania horizontal. São mobilizadas por sujeitxs em alianças com outrxs sujeitxs, tendo como objetivos encorajar, ajudar a denunciar dores e anunciar intervenções de lutas e insurgências, além de potencializar múltiplas intervenções nas cidades-ciberespaços, promover lutas a favor de causas humanitárias, sociais, civis, ecológicas, econômicas, entre outras.

Palavras-chave: Ciberfascismos. Pedagogias ciberculturais. Ciberinsurgências. Cartografia *online*.

ABSTRACT

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. #Cyberculturalpedagogies: how do we become who we are? Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 168f.

We have been currently witnessing the accelerated growth of digital networked technologies in everyday life. These technologies have been changing the way we relate, research, study, and produce new and emerging cultural practices and existences, therefore giving meaning and form to cyberculture, also know as network society or control society. Based on this cybercultural context, we have asked ourselves in this research: "How do we learn and teach to become what we are in times of cyberculture?" We believe that cybercultural practices mobilize innumerable pedagogies that lead us to multiple inhumane and humane formative experiences. The present research has been undertaken based on the cartographic research, that emerges from post-structuralist epistemologies. We have mapped various online experiences in order to produce theories about the present, interrelated with discussions on gender, sexuality, race, education, class, among other social markers. We have followed online trails/tracks which provided us with clues as to how cybercultural pedagogies are constituted in the present and how they reverberate in what we become, what we claim to be, and what we share. With the data analysed in this thesis, we seek to map how cybercultural pedagogies emerge, how they are constituted and historically established, how they operate on the web, and how they develop in the micro and macropolitical everyday life. Our cartography has revealed that cyberculture is marked by countless events, among them, fascist movements and practices that operate with the intention of spreading hatred towards differences, which we here nominate as "cyberfascists". As a result of the analysed data, we developed the concept of “cyberfascist pedagogies”, which operate to govern the behaviour of others through the production, sharing and viralization of hatred practices and content against the differences, and destroying the humanization of others, transforming them into an object or something lifeless. However, there isn´t just hatred in the online everyday life; we have also identified insurgent, anti-fascist movements and experiences that expand the ethical freedom and existential networks of affection, solidarity and collaboration. Our analysis led to the concept of “cyberinsurgent pedagogies”, which represent those pedagogies that lead us to rebel against all forms of fascism, operated by networks of indignation and support, through the sharing/viralization that aim to expand the coexistence between the differences, the existence of dissident lives, the strengthening of social ties, a horizontal citizenship. They are mobilized by subjects in alliances with other subjects, with the purpose of encouraging and helping to denounce pain, announcing interventions of struggles and insurgencies, in addition to enhancing multiple interventions in cyberspace cities, promoting the emergence and development of humanitarian, social, civil, ecological, economic causes, among others.

Keywords: Cyberfascism. Cybercultural pedagogies. Cyberinsurgencies. Cartographic online.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Meme cidadão de bem..... 18

Figura 2 – Dados de casos de Covid-19 Mundo 20

Figura 3 – Dados de mortes de Covid-19 Mundo..... 20

Figura 4 – O *fascio littorio*, símbolo da Antiga Roma..... 52

Figura 5 – Queima de livros em Berlim, Alemanha..... 5
5

Figura 6 – Triângulos de identificação fascinazista alemã (enquadramentos dos corpos)..... 56

Figura 7 – Triângulos de identificação fascinazista alemã (enquadramentos dos corpos) / Em Alemão..... 57

Figura 8 – Triângulos de identificação fascinazista alemã (enquadramentos dos corpos) / Em Português..... 58

Figura 9 – Mito da família ariana/raça ariana (enquadramentos dos corpos)... 59

Figura 10 – Mito da família ariana (enquadramentos dos corpos)..... 60

Figura 11 – Mito da família ariana (enquadramentos dos corpos)..... 61

Figura 12 – Organização da sociedade alemã no regime fascinazista por gênero, sexualidade, raça, geração, classe (enquadramentos dos corpos, produção da sociedade alemã)..... 62

Figura 13 – Faixa manifestação da direita..... 6
6

Figura 14 – Manifestação de junho: São Paulo..... 6
9

Figura 15 - Manifestação de junho: Rio de janeiro..... 69

Figura 16 - Manifestação de junho: Brasília..... 70

Figura 17- Manifestação de junho: Salvador..... 70

Figura 18 – Histórico dos atos..... 71

Figura 19 – Ataque das abelhas – Hated in the Nation / *Black Mirror*……. 74

Figura 20 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano.... 7
6

Figura 21 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano.... 76

Figura 22 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano.... 76

Figura 23 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano..... 76
Figura 24 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marcos Feliciano..... 76
Figura 25 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano..... 76
Figura 26 – Meme Karl Marx..... 77
Figura 27 – Meme Foucault e Sartre 78
Figura 28 – Produtos MBL 79
Figura 29 – Meme MBL 79
Figura 30 – Meme MBL..... 79
Figura 31 – Meme MBL..... 79
Figura 32 – Meme do MCC 80
Figura 33 – Meme do MCC..... 80
Figura 34 – Meme do MCC..... 81
Figura 35 – Meme do MCC..... 81
Figura 36 – Discursos contra a Camila Pitanga 81
Figura 37 – Discurso contra o ex-presidente Lula..... 81
Figura 38 – Discursos contra a Camila Pitanga..... 82
Figura 39 – Postagem do professor universitário sobre o caso Deborah Fabri 82
Figura 40 – Meme misógino contra a então presidenta Dilma 83
Figura 41 – Notificação e posse de Michel Temer: golpe de homens brancos 84
Figura 42 – Letras de música..... 97
Figura 43 – Trechos do relato de experiências homofóbicas 99
Figura 44 – Ataque fascista pelo “bate-papo do Facebook”..... 101
Figura 45 – Narrativa sobre o posicionamento do Colégio Pedro II..... 103
Figura 46 – Caso Matheusa..... 104
Figura 47 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias..... 104
Figura 48 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias..... 104

Figura 49 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias..... 104
Figura 50 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias 104
Figura 51 – Rastros da fala de Deputado Federal Alberto Fraga sobre a morte da Vereadora Marielle Franco 106
Figura 52 – Rastros da fala do delegado Jorge Ferreira sobre a morte da Vereadora Marielle Franco 106
Figura 53 – Rastros da fala da desembargadora Marilia Castro Neves sobre a morte da Vereadora Marielle Franco 106
Figura 54 – Componentes das Pedagogias Ciberfascistas 110
Figura 55 – Rompendo os enquadramentos hetero*cis*normativos 113
Figura 56 – Rompendo os enquadramentos hetero*cis*normativos 113
Figura 57 – Rompendo os enquadramentos hetero*cis*normativos 113
Figura 58 – Rompendo os enquadramentos hetero*cis*normativos 113
Figura 59 – Um ativista enfrenta uma marcha de 300 neonazistas na Suécia 115
Figura 60 – #Comunidade: Movimento ele não 116
Figura 61 – #Comunidade: Mulheres contra Bolsonaro. 116
Figura 62 – #Grupo: LGBTQI+ Resistência pela Democracia 117
Figura 63 – #Página: Terreiros pela democracia 117
Figura 64 – #Grupo: Professores pela Democracia 117
Figura 65 – #Grupo: Foro Resistência Democrática 118
Figura 66 – Página Barbie fascista no Facebook 120
Figura 67 – Memes da página Barbie fascista 120
Figura 68 – Página Barbie e Ken cidadãos de bem no Facebook..... 121
Figura 69 – #Memes da página Barbie e Ken cidadãos de bem..... 121
Figura 70 - Gorilas é o rótulo do álbum de Jacky Alciné no Google Photos..... 123
Figura 71 – Robô feminista Beta..... 124
Figura 72 – Acionando a Robô feminista Beta via bate-papo do Facebook..... 125
Figura 73 – Alerta da robô feminista Beta via bate-papo Facebook..... 126
Figura 74 – Dia da Selfie..... 130
Figura 75 – *Selfie* sobre *Celebrate Pride*..... 130
Figura 76 Opção “Adicione um tema à sua foto de perfil”..... 131
Figura 77 – Fotos de perfil dxs interlocutorxs de pesquisa- #UerjResiste..... 132
Figura 78 – Foto de perfil - “Escola sem pensamento crítico não é escola”..... 137

Figura 79 – Página Facebook: “Professores contra o Escola Sem Partido”..... 142
Figura 80 – Página Facebook: “Movimento Liberdade para educar”..... 142
Figura 81 – Meninos do Colégio Pedro II vão à escola de saia em apoio à colega Transexual..... 145
Figura 82 – Alunas “decoram” faculdade com frases machistas de professores.. 146
Figura 83 - Jovens fazem ato para apoiar aluno repreendido por usar batom em escola: caso viralizou nas redes sociais e foi o segundo assunto mais comentado no Twitter nesta quinta-feira 147
Figura 84 – Estudantes usam saia na Inglaterra 148
Figura 85 – **#meubolsominionsecreto** em grupos de discussão e páginas online 153
Figura 86 – Componentes das pedagogias ciberinsurgentes..... 158
Quadro 1 – Pedagogias ciberfascistas e pedagogias ciberinsurgentes..... 159

SUMÁRIO

	IMPLICAÇÕES COM/DA PESQUISA	15
1	**CARTOGRAFIA ONLINE**	31
1.1	**Inspirações teóricas e filosóficas das pedagogias ciberculturais**.....	31
1.2	**Compondo as teorizações cartográficas**.....	35
1.3	**Pensando-praticando a pesquisa cartográfica online**.....	39
1.4	**Traçando linhas cartográficas online**.....	41
1.4.1	Linha 1 – Ética-estética-política da existência na pesquisa acadêmica....	43
1.4.2	Linha 2 – Ambiências de pesquisa.....	46
1.4.3	Linha 3 – Ferramentas conceituais de análise: discursos, enunciados e conversas.....	48
1.4.4	Linha 4 – Produções de mundos: como atribuímos sentidos ao que pesquisamos?.....	49
2	**PEDAGOGIAS CIBERFASCISTAS À BRASILEIRA**.....	51
2.1	**Teorizações sobre os fascismos**.....	52
2.2	**Pedagogias ciberfascistas**.....	62
2.3	**Cartografia das pedagogias ciberfascistas**.....	68
2.3.1	Das manifestações de junho 2013 à emergência da nova direita na/em rede.....	69
2.3.2	Odiados pela nação: os ataques das abelhas online.....	74
2.3.3	Ações e instrumentos didático-pedagógicos: para desdemocratização.....	86
2.3.4	Ensinando-aprendendo a odiar: processos deformativos das abelhas.....	92
2.3.5	Práticas ciberfascistas.....	101
2.4	**Reflexões (in)conclusivas**.....	107
3	**PEDAGOGIAS CIBERINSURGENTES**.....	111
3.1	**Teorizações sobre insurgências**.....	112
3.2	**Pedagogias ciberinsurgentes**.....	122
3.3	**Cartografia das pedagogias ciberinsurgentes**.....	127
3.3.1	Experiências formativas em/na rede para uma vida não fascista: a politização de si através da selfie.....	128
3.3.1.1	#UERJResiste.....	131
3.3.1.2	#Escola sem pensamento crítico não é escola!.....	136

3.3.1.3 Eu, você e nós em movimento em/na rede: (in)conclusão..... 143
3.3.2 Aprendendo-ensinando a insurgir com os acontecimentos..... 144
3.4 **Achados (in)conclusivos**..... 156
TESSITURAS CONCLUSIVAS DE PESQUISA..... 159
REFERÊNCIAS..... 173
APÊNDICE A – DESENHO DIDÁTICO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA..... 189

IMPLICAÇÕES COM/DA PESQUISA

Faço parte do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade (GENI)[2], coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Pocahy, orientador desta pesquisa cartográfica *online*. Também faço parte do Grupo de Pesquisa em Docência e Cibercultura (GPDOC), coordenado pela Profa. Dra. Edméa Santos, que também foi minha orientadora de mestrado. Ainda que este texto seja assinado por mim, individualmente, quero enfatizar que a pesquisa é fruto de um trabalho coletivo atravessado por muitas redes e parcerias intelectuais: orientador e orientadora; grupos de pesquisa a que estou filiado; todxs[3] com quem convivi no ProPEd/UERJ; todas as comunidades acadêmicas em que me encontro inserido; autorxs, especialmente xs envolvidxs diretamente com as revistas *ReDoC*[4], *Periferia*[5] e *Interfaces na Educação*[6], nas quais atuei/atuo como editor; interlocutorxs envolvidxs direta e indiretamente nesta pesquisa; movimentos sociais; teóricxs; redes internacionais entre tantxs outrxs interlocutores que me deslocaram e me ajudaram a movimentar as ideias tecidas neste texto.

Parto do pressuposto de que, a todo instante, a vida cotidiana se apresenta, me levando a agir, tomar posições, traçar conexões, desfazer e refazer outras, me transformando nos fluxos e contrafluxos do viver, habitar e partilhar. Ela, a vida, me põe em múltiplos movimentos, às vezes inesperados, inusitados, movediços, os quais me

---

[2] Link para o site do Grupo de Pesquisa: https://geniuerj.wixsite.com/geni

[3] "Faço uso do sinal «x» como forma de colocar sob rasura noções consagradas e inflexões binárias de gênero. A noção de que certos conceitos, expressões, noções 'não servem mais – não são mais "bons para pensar" – em sua forma original, não reconstruída'. (HALL, 2001, p. 104). Portanto, mais do que fazer caber múltiplos gêneros ou posições de sexualidade através de sinais como o próprio X ou @, *, #, _, ´e´, etc., tento com essa rasura linguística evidenciar que a gramática marca a diferença. Não se trata de uma forma inclusiva, embora guarde essa potencialidade, mas justamente desejo expor que a linguagem não somente não é neutra, mas que corresponde a uma arena de disputa sobre regimes de visibilidade que se articulam vivamente na produção e na marcação da diferença. Ao mesmo instante, introduz-se aqui uma materialidade estética (estilística do signo e do sinal) que corresponde de uma disposição ética, abrindo os termos de uma agonística (política) da/na/com a língua." (POCAHY, 2019, p. 88).

[4] https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/re-doc/index

[5] https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/index

[6] https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/index

ajudam a refletir sobre minhas próprias práticas, experiências e (in)certezas[7]. São movimentos que me modificam, desdobram-se em dilemas, questões de estudo e implicações que me levam a pensar-fazer[8] esta pesquisa cartográfica *online*.

> A ideia de implicação sugere que o processo de conhecimento não se efetiva sob a égide exclusiva de uma determinada racionalidade. Pelo contrário, o conhecer estabelece-se a partir de outros vários planos: das motivações mais profundas do pesquisador (inconscientes?), de seus desejos, de suas projeções pessoais, de suas identificações, de sua trajetória pessoal (MARTINS, 1998, p. 29).

Mais especificamente, esta "pesquisa cartográfica" de tese *online* (DELEUZE; GUATTARI, 1995; 2004; ROLNIK, 2016; PRECIADO, 2017; POCAHY, 2014) decorre de implicações de minha história de vida, meu processo formativo e da minha prática como docente-pesquisador *online*; e das minhas experiências na/com[9] a vida cotidiana que resultaram nesta tese intitulada "**#Pedagogiasciberculturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos?"**. Gostaria de pontuar que essas implicações são atravessadas por "intersecções" (AKOTIRENE, 2018) que me constituem, como de gênero, sexualidade, raça, território, formação, entre outras. Elas me ajudam a entender as minhas movimentações na vida cotidiana como homem, branco, *cis*, gay, e como o meu corpo branco é um corpo que transita em múltiplos contextos, gozando de inúmeros "privilégios".

Inicio a cartografia da minha primeira implicação com a pesquisa a partir da minha história de vida. Hoje tenho o privilégio de morar em Copacabana, na zonal sul do Rio de Janeiro, considerada a região mais nobre do município, a preferida pelos turistas por ter mais atrativos, a que contém os bairros com o metro quadrado mais caro do país (Leblon e Ipanema) (ZONASUL, 2020[10]); mas antes fui morador de Cordovil, bairro do subúrbio carioca, onde convivi com meu avô, que frequentemente me narrava o período em que

---

[7] Neste texto, empregamos entre parênteses alguns prefixos e sufixos para demarcar a possibilidade de múltiplas leituras e sentidos relacionados a determinadas palavras.

[8] Neste texto, empregamos pensar-fazer encadeados por hífen para indicar a não separação entre o fazer e o pensar, assim como adotamos outras composições vocabulares (como poder-saber, corpo-vida, espaço-tempo etc.) para desconstruir as dicotomias que organizaram o pensamento das ciências na Modernidade.

[9] Neste texto, empregamos a barra diagonal entre palavras para indicar a possibilidade de múltiplas leituras e sentidos.

[10] https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_Sul_(Rio_de_Janeiro)

atuou como combatente de guerra na Itália. Muitas vezes ele relatava que, naquele tempo, não se tinha muita conversa, o medo era propagado diariamente e a violência do Estado era baseada na aniquilação dos contrários à sua política e gestão. Muitos dos relatos dele me ajudaram/ajudam a entender, em parte, o momento histórico, social, político, econômico e psicológico que vivemos hoje, sobretudo porque lá, de forma semelhante ao que percebo estar ocorrendo por aqui, o ódio ao inimigo era presença constante no cotidiano de meu avô e qualquer umx poderia ser a próxima vítima.

Traduzindo para o nosso cotidiano, o ódio ao inimigo me remete às práticas de usuárixs, empresárixs, fundamentalistas religiosxs, grupos privilegiadxs, políticxs... que atuam em/na rede promovendo medo, opressão, insegurança, ataques, e que se autointitulam "cidadãos de bem" (Figura 1). É um ódio que, em nome de um ideal hetero*cis*normativo branco-racista, vem cegando muitas pessoas e letalizando as vidas dissidentes: negrxs, LGBTI+, mulheres, indígenas, pobres, nordestinxs, idosxs...

Cabe destacar que, para fazer a pesquisa cartográfica *online*, produzo teorizações com imagens e, mais do que somente analisá-las, uso as imagens para pronunciar analiticamente, disparar problematizações e calcar meus argumentos de investigação. Elas são pensadas-usadas, aqui, em termos de agenciamentos coletivos de enunciações imagéticas que compõem redes discursivas. A ideia de agenciamento é mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma. "Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento é concebido para substituir 'complexo' freudiano" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 317).

Figura 1 – Meme cidadão de bem[11]

Fonte: Know Your Meme. Acessado em 21 de dezembro de 2020.

O ódio a um "suposto inimigo", as diferenças, está cada vez mais potencializado, materializado, autorizado, compartilhado e manifestado com a retomada da direita conservadora ao poder, sobretudo nos períodos pré, durante e pós-golpe de 2016 contra a nossa democracia. Vale ratificar que esse ódio não é gratuito, não vem do nada, ele é uma dimensão de uma racionalidade político-econômica que, atualmente, é chamada de "neoliberalismo", se utiliza – desde sempre –, por exemplo, do marcado da diferença de raça para organizar a vida cotidiana em nossa sociedade.

O ódio às diferenças está entranhado tanto na macropolítica como na micropolítica (GUATTARI, 1981). Na macropolítica, o ódio se faz presente em múltiplas ambiências e redes, é potencializado em tempos de crise do capital, de um ideal hegemônico de Estado-nação: branco, racista, machista, classista, cristão etc., e do jogo de necrobiopoderes (FOUCAULT; 2006; BENTO, 2018). Jogo é visto aqui como um "conjunto de regras de produção da verdade. Não um jogo no sentido de imitar ou de representar" (FOUCAULT, 2006, p. 282). O necrobiopoder é compreendido como um "conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver" (BENTO, 2018, p. 7).

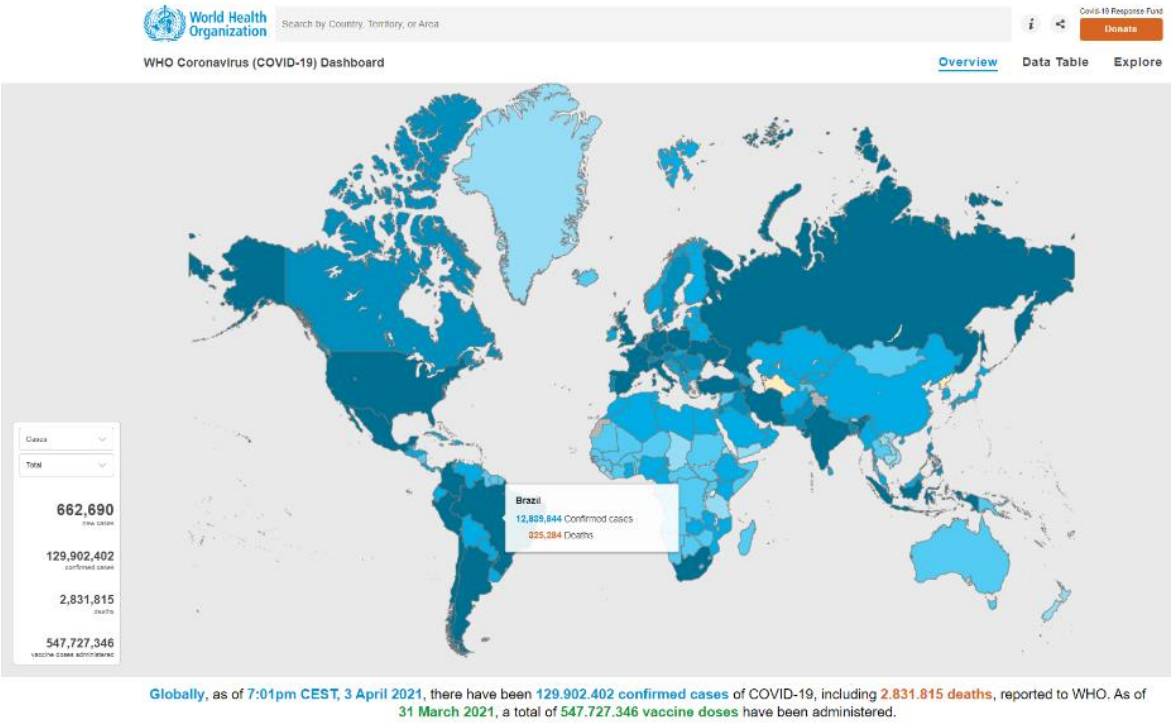
[11] Não concordamos com a informação descrita na embalagem: "Atenção: contém uma criança de 42 anos".

Já na micropolítica, o ódio a um suposto inimigo se faz presente nas relações cotidianas, principalmente quando x outrx é marcadx e vistx como um corpo desviante, abjeto, anormal, que deve ser tratado, passar por um processo de assepsia e, em muitos casos, exterminado. Esse ódio está dentro-fora de nossos próprios corpos e desejos, e é compartilhado por diversos meios, linguagens e espaços-tempos: arte, ruas, universidades, escolas, na internet (via redes sociais) ...

No Brasil, o ódio ao inimigo vem, desde 2018, contando com uma importante máquina propagadora e desejante odiosa, o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, político de extrema direita. Suas ideias-falas, como exemplificadas no lema de sua campanha eleitoral "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" – que se assemelha ao brado nazista "Alemanha acima de tudo" ("*Deutschland über alles*") –, evidenciam um ódio de viés fascista ao inimigo, dado que estão alinhadas às práticas (ultra)nacionalistas, xenofóbicas, cristofacistas – de setores de igrejas cristãs totalitários (SÖLER, 1970) –, sexistas, machistas, racistas, LBGTI+fóbicas, de morte às diferenças, contra o conhecimento científico...

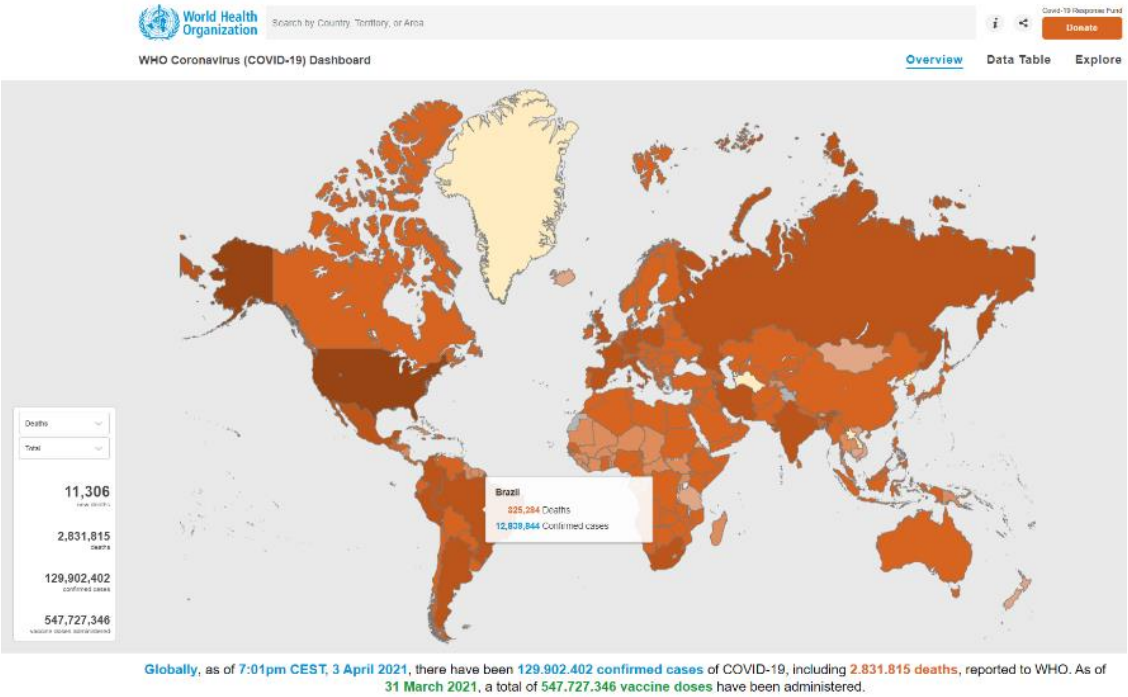
Pontuamos que a pandemia da covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, "o novo coronavírus", ceifou muitas vidas, deixando sequelas e dores em tantas outras. Inúmeros países foram severamente afetados pela pandemia, muitos deles declararam Estado de Calamidade Pública e adotaram medidas severas de seguridade, como o fechamento total de diversas cidades e fronteiras, o chamado *lockdown*. Dados disponibilizados e divulgados pela Organização Mundial da Saúde/OMS, acessados em 3 de abril de 2021, registram cerca de 130 milhões de casos (Figura 2) e 2,8 milhões de mortes (Figura 3) pela covid-19, conforme detalhado a seguir:

Figura 2 – Dados de casos de Covid-19 Mundo



Fonte: WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard - Organização Mundial da Saúde/OMS. Acessado em 3 de abril de 2021.

Figura 3 – Dados de mortes de Covid-19 Mundo



Fonte: WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard - Organização Mundial da Saúde/OMS. Acessado em 03de abril de 2021.

Nesse contexto pandêmico, hospitais ficaram sobrecarregados, mortos amontoados, parentes e amigos impedidos de velar os corpos de seus entes queridos,

pessoas isoladas fisicamente por conta da quarentena, escolas e universidades fechadas, cidades fantasmas, guerras entre estados para obter insumos para a saúde, aumento de violência doméstica, politização da vacina, entre outros fatos lamentáveis, nefastos....

Por causa da gestão desumana da covid-19 pelo governo no Brasil, temos acompanhado e presenciado o aprofundamento das desigualdades sociais, econômicas e de acesso a bens materiais e imateriais. A má gestão bolsonarista da covid-19 tem exposto ainda mais as vísceras das misérias humanas, complexificou e aumentou o contexto de vulnerabilidade e precarização da vida (com pessoas em situação de rua e famílias passando fome). As falas proferidas pelo presidente Bolsonaro sobre a pandemia mostram fragmentos dessas desumanidades:

> **09/03/2020 –** "Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está **superdimensionado**, o poder destruidor desse vírus." (Fala direcionada à imprensa, pois, segundo Bolsonaro, a imprensa exagerava sobre a gravidade da doença - BBC News/Brasil, 2020).
>
> **24/03/2020 –** "Pelo meu **histórico de atleta**, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma **gripezinha ou resfriadinho**, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão." (BBC News/Brasil, 2020).
>
> **29/03/2020 –** "Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas **enfrentar como homem**, **porra. Não como um moleque.** Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. **Tomos nós iremos morrer um dia**." (BBC News/Brasil, 2020).
>
> **24/04/2020 –** "**Não sou coveiro**, tá?" (G1/Globo, 2020)
>
> **28/04/2020** – "**E daí**? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre." (BBC News/Brasil, 2020).
>
> **24/10/2020** – "**Vacina obrigatória só aqui no (cachorro) Faísca**." (NotíciasUOL, 2020).
>
> **11/11/2020** – "Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um **país de maricas**. [...] **Que geração é essa nossa**? [...] **tudo agora é pandemia**, tem que acabar esse negócio, pô." (NotíciasUOL, 2020).
>
> **19/12/2020** – "**A pandemia, realmente, está chegando ao fim**. Temos uma pequena ascensão agora, que chama de pequeno repique que pode acontecer, mas **a pressa da vacina não se justifica**." (Saúde/Estadão, 2020).

A outra implicação desta pesquisa cartográfica *online* emerge também do meu processo formativo e da minha prática como docente-pesquisador. Na pesquisa de mestrado sobre "Atos de currículo na educação *online*", concluída em 2015 no ProPEd/UERJ, propus, junto axs estudantes da disciplina de Informática na Educação do curso de Pedagogia a distância da UERJ/CEDERJ/UAB, atividades de produção colaborativa de texto (*wiki*), vídeos, histórias em quadrinhos (HQ), realidade aumentada (RA) ... Ao longo das atividades, algumas estudantes relataram violências sofridas – de gênero e de sexualidade – e observei (micro)movimentos de insurgência, apoio e solidariedade realizados pelxs colegas estudantes por meio de *e-mails*, fóruns de discussão, grupo da disciplina no WhatsApp e bate-papo/*inbox* via Facebook. Um dos movimentos de apoio e solidariedade que emergiu na disciplina, de iniciativa dxs próprixs estudantes, foi ensinar a denunciar a violência doméstica contra a mulher e a apagar o rastro do que foi acessado *online*, uma vez que muitas estudantes relatavam que não estavam interagindo nas atividades porque os maridos não permitiam (só deixavam na presença deles). Uma outra movimentação realizada na disciplina foi a avaliação negativa feita pelxs estudantes de um vídeo com conteúdo LGBTI+fóbico postado por um dos grupos de colegas.

Esses acontecimentos no meu processo formativo como docente-pesquisador *online* revelam como esses processos são constituídos e atravessados por múltiplas complexidades, exigindo a todo instante deslocamentos, movimentações e tomadas de posição que me mobilizam múltiplas reflexões sobre a prática da pesquisa com a formação docente e os usos das tecnologias digitais em rede. Os acontecimentos contribuem para a nossa própria produção, a produção de si – ser, estar e tornar-se –, a partir de fabricações de processos formativos complexos e irredutíveis que reconfiguram os nossos pensamentos, as nossas práticas cotidianas e as relações que estabelecemos com x outrx e com o mundo.

> O acontecimento [...] não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais, não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em dispersão material (FOUCAULT, 2013a, p. 54).

Outra implicação que ressalto está relacionada aos acontecimentos cotidianos que me atravessam. Só para dar um exemplo de acontecimentos marcantes de meu cotidiano, destaco a experiência que eu e meu marido vivenciamos no dia 18/08/2018.

Caminhávamos em direção à Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ (EAV) para ver a reabertura da exposição *Queermuseu*[12]. Aguardando a abertura do semáforo para atravessarmos a rua, já em frente à entrada do Parque Lage, nos deparamos com um grupo de sujeitos fascistas do Movimento Brasil Livre (MBL), que foi um dos grupos envolvidos nos ataques e no fechamento dessa mesma exposição no Santander Cultural[13], em Porto Alegre, no ano anterior. No mesmo instante fiquei preocupado porque poderíamos ser atacados por eles. Ao entrarmos no Parque Lage, observei que xs integrantes daquele grupo começaram a gritar palavras de ordem, a filmar as pessoas e a fazer convocações *online*, via celulares, chamando seguidorxs para saírem de casa e irem até o local da exposição. Perguntavam para as pessoas que ali aguardavam a abertura da exposição se eram a favor da pedofilia e da zoofilia, se eram a favor do aborto e nos acusavam de estarmos promovendo a ideologia de gênero. Ficamos muito impressionados com aquelas pessoas do MBL, que acordaram cedo naquele final de semana nublado e garoando, não para ver uma exposição, mas para tentar nos impedir de vivê-la; saíram do aconchego de seus lares para ocupar um espaço-tempo que estava voltado para artistas e pessoas LGBTI+, feministas e representantes de diversos movimentos sociais, além dos amantes de arte contemporânea. Por questão de segurança coletiva, ficaram restritas a um determinado espaço do Parque Lage e, embora estivessem fazendo muito barulho, não obtiveram a atenção de quase ninguém. As vaias dirigidas àquelas pessoas do MBL eram intensas, assim como os gritos de apoio à reabertura da exposição. O discurso proferido pelo curador da exposição, Gaudêncio Fidélis, que se encontra transcrito na epígrafe desta tese, emocionou a todxs nós, não só por ser uma resposta àquele grupo, mas por destacar a importância de sermos resistência ao movimento fascista presente em nosso país.

As práticas do MBL na reabertura da *Queermuseu* deixam evidentes não só a manifestação do ódio, mas principalmente o desejo fascista de norma, de querer que todxs sejam iguais, que tenham uma única maneira de ser, viver e subjetivar: cristã, hetero*cis*sexual, a favor da "família natural"... e aquele grupo acredita ser preciso

---

[12] http://eavparquelage.rj.gov.br/queermuseu

[13] Cabe informar que esse fechamento teve consequências. Além da demissão do superintendente do espaço à época, Carlos Eugênio Trevi, o Santander mudou o nome do espaço (virou Farol Santander Porto Alegre) e mudou toda sua proposta, passando o espaço de reflexão sobre arte e sociedade a ser mais um local de propaganda do empreendedorismo.

exterminar todos os corpos dissidentes ao desejo da norma fascista, como o meu, o de meu marido e de nossxs colegas LGBTI+.

As implicações relatadas aqui desdobram-se em novos horizontes, inquietações e proposições que resultaram nesta pesquisa cartográfica *online*. Nesse contexto, decidi investigar, ao longo do meu doutoramento, a seguinte questão de pesquisa: **Compreender como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos em tempo de cibercultura.** Gostaria de enfatizar que o sentido empregado à palavra "compreender" vem do latim *praetenere*:

> [....] compreender é apreender e explicitar em conjunto, é criar relações, englobar, integrar, unir, combinar, conjugar e, com isso, qualificar a atitude atentiva e de discernimento do que nos rodeia e de nós mesmos, para apreender o que entrelaça elementos no espaço e no tempo, cultural e historicamente. É um modo de atenção construído no entre dois, nas relações, no entre nós comunitário. Desse modo, um fenômeno complexo de denso sentido existencial e político em ato (MACEDO, 2010, p. 31).

Pensamos-fazemos[14] esta pesquisa cartográfica *online* considerando que vivemos em tempos de cibercultura (LEMOS, 2007; LÉVY, 2010; SANTOS, E., 2014), que é a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede, que vem abrindo novas possibilidades de experimentação de si, com x outrx e com o mundo, reconfigurando as relações sociais, os processos formativos e a forma como nos comunicamos.

> As tecnologias digitais em rede - que se materializam em diversos suportes, plataformas e sistemas lógicos – em interface com as cidades, o ciberespaço e os artefatos técnico culturais - vem instituindo cotidianamente a cultura contemporânea, cultura digital ou cibercultura como preferimos nomear. Esse híbrido entre territórios físicos, eletrônicos e simbólicos, portanto representativo, configura o contexto onde diversos fenômenos vêm emergindo, modificando e produzindo novos arranjos às expressões de cidadanidade (FRANÇA, 2018), práticas culturais e processos educacionais, protagonizados por adultos, crianças e jovens. A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade–ciberespaço (SANTOS; FERNANDES; YORK, 2020, *ONLINE*).

Entendemos que problematizar a cibercultura é também discutir a cultura digital (LUCENA, 2014), a sociedade em rede (CASTELL, 2015), a sociedade do controle

---

[14] Utilizo a 1° pessoa do plural a partir daqui, pois a fabricação desta tese é também produzida em coautoria com o meu orientador e com outrxs interlocutores de pesquisa.

(DELEUZE, 1992) ou a sociedade das telas (LIPOVETSKY; SERROY, 2011). Todas essas diferentes denominações da sociedade contemporânea sugerem que estamos vivendo intensa e disputada produção de sentidos em diferentes espaços-tempos por onde nos movimentamos e subjetivamos. "Problematizar" é pensado, nesta tese, na acepção foucaultiana, que se refere a "realizar um movimento de análise que possibilita compreender como um conjunto de práticas discursivas ou não discursivas faz 'algo' entrar no jogo do verdadeiro e do falso e, ao mesmo tempo, constitui este algo como objeto para o pensamento" (POCAHY, 2011, p. 19).

A cibercultura é composta por múltiplas práticas, estéticas, linguagens, formas de viver, habitar, se comunicar e partilhar. Cultura marcada, segundo André Lemos (2007), pelo princípio da "liberação do polo de emissão", que possibilita a comunicação todxs-todxs em diversos espaços-tempos, diferenciando-se assim da sociedade dos meios de massa, fazendo emergir a sociedade pós-massiva. Outro princípio desse autor sobre a cibercultura é a "conexão em rede", que se refere a entrar em conexão com outros para trocar informações, circular, distribuir. Com a liberação do polo de emissão e com todxs conectadxs em rede, tem ocorrido o que Lemos denomina "reconfiguração sociocultural", um outro princípio da cibercultura que se refere a modificações de práticas existentes e à emergência de novas práticas culturais. A cibercultura instaura uma estrutura midiática única, em que qualquer pessoa pode "produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com os outros, reconfigurando a indústria cultural (massiva)" (LEMOS, 2007, p. 36).

Nos últimos anos, os espaços-tempos *online* se transformaram numa arena de guerra, lutas e disputas de narrativas que, através da artilharia da postagem-comentário, do *like*, da visibilidade e dos algoritmos, têm reconfigurado o modo como nos relacionamos. Essas práticas em/na rede têm potencializado manifestações de ódio e a pulsação dos desejos fascistas, reverberando na vida cotidiana por meio de práticas de desumanização dx outrx e brigas e rompimento de relações entre familiares, amigxs, amigxs de amigxs, colegas de trabalho etc. Essas práticas têm potencializado também movimentos insurgentes e outras maneiras de expandir as existências das diferenças, produzindo redes de apoio e solidariedade. Tais práticas são múltiplas e mobilizam inúmeras pedagogias. Compreendemos a pedagogia como uma prática, um meio, uma *techné*, um modo de conduzir condutas dentro de um campo de ação – de condução. Aqui, temos apostado em termos de "pedagogias ciberculturais" (FOUCAULT, 2006; 2008; 2013a; 2017a), aquelas que visam a conduzir-agenciar os sujeitos a determinadas práticas

mediadas pelas tecnologias digitais em rede. Aprofundamos as discussões sobre pedagogias ciberculturais no Capítulo 2.

No processo de fabricação desta tese, também tomamos posições em relação às epistemologias, metodologias e teorias, posições que, obviamente, não são neutras. Para pensar-fazer esta pesquisa, optamos por recorrer aos estudos pós-estruturalistas, que partem das discussões foucaultianas, deleuzianas, guattarianas, *queers*, feministas, (ciber)culturais, entre outras, conforme detalhado no Capítulo 2 desta tese. Consideramos importante ratificar que, "ao reafirmar o caráter fabricado/ficcional e político de uma pesquisa-in[ter]venção, questionando o lugar de quem pode ou não dizer ou conhecer algo, estamos contestando as formas autorizadas do conhecer e de quem está autorizado/a a conhecer" (POCAHY *et al*., 2014, p.151).

Tomamos o contexto cibercultural como ambiência desta pesquisa, principalmente os sistemas de redes sociais, tais como Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp (com a nossa atenção voltada aos usos que são feitos dessas/nessas redes); *sites*/plataformas de informação e notícias; práticas, movimentos e acontecimentos que emergiram *online* e reverberam nas ruas, e vice-versa; e o episódio "*Hated in the Nation*" ("Odiados pela Nação"), da série da *Black Mirror*, como disparador para teorizar as experiências cotidianas emergentes em/na rede. Recorremos a essas ambiências entendendo que elas podem nos ajudar a pensar de que maneira as pedagogias que emergem como práticas da cibercultura reverberam naquilo que nos tornamos, nos levam a agir, nos conduzindo a determinadas experiências deformativas e desformativas no presente.

A ideia de "deformação" é vista, aqui, como uma aposta de negatividade; está conectada aos modos de governar que se alinham a uma inteligibilidade fascizante, voltada aos enquadramentos hetero*cis*normativos branco-racistas dos corpos, à desumanização dx outrx e, no extremo, letalização da diferença – ali onde a vida (na diferença) se torna letal (POCAHY, 2019). Isso se aproxima em certa maneira daquilo que Rolnik (1997) chamava de "toxicômanos de identidade", para referir-se ao desejo de permanecer x mesmx, ou seja, àquelas pessoas que se tornam vigilantes da moral, fanáticas, com sede de eliminar ou excluir todas as existências que não se aproximem de uma determinada norma; desejando a norma e/ou o desejo do estado.

Em contrapartida, temos pensada a ideia de "desformação" como uma aposta de positividade (inspirações *queers*[15]), no sentido da crítica aos modos de governar dentro da inteligibilidade hetero*cis*normativa branco-racista, de um ideal de humano que se produziu nos rastros da modernidade, que vem reverberando nos dias de hoje. "Desformação" é pensada, aqui, a partir daquelas múltiplas experiências formativas que os corpos nomeados como "desviantes", "abjetos", produzem como alternativas para tentar se manter vivos, a partir de outras formas de habitar a vida cotidiana, de se formar e ser formado com outrxs corpos desviantes avessos aos enquadramentos normativos, subvertendo-os, insurgindo-se, sempre que possível.

Por meio dos dados analisados nesta tese, buscamos cartografar como as pedagogias ciberculturais aparecem, se constituem, suas formações históricas, operacionalizações em rede, desdobramentos na micro/macropolítica da vida cotidiana. Como desdobramento dos dados analisados, chegamos (produzimos) às noções de "pedagogias ciberfascistas" e "pedagogias ciberinsurgentes".

Para "**acompanhar-analisar as pedagogias ciberfascistas presentes em nosso cotidiano**", cartografamos (Capítulo 3) algumas práticas ciberfascistas que atravessaram nosso cotidiano e discutimos suas representações e políticas de sentido, articulando-as com as discussões sobre o fascismo e com os estudos interseccionais sobre gênero, sexualidade, classe, raça, formação... Para isso, fizemos o recorte da busca por rastros a partir das jornadas de junho de 2013 em diante, até a data de defesa desta tese. Optamos por usar as jornadas de junho de 2013 como baliza temporal nesta tese pelo fato de essas jornadas fornecerem vestígios densos e complexos da emergência da nova direita em nosso país, uma vez que elas serviram de plataforma de disputas políticas. A partir dos rastros das jornadas de 2013, traçamos práticas, processos de subjetivação, enunciados, discursos que promovem a letalização da diferença (POCAHY, 2018) e que também podem ser vistos como ambiências deformativas fascistas, incubadoras de ódio.

Por meio dos rastros cartografados *online*, chegamos ao entendimento de que pedagogias ciberfascistas são operacionalizadas para governar as condutas dos sujeitos por meio da produção, partilha e viralização de práticas e de conteúdos odiosos contra as diferenças, destruindo a humanização dx outrx, transformando-x em coisa, objeto, algo

---

[15] "A teoria queer inscreve-se nas discussões atuais sobre gênero e sexualidade inspirada nas concepções pós-estruturalistas de sociedade, de conhecimento, de cultura, de política como forma de desestabilizar os modelos hegemônicos de vivência do gênero e da sexualidade" (RIOS; MELLO; e DIAS, 2018, p. 106).

sem vida. Sobre essas pedagogias, identificamos no Capítulo 3 desta tese processos de subjetivação em múltiplas ambiências que, de certa maneira, vêm deformando os sujeitos na contemporaneidade, levando-os a odiar as diferenças. Nesse fluxo, buscamos circunstanciar e analisar os significados produzidos nos processos de subjetivação contemporâneos. As teorizações das pedagogias ciberfascistas partem de interlocuções conceituais das pedagogias da crueldade (SEGATO, 2018), dos processos de formação histórica dos fascismos (ECO, 2018; KONDER, 1977; SILVA, 2000) e de discussões recentes que tratam das reconfigurações dos fascismos no presente, como o fascismo digital (HELBING, 2017), fascismo viral (DUARTE, 2015) e os microfascismos (FOUCAULT, 1976; 1993; GUATARI, 1987).

Há também na vida cotidiana em/na rede pedagogias que se rebelam contra todas as formas de fascismos, como as pedagogias ciberinsurgentes, que operam por redes de indignação, solidárias e ético-estético-políticas. São mobilizadas pelxs sujeitxs em alianças com xs outrxs sujeitxs, tendo como objetivo, entre outros, encorajar e ajudar a denunciar suas dores e anunciar intervenções de lutas e insurgências, além de potencializar múltiplas intervenções nas cidades e redes digitais, e a promover lutas a favor de causas humanitárias, sociais, civis, ecológicas, econômicas etc. As pedagogias ciberinsurgentes são operacionalizadas por partilhas-viralizações que visam a ampliar/dilatar a convivência entre as diferenças, a existência das vidas dissentes, o fortalecimento dos laços sociais, a cidadania horizontal.

Acompanhamos e participamos de (micro)rebeliões, mobilizações e práticas subversivas que contribuem para o alargamento dos territórios existenciais, principalmente contra as pedagogias ciberfascistas que ousam enquadrar e ceifar vidas dissidentes (CASTELLS, 2013; BUTLER, 2015, 2018; LOURO, 2016; ROLNIK, 2016; 2018; GONÇALVES JUNIOR; CARVALHO; POCAHY, 2018). No Capítulo 4 desta tese, cartografamos movimentos insurgentes que vão na direção contrária à das pedagogias fascistas, que foram traçados a partir de rastros de experiências cotidianas insurgentes, subversivas, ético-estético-políticas, solidárias, que nos transformam, principalmente nos espaços-tempos em que brotam e florescem vidas pulsantes que abrem possiblidades para que sejam agenciados outros entendimentos-reflexões de (e sobre) nós mesmxs.

Traço, no Capítulo 5, reflexões sobre a experiência desta pesquisa, fragmentos dos seus processos de produção: como foram mobilizadas as teorias, epistemologias, metodologias e experiências da vida cotidianas *online* que nos possibilitaram chegar a

determinados entendimentos "**de como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos em tempo de cibercultura**". Contrasto as pedagogias ciberfascistas e ciberinsurgentes cartografadas ao longo desta pesquisa, trazendo algumas das suas principais características: aproximações, distanciamentos, potencialidades, despotencialidades, operacionalizações, micropolítica, macropolítica, financiamento entre outras. Finalizo as discussões relatando as minhas experiências formativas como cartógrafo, meus aprendizados.

Cabe destacar, sobre as movimentações realizadas nesta tese, que optamos por publicar textos com resultados parciais produzidos ao longo da pesquisa, tomando como inspiração o modelo de tese em formato de coletânea de artigos (ainda que esta tese não esteja exatamente neste modelo). Realizamos tais publicações por compreendermos que essas ações possibilitariam a revisão por pares e a ampliação das discussões que estávamos tecendo ao longo do doutoramento, como também contribuiriam para a construção de um currículo que me torna mais preparado para futuros concursos para professor de universidades públicas. É claro que essa opção também é marcada, precisamos reconhecer, pelo produtivismo que nos é cobrado por estarmos e para nos mantermos num programa de pós-graduação nota 7 (nota máxima da CAPES). Como documento em meu currículo Lattes[16], do início do doutoramento (março de 2017) até o momento da defesa da tese (janeiro de 2020), foram publicados: 4 textos em revistas, 12 artigos em anais de congressos nacionais e internacionais (sendo 9 trabalhos completos e 3 resumos expandidos), 27 artigos publicados em periódicos, 9 capítulos de livro, 1 livro organizado, e 7 dossiês organizados. Essas produções foram construídas em coautorias com Prof. Dr. Fernando Pocahy, Profa. Dra. Edméa Santos, Prof. Dr. Dilton Couto, Prof. Ma. Sara York, Prof. Richard Roseno, Profa. Ma. Aline Martins, Profa. Dra. Rosemary dos Santos, Prof. Dr. Mariano Pimentel, Prof. Dr. Rafael Marques, Prof. Dr. Cristiano Ferronato, entre outrxs colegas.

Por fim, ainda sobre as movimentações realizadas nesta tese, destaco que tive o privilégio de cursar o doutorado com dedicação exclusiva, reverberando assim na minha produtividade acadêmica. Destaco também que, nos últimos três anos do meu doutoramento, fui bolsista FAPERJ, com prêmio de Bolsista nota 10, e bolsista de doutorado-sanduíche sob a supervisão da Prof. Dra. Gracia Trujillo, da Universidad

---

[16] http://lattes.cnpq.br/8539464540238508

Complutense de Madrid/Espanha, o que me possibilitou aprofundar as discussões desta pesquisa em múltiplos espaços-tempos e sob diferentes óticas teóricas, filosóficas, metodológicas e epistemológicas, dilatando meu entendimento de pensar-fazer a ciência.

1 **CARTOGRAFIA *ONLINE***

"Como a gente se torna o que a gente é?". Formulada por Nietzsche em **Ecce Homo** em 1908 (NIETZSCHE, 2017), essa questão pode ser trazida para o nosso cenário contemporâneo, e é o que fazemos: como a gente se torna o que a gente é em tempos de cibercultura? Não queremos, neste espaço, apresentar respostas prontas e acabadas para a questão. Pelo contrário, buscamos tensiona-la e trazer reflexões e teorizações que nos possibilitem traçar novas rotas, aberturas e experiências.

Pensamos a questão a partir das pedagogias emergentes mediadas pelas tecnologias digitais em rede, as pedagogias ciberculturais e as suas reverberações nas macro e micropolíticas da/na vida cotidiana. Partilhamos de interlocuções teóricas e filosóficas para pensar como essas pedagogias vêm se (re)configurando nos últimos anos e se desdobrando na formação (ver 1.1).

Por meio das pedagogias ciberculturais, buscamos técnicas, meios, modos, instrumentos, jeitos que são forjados para tentar (o que não significa que consigam) conduzir ou agir sobre as condutas em/na rede de modo a produzir xs sujeitxs. Para isso, assumimos a pesquisa cartográfica *online* bricolada às discussões epistêmicas pós-estruturalistas (ver 1.2). Através dessa bricolagem, explicitamos como nos movimentamos para construir esta tese sobre as pedagogias ciberculturais (ver 1.3). Produzimos-traçamos linhas cartográficas que demarcam como pensamos-praticamos esta pesquisa em rede (ver 1.4), a saber: 1.4.1 Linha 1 – Ética-estética-política da existência na pesquisa acadêmica (ver 0); **Linha 2 – Ambiências de pesquisa** (ver 1.4.2); Linha 3 – Ferramentas conceituais de análise: discursos, enunciados e conversas (ver 1.4.3); Linha 4 – Produções de mundos: como atribuímos sentidos ao que pesquisamos? (ver 1.4.4).

Na seção a seguir, trazemos as inspirações filosóficas, teóricas, epistemológicas e metodológicas para esta pesquisa.

1.1 **Inspirações teóricas e filosóficas das pedagogias ciberculturais**

Tomamos a noção de pedagogia em articulação à noção de "governo" (Foucault, 2006a; Ó, 2009): formas/maneiras/modos específicos de conduzir os sujeitos a

determinadas experiências, condutas, processos formativos, produção de subjetividades. Como “um exercício permanente que entrecruza os comportamentos de todos e cada um de modo homólogo” (Ó, 2009, p. 100).

Pensamos os modos específicos de conduzir xs sujeitxs com uma arte, a arte de governar. Pensamos essa arte a partir das ideias tecidas por Foucault (2017) com base nas noções de Guillaume de La Perrière, segundo as quais há diversas maneiras de governar, as práticas de governo são múltiplas, muitxs são xs governantxs (ex. pedagogxs, docentes) e que estxs governam coisas. As ideias de La Perrière se contrapõem ao modelo de governo proposto por Maquiavel em **O Príncipe**, em que, *grosso modo*, o príncipe é o único em seu principado, não há outro governante; ele exerce seu poder através do território que herdou, que adquiriu. Para La Perrière, conforme analisa Foucault, governar é governar coisas, não território.

> [....] Governo é uma correta disposição das coisas de que se assume o encargo para conduzi-las a um fim conveniente [....] governo não se refere de modo algum ao território. Governam-se coisas. Mas o que significa essa expressão? Não creio que se trate de opor coisas a homens, mas de mostrar que aquilo a que o governo se refere é não um território, e sim um conjunto de homens e coisas. Estas coisas, de que o governo deve se encarregar, são os homens, mas em suas relações com as coisas que são as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com as suas qualidades, clima, seca, fertilidade etc.; os homens em suas relações com as outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que sejam os acidentes ou as desgraças como a fome, a pandemia, a morte etc. (FOUCAULT, 2017d, p. 414-415).

Outras discussões sobre tipos de governo atravessam as análises de Foucault, como as de François de La Mothe Le Vayer, que são três: “o governo de si mesmo, relacionado à moral; a arte de governar uma família como se deve, referida à economia; enfim, à ciência de bem governar o Estado, refiro à política” (*apud* FOUCAULT, p. 2006b, 287). Além disso, a discussão sobre a ideia de governo é mais ampla que as ideias de soberania, formulações jurídicas, políticas de Estado, forças produtivas.... “[O governo] não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão do Estado, mas designava a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Ao aprofundar as suas discussões sobre governo, Foucault argumenta que há um “conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, ainda que complexa, de

poder, que tem por alvo principal a população" (2006b, p. 303), que é a *governamentalidade*. Esta é operacionalizada de múltiplas formas, instrumentos, técnicas, dispositivos em uma determinada população, que podem se sobrepor, entrecruzar-se, limitar-se, anular-se e, às vezes, se reforçar. Para esse autor, a governamentalidade pode ser entendida como

> A tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não cessou de conduzir, e desde muito tempo, à preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de "governo" sobre todos os outros: soberania, disciplina, e que, por uma parte, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, de outra parte], ao desenvolvimento de toda uma série de saberes (FOUCAULT, 2006a, p. 303).

Movimentamo-nos por essa arte de governar, vista aqui também como governamentalidade. Acreditamos que ela contribui para as nossas análises sobre as pedagogias ciberculturais. Todavia, nos questionamos, em face das artes de governar, como são operacionalizadas essas pedagogias ciberculturais? Quais os seus objetivos, os instrumentos usados, como estes são acionados e se desdobram nas condutas dxs usuárixs *online*? Quais são os "limites" dessas pedagogias? Como e por que elas nos levam a agir, a tomar determinadas posições e decisões? De que maneira reverberam em nossos corpos, práticas, processos formativos e subjetivos?

As pedagogias ciberculturais são operacionalizadas com o apoio de algoritmos. A cada página curtida, cada conteúdo compartilhado, cada texto redigido, cada nova amizade estabelecida com xs amigxs dxs amigxs em comum, x usuárix vai deixando um pouco de suas práticas e gostos registrados nas redes digitais, que, por sua vez, são mapeadas por algoritmos que têm como objetivo sugerir novas opções de escolhas que se alinhem ao perfil dx usuárix (além de serem uma invasão de privacidade e de servirem de mecanismo de controle e de vigilância por Estados e empresas). Essa governamentalidade algorítmica (SILVEIRA, 2017) movimenta xs usuárixs em diversas e plurais formas de conhecer e habitar a vida cotidiana em rede. É preciso cuidado, os "algoritmos são invenções e, como toda invenção, guarda as intenções de seus criadores" (SILVEIRA, 2017, p. 272).

Pariser (2012), no livro **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você, cita a Google como exemplo por utilizar sinalizadores (sobre o navegador que x usuárix usa, quais os termos pesquisados, de qual lugar estava conectado etc.) para tentar adivinhar o perfil e as preferências dessx usuárix e, com isso, recomendar pessoas e

coisas. Esse princípio se operacionaliza nos sistemas de recomendação, que se baseiam em várias técnicas, entre elas, uma relacionada à ideia de que "o que é relevante para mim, também pode ser relevante para alguém com interesse similar" (MOTTA *et al*., 2011, p. 231), que, no ditado popular, equivale a "diz-me com quem andas e eu te direi quem és!".

O documentário **Privacidade Hackeada** (2019) nos mostra como xs eleitorxs foram influenciadxs nas eleições americanas (Trump) e brasileiras (Bolsonaro) para presidente da República e na saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) a partir de dados usados do Facebook pela empresa inglesa Cambridge Analytica (CA). Num relato partilhado com o escritor Paul Hilder para o documentário, Brittany Kaiser, a ex-Diretora de Desenvolvimento Empresarial da CA, argumenta:

> **Brittany Kaiser** – Eu tenho provas de que as campanhas do Brexit e a campanha do Trump podem ter sido realizadas ilegalmente. E, por isso, para a minha segurança, não precisam saber onde estou.
>
> **Paul Hilder** – [....] E a ideia de uma empresa realizando uma análise populacional em larga escala e identificando os estímulos que as pessoas têm em termos do que vai mudá-los de um estado para o outro. Isso é muito desafiador para o senso de autonomia e liberdade do indivíduo, e a ideia de democracia. Não é?
>
> **Brittany Kaiser** – Eu não sei, questionaria isso. O que essa estratégia sobretudo está destinada a fazer é identificar pessoas que ainda estão considerando muitas opções diferentes, orientá-las sobre algumas das opções que estão disponíveis e, se elas estiverem em dúvida, convencê-las a escolher um ou outro.

O documentário nos ajuda a pensar como os sistemas computacionais oferecem recomendações de coisas e pessoas que consideram ser de interesse a determinadx usuárix através dos rastros deixados *online*. É assim, por exemplo, que os filtros do Facebook vão agregando usuárixs com identificações parecidas: porque curtem as mesmas páginas, porque têm amigos em comum, porque curtem conteúdos em comum (textos, vídeo, áudio e imagens). O encontro de pessoas com o mesmo perfil, o que é notadamente

potencializado nos sistemas de redes sociais, promove o apoio mútuo que potencializa a realização de múltiplas práticas. O documentário nos ajuda a pensar como as pedagogias ciberculturais são operacionalizadas-propagadas por meio de sistemas de comunicação interativos, que possibilitam a comunicação todxs-todxs, em rede; e como essas mesmas pedagogias ciberculturais são operacionalizadas por outras dinâmicas e atravessamentos nas redes.

As pedagogias ciberculturais são partilhadas, viralizadas e experienciadas diariamente; operam num fluxo 24h/07d (CARY, 20016), sem cessar. Pressupomos que estão espalhadas por toda a cidade, redes, artefatos e corpos, e as encarnamos ao longo da vida por meio de intensos processos formativos. Elas potencializam diversas dinâmicas do nosso conviver com x outrx e múltiplas "aprendizagens ubíquas" (SANTAELLA, 2010a), aprendizagens distribuídas em distintos espaços-tempos.

Essas pedagogias são balizadas, tuteladas, reguladas e atravessadas por inúmeras epistemes que nos levam a distintas formas de conhecer e se constituem como hegemônicas, como é o caso daquelas produzidas na/com/para a branquitude e a hetero*cis*normatividade. "Episteme" é vista, aqui, como "o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados" (FOUCAULT, 2008, p. 14). A episteme não é uma figura imóvel, não é o que se pode saber numa dada época, é aquilo que, na composição das práticas discursivas, torna possível a existência de uma visão e prática de mundo, no mundo e com o mundo.

Na seção a seguir, teorizamos sobre a pesquisa cartográfica.

1.2 Compondo as teorizações cartográficas

> *Todos os métodos científicos, todas as formas de racionalidade lógico-matemática, são estabelecidos com base no mesmo tecido de esquemas perceptuais, afetos, atividades imaginárias e representações que encontramos, por outro lado, na vida cotidiana, nos sonhos, na loucura ou na criação. (GUATTARI, 1989, p. 51).*

Iniciamos[17] as nossas interlocuções com as ideias das cartografias esquizoanalíticas de Guattari para pensar-fazer o método cartográfico *online*, pois nos ajudam a entender o método, não como um conjunto de passos ou regras a serem seguidas, mas sim como um conjunto de princípios de como x pesquisador/a deve se movimentar numa pesquisa. A cartografia é uma abordagem analítico-crítica das micropolíticas das formações subjetivas e das pulsações dos desejos (inclusive de morte). Essa abordagem tem origem numa forma outra de compreender o inconsciente que, na perspectiva psicanalítica, é abordado como um inconsciente ressentido: "[...] a psicanálise partia de um modelo de psique fundado no estudo das neuroses, baseado na pessoa e nas identificações, agindo a partir da transferência e da interpretação" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 322).

Já a noção de inconsciente, para a esquizoanálise, pressupõe um potencial produtivo, conectado aos fluxos contemporâneos, produzindo novas tramas e complexos, distinguindo-se daquela do "inconsciente teatral" proposto a partir de Édipo, que ainda recorre ao modelo familista tão criticado pelos movimentos pós-1968 e pela crítica ao capitalismo. "A esquizoanálise inspira-se antes nas pesquisas que versam sobre a psicose; ela recusa-se a calcar o desejo nos sistemas personalógicos; ela denega toda e qualquer eficácia à transferência e interpretação" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 322).

Tecemos as nossas interlocuções sobre a cartografia a partir dos estudos da filosofia da diferença, pós-estruturalista, pós-crítica e *queer*, pois nos fornecem outros olhares de problematizações e múltiplos caminhos para pensar a pesquisa acadêmica e os processos formativos contemporâneos. Nos rastros dessas ideias, compreendemos a cartografia como modo de problematização e de produção de mundos, a partir de um olhar-sentir outro para a vida cotidiana. Tomamos a cartografia como um processo de pensar-fazer a pesquisa não linear, hipertextual e em rede, para chegar a determinado entendimento-sentimento do mundo e das coisas, mesmo que muitas vezes inesperado e inusitado.

---

[17] As discussões epistemológicas e metodológicas sobre a Cartografia, que apresentamos neste capítulo, já foram parcialmente publicadas no artigo "O método cartográfico na/com a formação na cibercultura" (CARVALHO; POCAHY, 2020).

A cartografia é um dos princípios do rizoma. O termo “rizoma” foi tomado de empréstimo à botânica, onde ele define os sistemas de caules subterrâneos de plantas flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior” (GUATTARI; ROLNIK; 1996, p. 323). O rizoma se ramifica para todas as direções e vai tomando forma de acordo com as conexões que vão ocorrendo, conectando um ponto a outro (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Ele é diferente de uma árvore, pois esta visa a uma raiz e a uma origem. No rizoma, a cartografia é vista como um mapa

> [....] aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Numa outra discussão, encontramos mais pistas sobre a pesquisa cartográfica em Gilles Deleuze (1988), principalmente nas suas discussões relacionadas às obras e ideias de Michel Foucault que se debruçam sobre sociedade, discursos, enunciados, práticas e relações de poder-saber. Essas pistas vão em direção a outras maneiras de ler, refletir, analisar e criticar o tempo presente. Elas nos fornecem novos olhares, descolamentos, outros percursos e movimentos ético-estético-políticos (em termos foucaultianos) na produção do conhecimento.

Entendemos que a pesquisa cartográfica é um método “mais flexível aos ‘acontecimentos’ e às problematizações, que não faz uso de procedimentos e de mecanismos de controle, não se ocupando com resultados reproduzíveis” (URIARTE; NIETZEL, 2017, p. 388); “não se define por metas traçadas anteriormente, tampouco se delimita a partir desta ou daquela ferramenta de pesquisa, mas, sobretudo, por um caminho e direção ético-política” (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2013, p. 359); “cartografar é acompanhar a produção de territórios existenciais. E ao lançarmo-nos nesse gesto, estamos ao mesmo tempo produzindo novos planos de experimentação da vida” (POCAHY; SILVA; DOURADO, 2020, p. 5); e “não comparece como um método pronto, embora possamos encontrar pistas para praticá-lo. Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 76).

Em seu **Cartografia sentimental**, Suely Rolnik (2016, p. 65) argumenta que “a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social”. Além disso, Rolnik (2016, p.65) entende que “o cartógrafo é um verdadeiro *antropófago*: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar,

transvalorado", está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias, serve-se de fontes das mais variadas. "O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer as suas travessias: pontes de linguagem" (ROLNIK, 2016, p. 66). Do cartógrafo "se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo" (ROLNIK, 2016, p. 23), em uma disposição franca e corajosa ao encontro de um plano de imanência – superfície-tecido social pensado como plano agonístico, em confronto, disputa de significados... puro movimento, movimento de escapar-fugir, transgredir, desterritorializar-se...

Outras correntes teóricas veem a cartografia como um "mapa em constante processo de produção, instaurando um processo de experimentação contínua capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade" (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011, p. 457); ou como "uma autêntica prática revolucionária de transformação estética e política" (PRECIADO, 2017, p. 10); ou ainda como "uma estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência" (FILHO; TETI, 2013, p. 47). A cartografia "visa à ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas" (ESÓSSIA; TEDESCO, 2009, p. 92); propõe "aproximar-se de uma realidade complexa vista como abordagem não dualista [...], com uma postura sempre questionadora com relação às abordagens tradicionais de produção de conhecimento" (OLIVEIRA; MOSSI, 2014, p. 192).

Para finalizar as nossas teorizações, acrescentamos que a cartografia pode ser compreendida como "um modo de pesquisar que se propõe a pesquisar processos, que serão produzidos e, ao mesmo tempo, transformados pelo próprio ato de pesquisar em agenciamento com as linhas de força e de subjetivação do campo problemático" (FERIGATO; CARVALHO, 2011, p. 668). Ela "não parte do nada, mas de algo preexistente – sobretudo, das paixões, dos encontros, do amor pelo que se toca e pelo que se vê" (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 173); traz "um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico" (ROMAGNOLI, 2009, p. 169).

Tecemos, na seção a seguir, as movimentações produzidas nesta tese para fazer a pesquisa cartográfica *online*.

1.3 Pensando-praticando a pesquisa cartográfica *online*

Nesta pesquisa, usamos a cartografia *online* como território de análise-intervenção das políticas do desejo molares (macropolíticas) e moleculares (micropolíticas) compartilhadas diariamente nas redes digitais. Com isso, buscamos produzir e dar sentido às pedagogias ciberculturais que têm emergido nos últimos anos em nosso contexto brasileiro (das manifestações de junho de 2013 até 2021 – ano de fechamento desta tese), sobretudo como essas pedagogias vêm se constituindo e reverberando em nossos processos formativos diários.

Para fazer a cartografia *online*, acionamos artefatos, dispositivos digitais, sistemas de redes sociais, de informação e comunicação, ciberespaços, conversamos com xs interlocutorxs da pesquisa *online* (praticantes ciberculturais), selecionamos conteúdos, acompanhamos e participamos de movimentos sociais, cartografamos acontecimentos, analisamos múltiplas práticas, entre outras ações. Esses acionamentos partem da complexidade rizomática desta experiência cartográfica *online* que toma distintas entradas de problematização que se conectam em redes discursivas. Com isso, buscamos trazer fragmentos e rastros de como as pedagogias ciberculturais vêm se constituindo no presente e, ao mesmo tempo, analisar como elas potencializam um ideal de sociedade.

Pensar-praticar a cartografia *online* é compreender que vivemos uma reconfiguração sociotécnica em rede, local-global, em escala planetária, nunca vista antes na história da humanidade. “Isso inclui reorganizações da língua escrita e falada, as ideias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana” (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 78). Essa reconfiguração cibercultural reverbera naquilo que nos tornamos, compartilhamos, dizemos ser, pesquisamos, atribuímos sentidos. Logo, entendemos a cibercultura como um campo fecundo para a produção da pesquisa e também para a disseminação, divulgação e circulação científica de tudo aquilo que produzimos.

Assumimos nesta pesquisa cartografia *online* a posição de cartógrafo aprendiz, cuja aprendizagem não ocorre somente no contexto das disciplinas acadêmicas, mas também em experiências de encontros com outros corpos, nas práticas de liberdade de si, com o cotidiano de pesquisa, com os artefatos ciberculturais conectados em rede etc. Ao tomarmos essa posição de cartógrafo aprendiz, nós nos lançamos no furacão chamado

‘cotidiano’ para sentir e nos deixar afetar pelas pulsações dos desejos, pelas movimentações do estar e compartilhar juntxs, pelas tormentas que agitam, desorganizam e sensibilizam as nossas existências.

No fluxo dessas ideias, entendemos que cartografar *online* é compreender que nós, pesquisadorxs, somos produzidxs no processo da pesquisa, agenciados, levados a agir, formados, descontruídos e reconstruídos a todo instante; e que as tecnologias digitais em rede não são meras mediadoras de nossas práticas em rede, e são menos ainda neutras. Elas nos recomendam coisas, nos subjetivam, nos movimentam para grupos alinhados às nossas ideias e posições éticas, estéticas e políticas, entre outras mobilizações. Isso nos faz levantar algumas questões sobre elas: quais pedagogias constituem essas tecnologias? Como? Por quê? Quais as implicações para a nossa vida? Como elas se desdobram e reverberam nas nossas relações com x outrx e com as instituições? Qual a sua racionalidade político-econômica?

Com a pesquisa-cartográfica *online*, temos a intenção de acompanhar a constante transformação dos processos que (re)definem o nosso interesse de investigação, assumindo, assim, seus desdobramentos inesperados, como, por exemplo, aqueles em que somos deslocados, transformados, e que podem vir a reconfigurar nossos interesses, implicações, objetivos e propostas de pesquisa. O que nos ajuda a pensar que seus efeitos e limitações nos levam a múltiplas experiências, implicações e engajamentos, alargando as redes que nos constituem e, ao mesmo tempo, potencializam a apreensão-entendimento do cotidiano por onde nos movimentamos em pesquisa.

Nesta cartografia *online*, acionamos reflexões e atravessamentos que nos constituem para pensar o cotidiano que pesquisamos e o processo de produção da própria pesquisa, sobretudo as nossas tomadas de posição e escolhas: por que optar por determinado caminho e não outro? Como produzir uma pesquisa com x outrx e não sobre x outrx? Quem são xs interlocutorxs (sujeitos) que compõem a pesquisa? Que teorizações tecer com as problematizações da pesquisa e as emergências do cotidiano pesquisado? Que tipos de procedimentos, ferramentas e análises acionar em cada contexto de pesquisa? Em que posição epistemológica está situada a pesquisa?

Vemos a cartografia *online* como uma arte, a arte de produzir conhecimento no fluxo do pesquisar em/na rede. A arte de teorizar a vida na sua fluidez, em ato, com seus múltiplos atravessamentos, ou ainda a arte de produzir determinadas paisagens sociais, a desconstrução de outras e reconstrução de tantas outras. É uma arte que contribui para

que pratiquemos outros modos de (re)existir e de analisar os processos de subjetivação na atualidade.

Consideramos fundamental conhecer a singularidade do contexto por onde operacionalizamos a pesquisa cartográfica *online*, pois ela influencia em nossas escolhas teóricas, epistemológicas e metodológicas. Acreditamos que, ao conhecermos essa singularidade, que é única, situada, podemos tecer-produzir conhecimentos genuínos.

Aprofundamos as discussões sobre como nos movimentamos para fazer esta pesquisa cartográfica *online* na seção adiante, que trata das linhas cartográficas produzidas para dar forma a esta tese.

1.4 Traçando linhas cartográficas *online*

> *O que chamamos de um "mapa", ou mesmo um "diagrama", é um conjunto de linhas diversas funcionado ao mesmo tempo [...] Há tipos de linhas muito diferentes, na arte, mas também numa sociedade, numa pessoa. Há linhas que representam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas de segmentos, e outras sem segmento. Há linhas dimensionais e linhas direcionais. Há linhas que, abstratas ou não, formam contornos, e outras que não formam contornos [....] Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso, cada coisa tem a sua geografia, sua cartografia, seu diagrama (DELEUZE, 1992, p. 47).*

Para cartografar as pedagogias ciberculturais, lançamos mão do termo "linha" como um ponto de entrada/abertura para múltiplas problematizações, análises e reflexões, e também como um ponto de conexão para outras analíticas intervenções. Partimos do pressuposto de que as linhas são constituídas por representações, significações, fluxos e se produzem também nas dobras, rupturas e descontinuidades.

Estamos utilizando as linhas também como ferramentas/instrumentos analíticos conceituais, pois entendemos que elas possibilitam dar sentido e forma a uma determinada

cartografia, produzir uma dada “realidade”. As linhas são riscadas diversas vezes, são atravessadas por outras linhas, são flexíveis e moventes. As linhas são (re)delineadas de acordo com as rotas, caminhos, movimentações, percursos que x pesquisador/a toma no ato de agenciar um determinado fluxo de produção de conhecimento (científico).

Para Deleuze e Guattari (1996, p. 83), “toda sociedade, mas também todo indivíduo, são, pois, atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular”. Saraiva e Lockmann (2019) argumentam que os segmentos molares são as linhas duras das macropolíticas (como as políticas de Estado), estão relacionados aos sistemas de representação e aos movimentos de territorialização. Já os segmentos moleculares são as linhas flexíveis das micropolíticas, da política das massas, que tendem à multiplicidade, não fazem referência aos sistemas de representação e sim aos fluxos de desejos e crenças, e aos movimentos de desterritorialização.

> As linhas molares referem-se a um tempo porvir, já determinado. Elas funcionam como possíveis que se tornam reais (DELEUZE, 2006), tendo uma e apenas uma forma de efetuarem-se. As linhas moleculares referem-se a um devir aberto e indeterminado. Elas funcionam como virtuais que se atualizam. Cabe salientar que as linhas molares não dizem respeito a indivíduos, mas a fluxos capilarizados (SARAIVA, 2019, p. 220).

Com as linhas, buscamos compreender como as pedagogias ciberculturais vêm se constituindo no presente, topografar seus relevos, delinear as suas (des/re)territorializações, as suas práticas e os seus processos de subjetivação. Para produzir as linhas dessas pedagogias, estamos articulando-as aos marcadores da diferença, como gênero, sexualidade, raça, classe, formação…, com isso visamos a agenciar multiplicidades de sentidos e significados aos processos formativos na cibercultura. Discutimos, adiante, as linhas cartográficas traçadas e constituídas no processo de produção desta pesquisa de tese.

Na cibercultura, é produzida uma quantidade gigantesca de informação 24h/07d (CARRY, 2016), partilhada, distribuída e viralizada diariamente em rede. Consideramos essas informações fontes genuínas de dados para a pesquisa, todavia, pensar sobre os usos dessas informações no ato de pesquisar é refletir sobre a ética, que, na perspectiva foucaultiana, é estética e política. Na 1.4.1 Linha 1 – Ética-estética-política da existência na pesquisa acadêmica, traçamos as nossas movimentações éticas no fazer a pesquisa em/na rede (ver 2.4.1).

Para cartografar as práticas ciberculturais, tomamos como ambiência desta pesquisa (cotidiano de pesquisa) os sistemas de redes sociais, tais como Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp; sites/plataformas de informação e notícias; práticas, movimentos e acontecimentos que emergiram online e reverberam nas ruas (e vice-versa); e episódio da série da Black Mirror. Essas ambiências se encontram detalhadas na Linha 2 – Ambiências de pesquisa (ver 2.4.2).

Em seguida, discutimos o uso de discursos e de enunciados como ferramentas conceituais foucaultianas para analisar-acompanhar a propagação de práticas odiosas ciberfascistas e as suas reverberações na vida cotidiana cibercultural, como também as movimentações dissidentes e insurgentes. Tomamos também a conversa na vida cotidiana como ferramenta conceitual para fazer esta pesquisa com xs nossos interlocutorxs, conforme exposto na Linha 3 – Ferramentas conceituais de análise: discursos, enunciados e conversas (ver 2.4.3).

Tecemos, por fim, na Linha 4 – Produções de mundos: como atribuímos sentidos ao que pesquisamos?. reflexões sobre o nosso processo de dar sentido à esta pesquisa de tese (ver 2.4.4).

Trazemos nas seções a seguir as linhas cartográficas.

1.4.1 Linha 1 – Ética-estética-política da existência na pesquisa acadêmica

No caminhar da presente cartografia *online*, temos compreendido que pesquisar é um gesto político, epistemológico, reflexivo e crítico, que exige dx pesquisador/a tomadas de posição e análises aprofundadas da complexidade de seu tempo. Partimos do pressuposto de que esse gesto exige também movimentações éticas no ato de pesquisar, que, na perspectiva foucaultiana, é também estético-político – a partir da relação que xs sujeitxs estabelecem consigo mesmos diante de determinados códigos morais (NARDI; SILVA, 2005).

Ao mergulhar nos estudos dos greco-romanos da Antiguidade, Foucault (2006a; 2017a) desenvolve a ideia de ética como condução de si, exercício de si sobre si e de conhecimento de si a partir de reflexões e práticas de si perante os regramentos e valores morais, que se desdobrariam num modo de ser no qual o sujeito é um espelho da pólis, constituindo-se em sujeito da moral, da ética ou da etopoiética. Foucault informa que há

distintas formas de elaboração do trabalho ético que se operacionaliza sobre si mesmo, “não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para transformar a si mesmo em sujeito da moral de sua própria conduta” (2017a, p. 34).

Rose (2011), a partir das ideias de Foucault, argumenta que a ética se refere ao domínio dos conselhos práticos específicos sobre como cada um/a deve se preocupar consigo mesmx, de fazer de si mesmx um objeto de solicitude e atenção e de conduzir a si mesmx nos diversos aspectos de sua existência cotidiana. É uma ética voltada para as práticas de si e dos domínios de si, as quais dão sentido à construção da estilística da vida, das artes de si, à estética da existência (FOUCAULT, 2006a). Essa estética concebe a vida como uma obra de arte esculpida por meio do cuidado de si e toma forma a partir das relações que se estabelecem consigo e com x outrx. Gallo (2012), pensando também com as ideias de Foucault, relata que na estética da existência damos contornos à vida criando um estilo, imprimindo formas, uma forma de viver, um jeito de ser feliz, um estilo próprio de ser, viver e habitar.

Nardi e Silva (2005) veem a ética como a problematização dos modos de existência:

> A perspectiva ética como prática reflexiva da liberdade e como transformação da experiência da vida em obra de arte (a temática da estética da existência) é ferramenta poderosa de luta e de disputa no jogo dos poderes e verdades hoje, uma vez que nossas sociedades são marcadas pelos dispositivos de controle que sustentam os modos de assujeitamento do capitalismo imperial contemporâneo (NARDI; SILVA, 2015, p. 101).

Essas ideias da ética como estética da existência contribuem para pensar que a todo momento estamos nos esculpindo e somos esculpidos. Todavia, na contemporaneidade, é possível notar práticas que talham quase que ao meio a estética da existência, a obra de arte chamada vida. São práticas que fraturam a sensibilidade do viver, as relações partilhadas de afetos de si e com x outrx e as liberdades de si. Essas fraturas tornam o ar ao nosso redor irrespirável, a atmosfera poluída, adoecem corpos e transformam em estado de putrefação a saúde mental de quase todo o tecido social. Estamos nos referindo àquelas práticas que fraturam a ética, que atuam produzindo desumanidades, a estética da letalização da diferença, da destruição da vida.

A discussão que tencionamos fazer não se esgota na questão ético-estética da existência, mas aprofunda para o político. Ao discorrer sobre a ética grega dos prazeres,

os usos dos prazeres e as técnicas de si, Foucault (2006a; 2017a) destaca que "a ética é a prática refletida da liberdade", isto é, "a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida pela liberdade" (FOUCAULT, 2006a, p. 267). Liberdade essa que, para os gregos-romanos, significa não escravidão, não ser escravo dx outrx e nem de si. Trata-se de uma questão do político, da liberdade como um cuidado de si com x outrx e com a pólis, da liberdade como um modo de se comportar em relação às/aos outrxs.

É com base nessas problematizações e interlocuções foucaultianas que pensamos a ética-estética-política desta cartografia *online* e por onde nos inspiramos para fazer algumas movimentações no ato de pesquisar.

Nesta cartografia *online*, analisamos alguns relatos espontâneos de interlocutorxs, dado que a abertura comunicacional das redes possibilitou o incremento das práticas confessionais: qualquer um/a pode expor um relato público e cotidiano de quem se é, desdobrando-se na exibição de sua intimidade, na exteriorização do seu eu, tornando público o que antes era privado, aquilo que Sibilia (2016) denomina de "*ex*timidade":

> Milhões de usuários – gente considerada comum, como *eu* e *você* – têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de se expandirem, e as utilizam para expor publicamente aquilo que algum tempo atrás teria sido protegido por fazer parte da intimidade [...] As confissões diárias de você, eu e todos nós estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las (SIBILIA, 2016, p.52).

Nessas práticas confessionais *online*, expomos fragmentos de nossas escolhas, experiências, identificações, reflexões, lugares em que circulamos, pessoas com as quais interagimos, fazemos recomendações variadas, somos convocadxs a responder a estímulos condutores de enunciados. Para articular as práticas confessionais dxs interlocutorxs desta pesquisa, estamos tomando o cuidado de lhes solicitar autorização para usarmos as narrativas, imagens, sons, vídeos. As solicitações são feitas através de conversas pelo bate-papo do Facebook, WhatsApp, grupos de discussão, páginas *online*...

Para além de interlocutorxs, na presente cartografia *online* também analisamos **grupos** que habitam a rede: anarquistas, comunistas, cibersexo, esquerda, direita, religiosos, ateus, reacionários, progressistas, neofascistas, antifascistas; **movimentos**: *ciberpunk*, *hackers*, contracultura, libertários, LGBTI+, negrx, feministas, ambientais, antivacina, conservadores, contra à ciência e à docência; **pessoas**: familiares, amiguxs de infância, de escola e de trabalho, amiguxs de amigues, amiguxs desconhecidxs; **instituições**: universidades, escolas, hospitais, empresas, Estados... As ambivalências de distintos grupos, movimentos, pessoas e instituições que coabitam o mesmo espaço-

tempo nos ajudam a entender a complexidade dos atravessamentos e intersecções que também constituem xs sujeitxs, tornando-xs, muitas vezes, violentxs exercendo práticas que rompem com a ética-estética-política da existência. Por conta disso, não estamos identificando determinadxs interlocutorxs desta pesquisa para que não sofram perseguições e ataques.

Nesta cartografia *online*, também tomamos as práticas ciberculturais como plano agonístico da produção de subjetividade, modos de resistir, formas de reexistir. Cartografamos reportagens, movimentos, acontecimentos, enunciados, discursos reverberados em rede que servem de chaves de problematização e de compreensão sobre o nosso tempo e contribuem para compor as reflexões deste estudo. Rastros digitais (BRUNO, F., 2012) que se encontram disponíveis *online*, de modo público, que qualquer pessoa pode acessar; por isso trazemos esses rastros sem pedir qualquer autorização prévia.

1.4.2 Linha 2 – Ambiências de pesquisa

Na construção desta tese, para compor as nossas análises de pesquisa, buscamos estabelecer encontros plurais e heterogêneos com o mundo, pessoas, paixões, afetos, desejos, práticas, artefatos ciberculturais... Todavia, nessa busca, acreditamos que os encontros podem gerar estranhamentos, mudanças de rota, novos desejos e (des)aprendizagens, podem inclusive ressignificar toda a nossa movimentação de pesquisa.

Tomamos, como ambiência de pesquisa (cotidianos de pesquisa), múltiplos contextos, dada a complexidade do nosso objeto de estudo e a capilaridade de suas reverberações na vida cotidiana conectada em rede. Através da imersão nas ambiências pesquisadas, nos deparamos com uma enorme quantidade de informações, produzidas-viralizadas incessantemente, 24h/07d (CARY, 2016), sem parar e em rede. Por conta disso, optamos por escolher determinados conteúdos, acontecimentos, práticas, que vão ao encontro dos objetivos desta pesquisa. Os períodos que recortamos para compor as nossas análises vão de 2013 (desde as manifestações de junho) até 2020 (até os meses que antecederam a defesa desta tese).

Iniciamos as nossas ambiências de pesquisa pelas redes sociais da internet (RSI), como Facebook, Twitter, WhatsApp; nessas redes, mergulhamos em grupos, páginas,

fórum de discussões, entre outros, para compreender a emergência de práticas culturais em rede e, a partir delas, verificar como as pedagogias ciberculturais ciberfascistas e insurgentes se constituem no presente e contribuem-potencializam para aquilo que somos, nos tornamos e dizemos ser. Cartografamos memes das páginas de direita Movimento Brasil Livre (MBL) e Movimentos Contra a Corrupção (MCC), os tuítes do deputado federal Marco Feliciano e falas do presidente Bolsonaro, entre outros.

Uma outra movimentação que realizamos foi acompanhar-participar de mobilizações e movimentos sociais (molares e moleculares) que se desdobraram tanto nas RSI como nos espaços-tempos das cidades e, a partir desses, refletir como a todo instante somos conduzidos a tomar posições, fazer escolhas, como somos levados a agir. Acompanhamos-participamos da politização dos *selfies* nos perfis do Facebook, a partir dos movimentos **#UerjResiste** (um movimento a favor da universidade pública e gratuita e contra a precarização do ensino-pesquisa público) e **#EscolaSemPensamentoCríticoNãoÉEscola** (um movimento de insurgência contra o movimento Escola Sem Partido [ESP], que defende um projeto de escola fascista no qual o professor não tem liberdade para ensinar). Conversamos com algumas pessoas que participaram dos movimentos. Nosso objetivo nas conversas era saber o porquê do uso desse marcador político e o como essas pessoas imaginam que isso repercute na sua vida e nas suas redes.

Entretanto, não ficamos restritos aos espaços das RSI; também nos movimentamos pelos *sites* de notícias, como revista *Fórum*, *The InterceptBrasil*, revista *piauí*, *El País Brasil/Espanha*, *O Globo*, BBC Londres, entre outros. Trouxemos essas ambiências para aprofundar as nossas análises com a composições de diferentes ideias e para ampliar o entendimento sobre os acontecimentos cotidianos e suas formações históricas, como as *fake news* (notícias falsas) sobre o caso do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e de seu motorista Anderson, ambos executados no âmbito do nosso atual Estado de exceção; os depoimentos dxs deputadxs federais Alexandre Frota (PSDB-SP, ex-PSL, partido bolsonarista) e Joice Hasselmann (Partido Social Liberal /PSL-SP) na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news* e assédio *online*; o linchamento *online* dx estudante Matheusa, da Arte/UERJ, que foi assassinadx pelo tribunal do tráfico no Rio de Janeiro/Brasil; a questão do machismo e da misoginia na música; denúncias de LGBTI+fobia nos cursos universitários; as mulheres na política e na música.

Laçamos mão de séries *online*, como a *Black Mirror*, que aborda temáticas sobre um mundo distópico das relações humanas mediadas pelas tecnologias digitais em rede e nos ajuda a refletir e a (re)pensar os nossos entendimentos em relação às pedagogias ciberculturais praticadas. Selecionamos o episódio 13 da 3ª temporada dessa série (2016), "Odiados pela Nação", que trata do ódio partilhado em rede, o qual leva um determinado coletivo de pessoas a eleger quem deve morrer por meio de uma votação que acontece através de uma *hashtag* (#), como, por exemplo "#morteaalguem", sendo a pessoa mais citada na # a próxima vítima.

Para analisar as ambiências aqui traçadas, utilizamos algumas ferramentas conceituais, as quais discutimos na Linha 3 – Ferramentas conceituais de análise: discursos, enunciados e conversas, apresentada a seguir.

1.4.3 Linha 3 – Ferramentas conceituais de análise: discursos, enunciados e conversas

Iniciamos esta seção ressaltando que usamos os discursos e os enunciados como ferramentas conceituais foucaultianas para acompanhar a propagação de enunciações coletivas ciberfascistas e as suas reverberações na vida cotidiana cibercultural, como também as movimentações dissidentes e insurgentes. Tomamos também a conversa na vida cotidiana como ferramenta conceitual para fazer esta pesquisa.

Partimos do pressuposto, junto com Foucault, de que o discurso, além de traduzir as lutas e os sistemas de dominação, também é aquilo por que se luta e de que queremos nos apoderar, que potencializa a produção de um sujeito ideal e um imaginário social. O discurso é composto e atravessado por uma episteme de um determinado espaço-tempo que, na cibercultura, é constituída por múltiplas *performances* verbais e imagéticas em rede – práticas discursivas e não discursivas.

Aprendemos com Foucault que o discurso se encontra situado dentro de condições históricas, políticas, econômicas, psicológicas e sociais. Ele "não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto de desejo" (FOUCAULT, 2013a, p. 10). O discurso refere-se também ao "conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência" (FOUCAULT, 2008, p. 122). Em nossa sociedade, a produção do discurso é "controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de

procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos" (FOUCAULT, 2013a, p. 8-9).

O discurso é composto por átomos de enunciados que estão a todo momento em estado de ebulição, emergência e em movimento nos/com os jogos cotidianos de saber-poder. "Enunciado" é entendido aqui não somente como se faz pela análise da linguística (proposição) ou gramatical (frase), mas também do ponto de vista de sua condição de existência a partir de determinadas formulações. O enunciado não se reporta a um âmbito fundador, mas sim a outros enunciados com os quais estabelece correlações, conexões, rupturas e exclusões. Ele é visto "como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; um átomo do discurso" (FOUCAULT, 2008, p. 90).

Junto aos discursos e enunciados, recorro às ideias de Menegon (2013) sobre o uso da conversa na pesquisa acadêmica. Para esse autor, as conversas são maneiras de as pessoas produzirem sentidos e se posicionarem nas relações que estabelecem na vida cotidiana; são expressões vivas dos contextos de interações diárias. Ainda de acordo Menegon, as conversas são marcadas por características como: flexibilidade temporal, podendo ser fugazes ou apresentar maior duração em função do encadeamento de enunciados; flexibilidade espacial, podendo acontecer nos mais diferentes lugares; variabilidade na composição dos participantes, que podem ser diferentes em número, idade, sexo, classe social...; e descompromisso disciplinar de seus participantes, pois estes se desvinculam de linguagens ligadas a estratos sociais específicos dependendo da informalidade da conversa.

Por meio dessas ferramentas, buscamos também atribuir sentido ao que pesquisamos, conforme discutimos na seção a seguir.

1.4.4 Linha 4 – Produções de mundos: como atribuímos sentidos ao que pesquisamos?

> *Quando vemos, escutamos, farejamos ou tocamos algo, nossa percepção e nossos sentimentos já vêm associados aos códigos e representações de que dispomos, os quais projetamos sobre esse algo, o que nos permite atribuir-lhe um sentido (ROLNIK, 2018, p. 52).*

Compartilhamos dessas ideias de Rolnik e, a partir delas, entendemos que atribuir sentido ao que pesquisamos requer de nós, pesquisadorxs, tomadas de posições ético-estético-políticas, o que nos exige cuidado de si, com x outrx e com tudo aquilo que nomeamos, classificamos, selecionamos, organizamos, produzimos e significamos no ato de pesquisar. Assumimos desde já que não há atribuição neutra de sentido e que essa atribuição não está desvinculada da nossa vida. A atribuição de sentido está presente em todas as esferas do nosso viver, conviver e pesquisar em/na rede; está no nosso corpo, viva e pulsante, registrada e marcada nos nossos desejos e memórias.

Entendemos que, quando damos sentidos ao que pesquisamos, não estamos livres das relações de saber-poder-afeto que construímos com x outrx: xs sujeitxs da pesquisa. As escolhas teóricas, epistemológicas e metodológicas que compõem esta pesquisa partem de ideias que movimentam o grupo de pesquisa em que atuamos, da nossa relação com o cotidiano de pesquisa e das emergências do ato de pesquisar. O recorte da pesquisa é sempre de um ou múltiplos (ciber)espaços-tempos, bem como de artefatos, pessoas, práticas, discursos, enunciados, conversas, acontecimentos..., que são decorrentes de interesses, oportunidades, possibilidades, acesso – o que a gente consegue fazer-produzir na movimentação da pesquisa.

Alinhamo-nos também às ideias de Stuart Hall (2016), cujas discussões sobre "Cultura e Representação" sugerem que o sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. Para Hall (2016), o sentido também é produzido sempre que nos manifestamos por meio dos objetos culturais, os consumimos, fazemos uso deles ou nos apropriamos "quando nós os integramos de diferentes maneiras nas práticas e rituais cotidianos e, assim, investimos tais objetos de valor e significado" (p. 22). Ainda segundo Hall (2016), os sentidos também regulam e organizam nossas práticas e condutas, isto é, auxiliam na constituição de normas e convenções, de acordo com as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada.

Ainda nos fluxos dessas ideais, conjecturamos que quando estamos imersos no cotidiano em que pesquisamos e nos dispomos a conhecer uma determinada realidade, mobilizamos múltiplas redes para produzir determinados entendimentos sobre ela. São redes de conhecimentos, práticas, experiências, afetos, sentimentos. Redes que se articulam, se conectam, se desconectam e se complementam. São redes que nos

mobilizam a ressignificar a nossa própria existência, as relações sociais, as coisas, a natureza, ampliando assim o nosso entendimento de mundo e no mundo.

Com base no material analisado, nos achados emergentes desta pesquisa de tese, chegamos às noções de “pedagogias ciberfascistas” e “pedagogias ciberinsurgentes”. Esses achados são discutidos e aprofundados nos próximos capítulos.

2 PEDAGOGIAS CIBERFASCISTAS À BRASILEIRA

> "[...] *não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo". (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 47).*

No Brasil, de 2013 a 2020, experienciamos inúmeros acontecimentos que convulsionaram o país e reconfiguraram o cenário social, político, econômico, psíquico de nossa sociedade, produzindo múltiplas divisões e fraturas na vida cotidiana. Essas experiências deixaram cicatrizes profundas no imaginário social e em nossos corpos, causaram rupturas afetivas e destroçaram as instituições democráticas. Através dessas experiências, conhecemos mais a fundo o lado mais sombrio de nossos familiares, amigxs, vizinhxs e setores mais reacionários e fascistas da nossa sociedade.

Esse nosso contexto nos levou a investigar a emergência da 'nova direita' habitando os espaços *online* e os usos que são feitos dos artefatos ciberculturais, com algumas indagações: de que modo essa nova direita operacionaliza suas ações fascistas em/na rede? Quais as linguagens e os instrumentos didático-pedagógicos de que ela lança mão na vida cotidiana para cooptar novxs apoiadorxs? Como? Indagamos também: como ensinamos e aprendemos a odiar as diferenças na vida cotidiana? Como as pedagogias ciberfascistas são mobilizadas por essa direita? Para responder essas questões, buscamos rastros *online* que nos fornecessem entradas de problematização para as nossas análises.

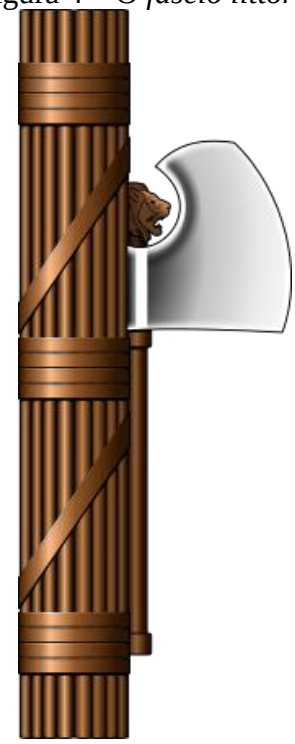
Estamos nos referindo às pedagogias ciberfascistas, às pedagogias mobilizadas para destruir a humanização dx outrx, transformando-x em coisa, objeto, algo sem vida. Partimos do entendimento de que as pedagogias ciberfascistas são operacionalizadas com a finalidade governar as condutas de sujeitos, grupos, movimentos e coisas (algoritmos), por meio da produção, partilha e viralização de práticas e de conteúdos odientos, falsos etc. contra as diferenças.

Iniciamos as análises teorizando sobre as formações históricas dos fascismos e os seus desdobramentos na vida cotidiana (Seção 0) para refletir melhor sobre as pedagogias ciberfascistas no presente (Seção 0). Compomos as nossas análises (Seção 0) historicizando o nosso contexto atual, de 2013 a 2020, a partir das micro/macropolíticas fascistas praticadas pela nova direita brasileira (ver de 0 a 0). Por fim, apresentamos reflexões sobre os achados/resultados da pesquisa (Seção 0).

2.1 Teorizações sobre os fascismos

Iniciamos as nossas interlocuções teóricas historicizando o fascismo e os seus múltiplos sentidos. O termo "fascismo" deriva do latim *fascio*, um feixe de varas (Figura 4) carregado pelos litores (antigos servidores públicos civis romanos) e com o qual se aplicava a justiça. Já durante o período da Revolução Francesa, o símbolo do *fascio* foi usado por jacobinos para representar a liberdade na Itália. No Risorgimento – movimento que buscou unificar a Itália –, no século XIX, o símbolo do *fascio* serviu para representar a unidade nacional. Ao longo do século XIX, ainda na Itália, o fascismo assumiu caráter de ação política, representando a justiça e a igualdade, sendo usado, por exemplo, como símbolo do movimento de trabalhadores sicilianos no período 1893-1894. No seu sentido atual, é símbolo de um movimento de extrema direita.

Figura 4 – O *fascio littorio*, símbolo da Antiga Roma



Fonte: Blog: Ensinar História

No livro **Introdução ao fascismo**, Leandro Konder (1977) argumenta que esse foi o primeiro movimento conservador de direita que, com seu pragmatismo radical, se serviu de métodos da propaganda, de maneira sistemática, visando a explorar as possibilidades da sociedade de massa de consumo dirigido, o que possibilitaria novas ações políticas. Isso se deve ao fato de o fascismo ter percebido e tomado as ideias do

capitalismo, que promovia cada vez mais propagandas de produtos com o objetivo de influenciar a conduta do consumidor.

O fascismo é considerado um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário, e foi financiado por grandes empresas e indústrias, como FIAT, Volkswagen, BMW, Mercedes, Siemens, IBM, Chase Bank, Hugo Boss, Coca-Cola, General Electric etc. Apesar de a França registrar os primeiros indícios de movimentos fascistas (*Action Française*), é na Itália de Mussolini que esse regime, movimento e fenômeno ganha proporções gigantescas e se propaga para diversos países: Alemanha, Espanha, Portugal etc. Por causa dessa propagação, o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva (2000) opta por operar pelo termo "fascismos", no plural:

> Denominamos de fascismo, algumas vezes mais corretamente no plural – fascismos –, o conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945. Assim, as expressões nazismo, nacional-socialista, hitlerismo etc. recobririam uma só realidade política, os regimes de extrema direita que dominaram vários países no período em questão. A denominação genérica fascismo decorre da primazia cronológica do regime italiano, estabelecido no poder em 1922, constituído em movimento político de identidade própria pouco antes, e do fato de ter servido de modelo, como veremos mais tarde, à maioria dos demais regimes (SILVA, 2000, p. 112).

Na obra **Contra el fascismo**, Umberto Eco (2018) tece discussões sobre esse movimento que vão ao encontro das ideias de Silva:

> Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita a dominar um país europeu, e que todos os movimentos análogos mais tarde encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini. O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até uma forma de vestir, com a qual teve mais sucesso no exterior do que Armani, Benetton ou Versace [...]. Foi o fascismo italiano que convenceu muitos líderes liberais europeus que o novo regime estava realizando reformas sociais interessantes, capazes de oferecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista[18] (ECO, 2018, p. 23-24, tradução do autor).

---

[18] No original, em espanhol: "*Puede decirse que el fascismo italiano fue la primera dictadura de derechas que dominó un país europeo, y que todos los movimientos análogos encontraron más tarde una especie de arquetipo común en el régimen de Mussolini. El fascismo italiano fue el primero en crear una liturgia militar, un folclore e, incluso, una forma de vestir, con la que tuvo más éxito en el extranjero que Armani, Benetton o Versace […] Fue el fascismo italiano el que convenció a muchos líderes liberales europeos de que el nuevo régimen estaba llevando a cabo interesantes reformas sociales, capaces de ofrecer una alternativa moderadamente revolucionaria a la amenaza comunista.*" (ECO, 2018, p. 23-24)

O fascismo também operou no plano intelectual. Por exemplo, o fascismo italiano, de forma maniqueísta, promoveu um golpe contra o materialismo histórico de Marx e Engels:

> Para sustentar seus princípios idealistas na polêmica contra o materialismo dos marxistas, o fascismo promovia uma confusão sistemática dos conceitos: o termo idealista era arrancado ao campo da teoria do conhecimento e era aplicado exclusivamente ao campo da moral, onde assumia um conteúdo seguramente positivo; e o termo materialismo, grosseiramente simplificado, amputado de seu imprescindível complemento dialético, amesquinhava-se, não era mais reconhecido como indicador de uma orientação filosófica (perfeitamente compatível com o idealismo moral) e servia para designar a estreiteza dos horizontes do egoísmo e da falta de ideias (KONDER, 1977, p. 41)

O fascismo "não era uma ideologia monolítica, mas, ao contrário, um agrupamento de diferentes ideias políticas e filosóficas, uma colmeia de contradições" (ECO, 2018, p. 24, tradução do autor),[19] que tinha um objetivo evidente: destruir tudo, todxs e qualquer pensamento que fosse diferente de suas ideias e práticas. A queima de livros em praça pública (Figura 5) pelo regime fascinazista hitleriano nas cidades da Alemanha, a chamada de *Bücherverbrennung* (queima de livros), é um dos inúmeros exemplos que podemos citar. Foram cerca de 20.000 livros queimados. Muitxs estudantes estiveram envolvidxs nessas ações, pois eram associadxs a fraternidades fascinazistas. Tudo o que fizesse crítica ou saísse dos padrões impostos pelo regime deveria ser destruído.

[19] No original, em espanhol: "*No era una ideología monolítica, sino, más bien, un collage de diferentes ideas políticas y filosóficas, una colmena de contradicciones.*" (ECO, 2018Eco, p. 24)

Figura 5 – Queima de livros em Berlim, Alemanha

Fonte: foto tirada pelo autor desta tese no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo – Berlim/Alemanha, 2020.

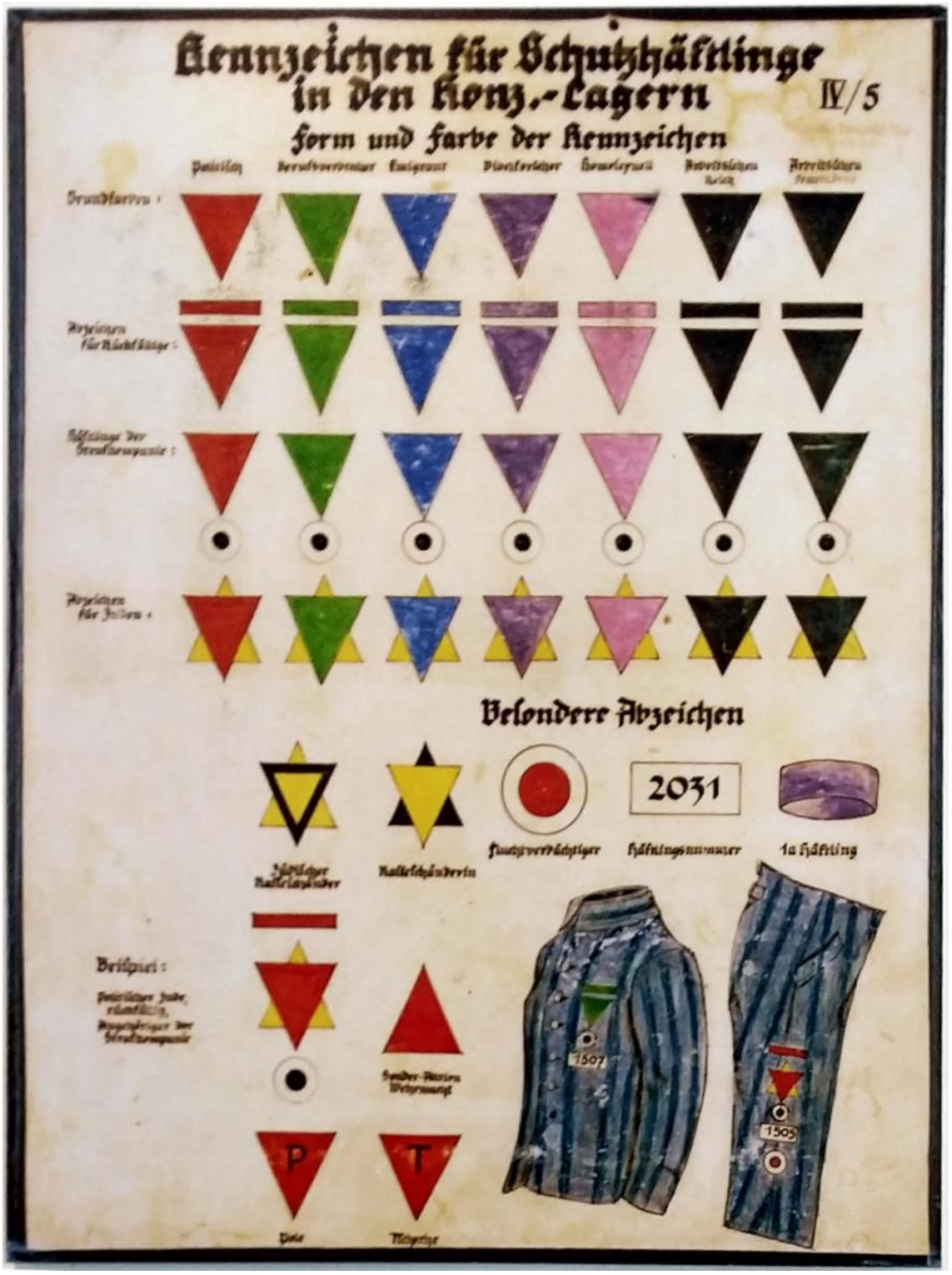
Ao discorrer sobre o fascismo eterno, Eco (2018) chama a nossa atenção para algumas de suas características, como o culto à tradição, a rejeição a novas ideias, a oposição à análise crítica, o abuso do medo, o constante estado de ameaça, o nacionalismo, o racismo, a misoginia, o machismo, a xenofobia, o heroísmo, entre outras. Para o autor, essas características não podem ser enquadradas em um sistema, dado que muitas delas se contradizem e são típicas de outras formas de despotismo e/ou fanatismo. Todavia, basta que uma dessas características esteja presente para fazer "coagular uma nebulosa fascista".

As características fascistas discutidas por Eco nos ajudam a pensar como eram/são enquadrados, classificados e controlados os corpos na vida cotidiana (BUTLER, 2016b): corpos que merecem viver e corpos que não merecem viver. Os triângulos de identificação (Figura 6 a 8) usados pelo regime fascinazista alemão para etiquetar todxs aquelxs vistxs como "inimigxs", "impurxs", "anormais", "raça inferior" nos campos de concentração e nas ruas, são alguns dos exemplos de enquadramentos dos corpos.

Figura 6 – Triângulos de identificação fascinazista alemã (enquadramentos dos corpos)

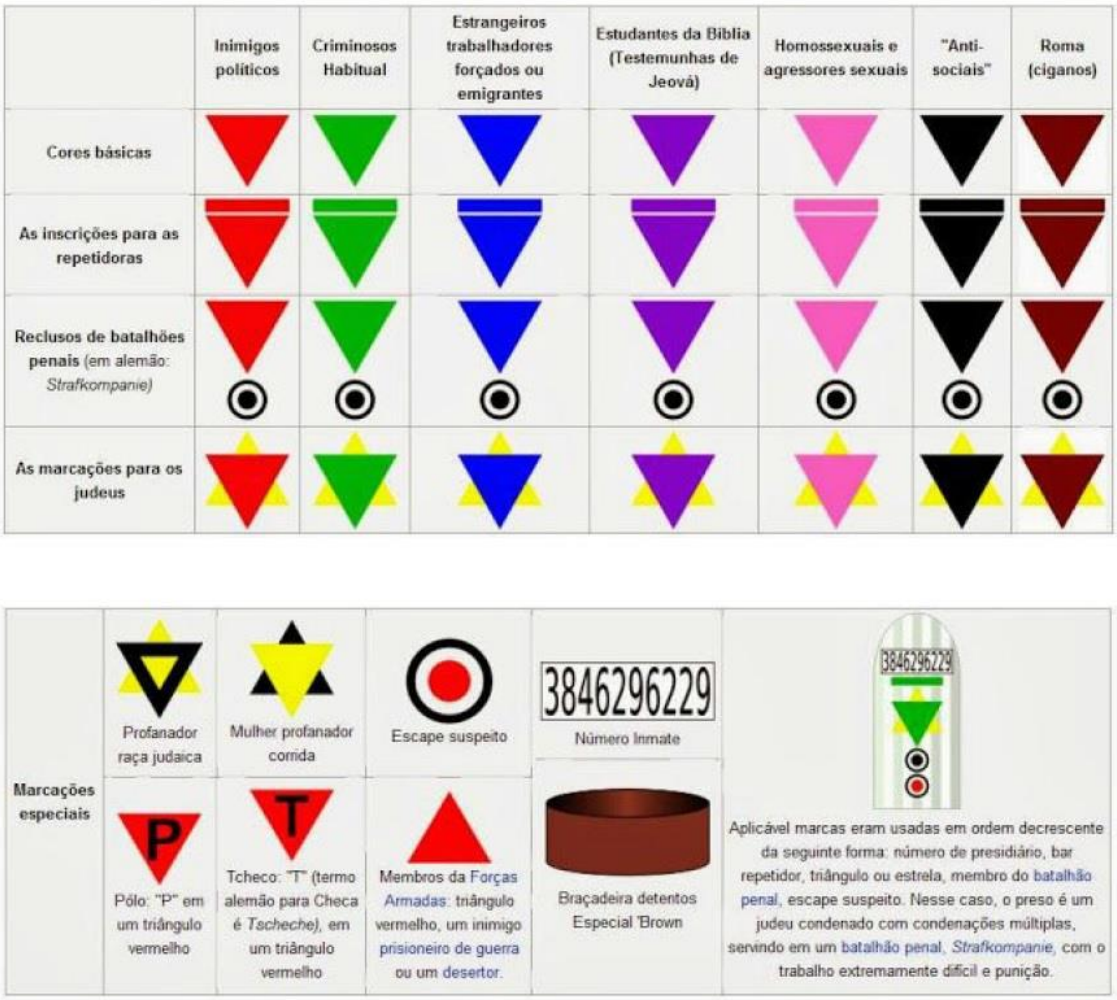
Fonte: O Laboratório de Ensino e Material Didático – História (LEMAD/USP).

Figura 7 – Triângulos de identificação fascinazista alemã (enquadramentos dos corpos) / Em Alemão



Fonte: foto tirada pelo autor desta tese no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo – Berlim/Alemanha, 2020.

Figura 8 – Triângulos de identificação fascinazista alemã (enquadramentos dos corpos) / Em Português



Fonte: O Laboratório de Ensino e Material Didático – História (LEMAD/USP).

Atrelado a essas discussões dos enquadramentos dos corpos, trazemos um outro exemplo para compor as nossas teorizações: o ideal de sociedade fascinazista alemão a partir do seu “mito da família ariana”, “raça pura”, “forte”, “não preguiçosa”, que tinha por objetivo “purificar a raça”, voltada às ideias-práticas de eugenias. Para efetivar esse ideal, consideravam necessário separar a “raça pura” de outras raças, por isso o regime fascinazista enquadrou as “raças impuras” por meio de etiquetas (Figura 6, Figura 7 e Figura 8). A “raça pura” estava articulada à ideia de “identidade nacional” e “raça ariana” por meio do princípio da unidade étnica: “povo germânico”. Esse princípio foi levado até as últimas consequências no seio da sociedade disciplinar fascinazista alemã (FOUCAULT, 1976) com a morte de judeus/ias, mulheres, homossexuais, ciganxs, negrxs... Nesse contexto, “o racismo está ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a fazer uso da raça, da eliminação das raças ou da purificação das raças para

exercer o seu poder soberano” (FOUCAULT, 1976, p. 209), em que seleciona quem vive e quem morre por meio da classificação, identificação, etiquetação, organização e distribuição dos corpos no tecido social. Essa ideologia fascinazista alemã pressupõe que as pessoas são biologicamente diferentes, acreditam que uma parte da sociedade é inferior e a outra é superior. Na Figura 9 estão alguns documentos e cartazes produzidos à época para explicar alguns desdobramentos dessa ideologia, conforme apresentado a seguir.

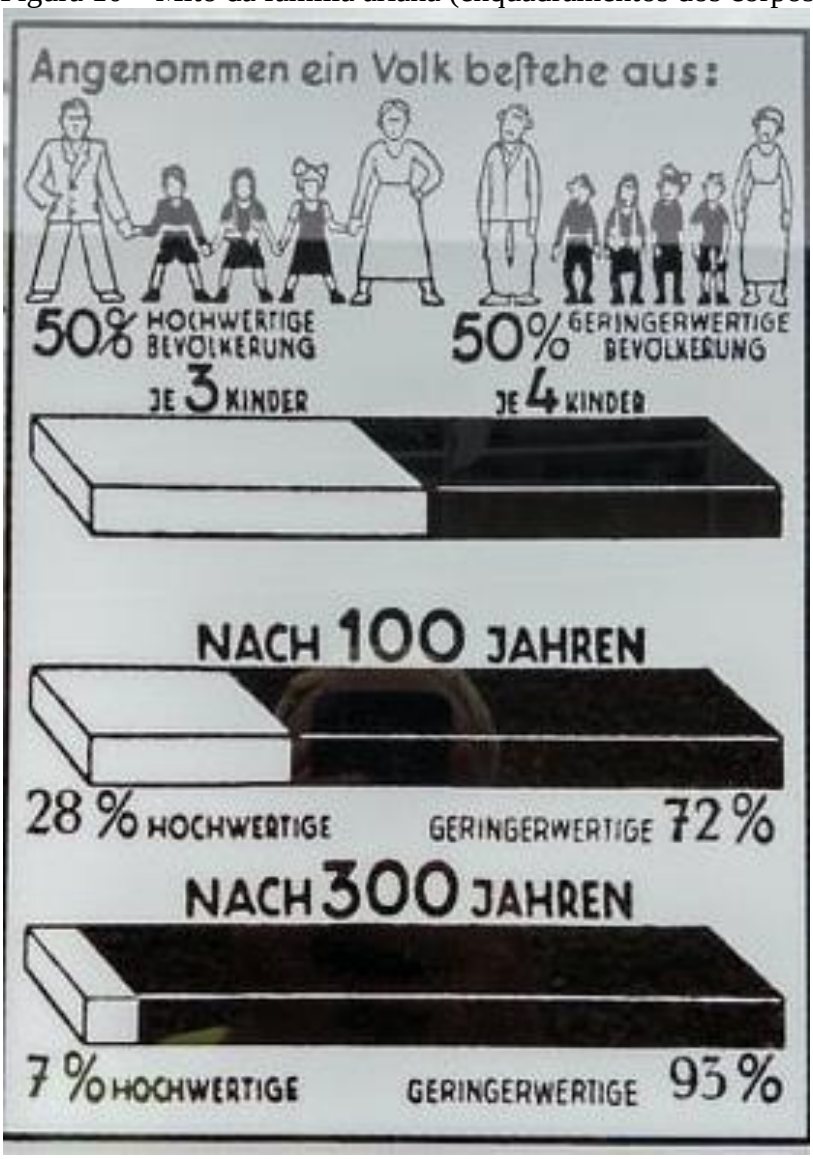
Figura 9 – Mito da família ariana/raça ariana (enquadramentos dos corpos)

Fonte: foto tirada pelo autor desta tese no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo – Berlim/Alemanha, 2020.

Na Figura 10, se ilustra a evolução da população, considerando as pessoas como sendo biologicamente diferentes. Supondo que a sociedade estivesse dividida em parcelas iguais de pessoas de “alta qualidade” e de “qualidade inferior”, e que as famílias de alta

qualidade tivessem apenas 3 filhos enquanto as de qualidade inferior tivessem 4 filhos. Assim, depois de 300 anos, 95% da população seria constituída de pessoas inferiores.

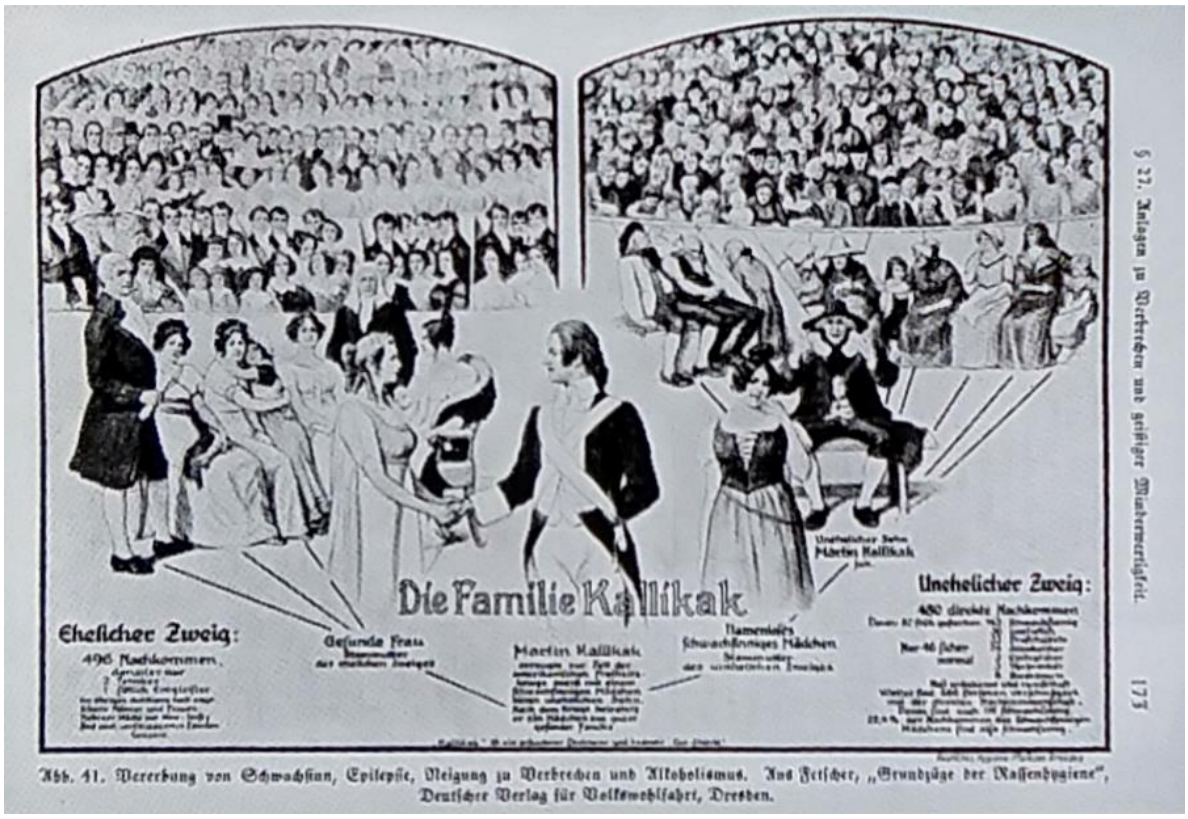
Figura 10 – Mito da família ariana (enquadramentos dos corpos)



Fonte: foto tirada pelo autor desta tese no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo – Berlim/Alemanha, 2020.

A ideologia fascinazista alemã classifica as famílias como legítimas e bastardas. As famílias bastardas seriam as que fogem da norma, vistas como ilegítimas e inferiores. A Figura 11 ensina esse conceito representando, de modo contrastante, os bastardos como sendo pessoas menos abastadas, com roupas precárias, mais simples e ‘vulgares’, conforme podemos observar na parte direita.

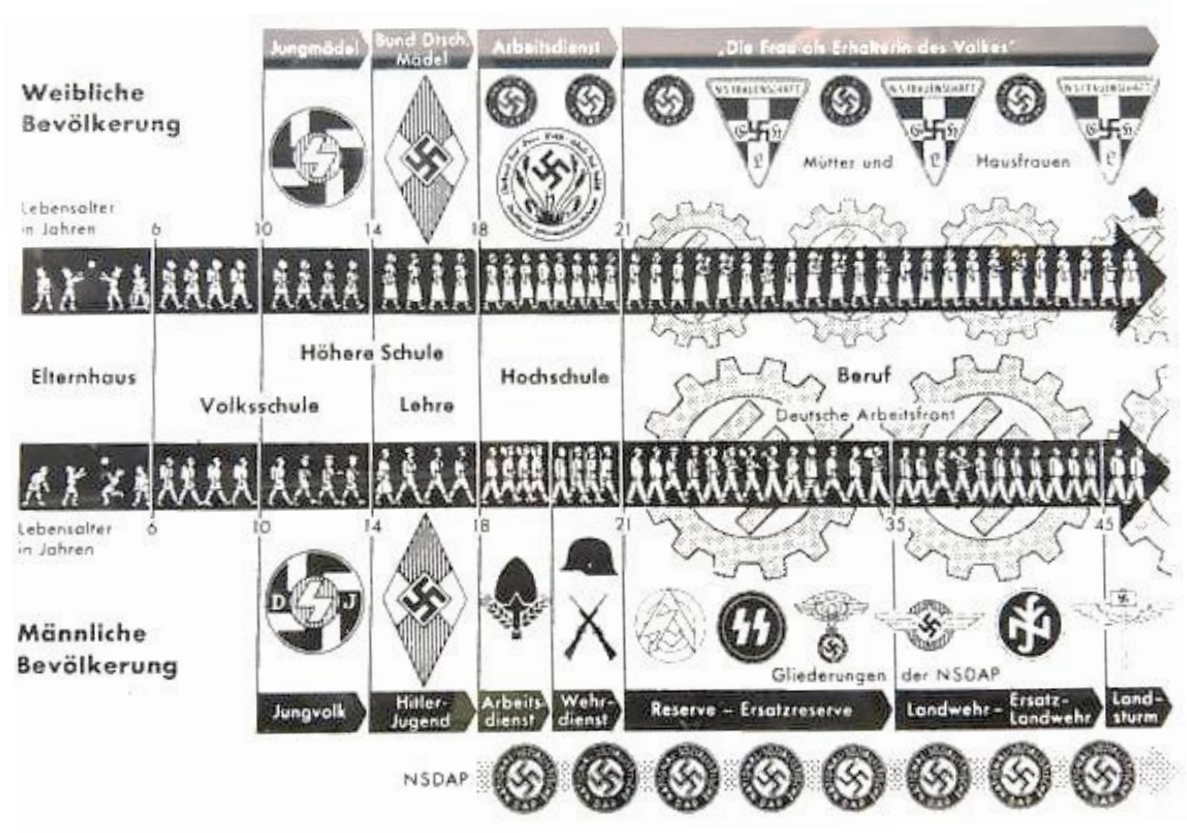
Figura 11 – Mito da família ariana (enquadramentos dos corpos)



Fonte: foto tirada pelo autor desta tese no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo – Berlim/Alemanha, 2020.

Ainda aquele ideal de sociedade propunha funções a desempenhar ao longo da vida em função de gênero, geração, classe etc., conforme cartaz apresentado na Figura 12. A ilustração do cartaz explica que a principal função da mulher ariana, a partir dos 21 anos, seria ser mãe e dona de casa, enquanto a do homem, dos 21 aos 35 anos, seria servir ao exército e depois ser um trabalhador (operário, professor, funcionário público). A ilustração também mostra que ambos, mulheres e homens, a partir dos 18 anos, deveriam ser filiados ao partido nazista.

Figura 12 – Organização da sociedade alemã no regime fascinazista por gênero, sexualidade, raça, geração, classe (enquadramentos dos corpos, produção da sociedade alemã)



Fonte: foto tirada pelo autor desta tese no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo – Berlim/Alemanha, 2020.

Essas discussões sobre os fascismos, suas formações históricas, os enquadramentos dos corpos e as suas reverberações na vida cotidiana nos levam a pensar sobre as emergências de movimentos, grupos e governo/governantes de viés fascista no presente, que se utilizam principalmente das tecnologias digitais em rede para propagar ações que podem produzir mortes e riscos para as democracias, deformando a sociedade.

Aprofundamos as nossas discussões sobre as pedagogias ciberfascistas na seção a seguir.

2.2 Pedagogias ciberfascistas

Ao discutir sobre a "ascensão do fascismo digital", Dirk Helbing (2009) argumenta que todos os dias uma quantidade enorme de dados é coletada sobre nós e que esses dados são usados por grandes empresas e Estados para determinar "o que é melhor

para nós". Isso teria contribuído para a formação de um totalitarismo digital, pois "[....] os serviços secretos de hoje e as empresas de Big Data possuem muito mais dados sobre nós do que os necessários para administrar Estados totalitários no passado" (HELBING, 2009, p. 99). Algumas das características do fascismo digital são a vigilância em massa; experimentos antiéticos com humanos; engenharia social; conformidade forçada (*Gleichschaltung*); propaganda e censura; ditadura "benevolente"; policiamento; diferente valorização das pessoas; relativização dos direitos humanos (HELBING, 2009).

As ideias de fascismo digital de Helbing (2009) nos remetem àqueles fascismos propagados diariamente em rede, os ciberfascismos, os quais experienciamos, compartilhamos e viralizamos em nossas redes sociais; àqueles fascismos que habitam os nossos corpos e são partilhados por nós em rede, os quais apreendemos-ensinamos desde muito cedo em nossas vidas e que nos fazem odiar as diferenças e nos tornam racistas, LGBTI+fóbicos, machistas, misóginos, xenofóbicos entre outras qualificações fascistas.

Aqui, nos referimos àqueles microfascismos discutidos por Guattari (1987), lá no trecho das micropolíticas dos desejos. Para esse autor, "o fascismo, assim como o desejo, está espalhado por toda parte [...]; ele toma forma, num lugar ou noutro, em função das relações de força" (GUATARI, 1987, p. 189); aquele "fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora" (FOUCAULT, 1993, p. 198); aqueles fascismos virais que atuam "por contaminação endêmica, espalhando-se silenciosamente pelo planeta como enfermidade crônica que precisa ser continuamente combatida" (DUARTE, 2015, p. 50), e que são partes de uma biopolítica, em que "a preservação da vida de uns está fundada na impossibilidade da vida de outros muitos" (DUARTE, 2015, p. 50).

Estamos nos referindo também a todos os ciberfascismos que têm emergido em diversos espaços-tempos, com o recente populismo da extrema direita em todo o mundo – "trumpistas" (Trump/EUA), "bolsonaristas" (Bolsonaro/Brasil), "voxistas" (Santiago Abascal/Espanha), "salvinistas" (Matteo Salvini/Itália), entre outros:

> "O sangue de um homossexual pode contaminar o sangue de um heterossexual." – Jair Messias Bolsonaro (*Revista Lado A*, 2016).
>
> "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher." – Jair Messias Bolsonaro (*Revista Fórum*, 2017).
>
> "Eu não corro esse risco, meus filhos foram muito bem educados." – Jair Messias Bolsonaro (Em resposta à cantora Preta Gil, sobre o que faria se seus

> filhos se relacionassem com uma mulher negra ou com homossexuais, no programa *CQC*, da Band. Congresso em foco, *online*, 2017).
>
> "O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele." (*Revista Lado A*, 2016)
>
> "Seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí." (Em entrevista sobre homossexualidade à revista *Playboy*, em dezembro de 2011. Congresso em foco, *online*, 2017).
>
> "Não te estupro porque você não merece." (Fala proferida Bolsonaro para a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), em dezembro de 2014. Congresso em foco, *online*, 2017).
>
> "Mulher deve ganhar salário menor porque engravida. Quando ela voltar [da licença-maternidade], vai ter mais um mês de férias, ou seja, trabalhou cinco meses em um ano." (Bolsonaro em entrevista ao jornal *Zero Hora*, em fevereiro de 2015. Congresso em foco, *online*, 2017).

Referimo-nos também a aqueles fascismos que são propagados com a ajuda de algoritmos, financiado por grandes corporações financeiras e que contam com a colaboração das empresas bilionárias de tecnologia. Um exemplo disso ocorre em situações onde se conduzem os sujeitos a determinados posicionamentos (implícita e explicitamente políticos), como é o caso de pleitos eleitorais.

Pensar em ciberfascistas nos movimenta a ir, antes de tudo, ao encontro das políticas que promovem os totalitarismos em nossa cultura e as "políticas de ódio" (ZAGO, 2017) que são propagadas e compartilhadas diariamente. Zago nos alerta que "não há, assim, política do ódio estatal sem que ela esteja apoiada em micropolíticas do ódio disseminadas em todo o tecido social, grassando no decorrer da história e infiltrando o mais fino grão da vida ordinária" (2017, p. 84). Essas políticas de ódio apresentadas por Zago podem ser vistas, por exemplo, em notícias publicadas diariamente, como as que destacamos a seguir, relacionadas a gênero e sexualidade:

Crivella veta no Rio a exposição Queermuseu, censurada em Porto Alegre
"A população do Rio de Janeiro não tem o menor interesse em exposições que promovam zoofilia e pedofilia", disse Crivella em declarações (MARTÍN, EL PAÍS ONLINE, 2017).
Delegado afastado de caso de estupro é dispensado do cargo
[Sobre o caso de estupro coletivo de uma jovem de 16 anos numa favela do RJ]:

“A adolescente, em entrevista ao *Fantástico*, da Rede Globo, disse: – O próprio delegado me culpou. Quando fui à delegacia, eu não me senti à vontade em nenhum momento. Eu acho que é por isso que muitas mulheres não fazem denúncias. Tentaram me incriminar, como se eu tivesse culpa por ser estuprada.” (HERINGER, MARINATTO, JORNAL EXTRA ONLINE, 2016).
Jair Bolsonaro lança panfleto contra homossexuais; MEC vai distribuir kits anti-homofobia em escolas “Ilustríssimos senhores e senhoras chefes de família, apresento alguns dos 180 itens deste que chamo Plano Nacional da Vergonha, onde meninos e meninas, alunos do 1º grau, serão emboscados por grupos homossexuais fundamentalistas, levando a mensagem de que ser gay ou lésbica é motivo de orgulho para a família brasileira", diz a apresentação da cartilha (O GLOBO ONLINE, 2011).
Wilson Witzel: “A polícia vai mirar na cabecinha e… fogo” Governador eleito do estado, ex-juiz federal reafirma plano de ter atiradores prontos para “abater” quem esteja portando fuzil nas ruas do Rio (*Veja*, abril, 2018).
A partir de janeiro, polícia vai atirar para matar, afirma João Doria Na tentativa de pegar carona na popularidade de Bolsonaro, tucano tem feito discursos mais duros (Folha UOL, 2018).

Por meio dos fragmentos dessas reportagens, é possível problematizar e cartografar como as políticas de ódio estão articuladas para a manutenção e regulação da vida das populações, que, por sua vez, compõem uma necropolítica, selecionando e organizando quem deve viver e quem deve morrer. Estamos querendo dizer, com isso, que, para que determinados grupos continuem a gozar de seus “privilégios” sob a tutela de um Estado burguês, conservador e neoliberal como o nosso, é preciso que outros grupos paguem por isso, inclusive com a própria vida, em nome da garantia da moral, da família, da religião, da não contaminação das crianças com uma tal ideologia de gênero, do racismo, da normatização da vida, por exemplo.

Podemos dizer que essas políticas de ódio – que são também de tentativas de enquadrar o outro e moldá-lo de acordo com o desejo do grupo hegemônico, e que se encontram em múltiplas interfaces de nossa sociedade – aproximam-se das discussões das micropolíticas fascistas de Guattari (1987).

Os exemplos, discussões e ideias apresentados neste espaço contribuem para pensar como as pedagogias ciberfascistas são operacionalizadas com a finalidade de

governar (de forma totalitária) as condutas de sujeitxs, grupos, movimentos e coisas (algoritmos), por meio da produção, compartilhamento e viralização de práticas e de conteúdos odientos, falsos, etc. que reverberam nas ruas (Figura 13).

Figura 13 – Faixa manifestação da direita

Fonte: Plano Crítico. Acessado em: 30/05/2016.

Nessa direção, ressaltamos uma observação de Bertonha (2012, p. 107-108): "os novos fascistas (neofascistas, pós-fascistas ou como se queira chamar) se adaptaram ao mundo contemporâneo e é com esses que devemos nos preocupar centralmente.

Partimos da ideia de que as pedagogias ciberfascistas são mobilizadas para destruir a humanização dx outrx, transformando-x em coisa, objeto, algo sem vida. Elas estão alinhadas à pedagogia da crueldade, que, para Segato (2018, p. 13), se refere a "*la captura de algo que fluía errante e imprevisible, como es la vida, para instalar allí la inercia y la esterilidad de la cosa, mensurable, vendible, comprable y obsolescente, como conviene al consumo en esta fase apocalítica del capital*", que transforma vidas em objeto, em produto a ser consumido, de exploração, de violação e sem direitos.

A pedagogia da crueldade é operacionalizada através do mandato da masculinidade (SEGATO, 2018), que é reforçado todos os dias em nosso contexto por homens em suas práticas machistas, sexistas, e também por outros homens que se coadunam com essas práticas, reificando a hierarquia, os privilégios, as formas de

dominação. O mandato da masculinidade "*se adquiere como un título y se debe renovar y comprovar su vigencia como tal*" (SEGATO, 2018, p. 42). Esse mandato é tóxico, cruel e violento não só com as mulheres e LGBTI+, mas também com os próprios homens, que precisam provar para si e para os outros homens, seus interlocutores, que são seres fortes, machos, dominadores, que não choram, não têm sentimentos, são impiedosos, cruéis, rígidos. Por meio do mandato da masculinidade, homens, principalmente brancos, heterossexuais, cristãos, de classe média, se sentem autorizados, diariamente, a fazer tudo o que bem entendem com os corpos ditos e vistos como estranhos, desviantes, abjetos..., sem ser, em muitos dos casos, responsabilizados por isso.

O mandato da masculinidade produz suas marcas impositivas-normativas em vários espaços-tempos da cultura, entre esses os cotidianos escolares. Essas marcas reverberam nos currículos "pensadospraticados" (OLIVEIRA, 2012), desdobrando-se na fabricação de deformações, que podem potencializar o ódio fascista à diferença – o temor ao diferir. Mas não param por aí: elas estão vivas e presentes nas redes sociais da internet, nas universidades, nas letras de músicas, nos movimentos sociais, na política, nas igrejas, nas empresas, na arte, na ciência..., em múltiplas "redes educativas" (ALVES, 2012) que a todo momento nos atravessam e nos (trans/de)formam.

É preciso sinalizar que o nosso Estado-nação está atrelado ao mandato da masculinidade; ambos são convenientes, se coadunam, ratificam e chancelam as mesmas ideias, em diversas esferas na vida cotidiana, como a questão do casamento homoafetivo, que somente em 2011 foi declarado possível pelo Supremo Tribunal Federal (STF); ou a questão do registro civil das pessoas trans, cuja alteração, sem necessidade de autorização judicial, laudo médico ou comprovação de cirurgia de redesignação sexual, só foi reconhecida pelo mesmo Supremo em 2018; ou a questão da mulher que aborta, que ainda continua sendo considerada criminosa no Brasil; entre outros exemplos.

O mandato da masculinidade também conta com apoio de setores conservadorxs de igrejas evangélicas e católicas, setores cristofascistas (SÖLLE, 1970),[20] que se utilizam de discursos odiosos para propagar, antes de tudo, o pensamento único, totalitário, como ilustram frases do tipo "Deus acima de tudo!", "Dois homens se beijando é um pedado mortal", entre outras. Logo, todxs aquelxs que não estão enquadradxs na lógica cristofascista vão para um suposto inferno ou, antes, devem passar por um tratamento

[20] Dorothee Sölle, na obra **Beyond Mere Obedience**: Reflections on a Christian Ethic for the Future (1970), articula o cristianismo com o fascismo para tensionar setores da igreja cristã totalitários.

espiritual de cura. Do contrário, devem morrer, uma vez que se encontram amaldiçoadxs, com demônios no corpo. Consideramos importante frisar que xs cristofascistas vêm promovendo inúmeros ataques a pessoas praticantes de religiões de matrizes africanas, LGBTI+ etc.

Salientamos, por fim, que as pedagogias ciberfascistas são constituídas por inúmeras práticas que acontecem, se configuram e tomam forma a partir de múltiplos ataques: silencia, destitui, ameaça fisicamente, desqualifica, tortura as diferenças. Qualquer pessoa, grupo, página, instituição, políticx ou movimento social podendo ser o alvo da vez.

Na seção a seguir, analisamos a cartografia das pedagogias ciberfascistas.

2.3 Cartografia das pedagogias ciberfascistas

Produzimos, nesta seção, uma cartografia das pedagogias ciberfascistas, que organizamos em cinco linhas: "Das manifestações de junho 2013 à emergência da nova direita na/em rede" (ver 0); "2.3.2 Odiados pela **nação**" (ver 0); 2.3.3 Ações e instrumentos didático-pedagógicos" (ver 0); "2.3.4 Ensinando-aprendendo a odiar" (ver 0); "); e "2.3.5 Práticas ciberfascistas" (ver 0). Detalhamos, a seguir, cada uma dessas linhas.

Na linha que trata "Das manifestações de junho 2013 à emergência da nova direita na/em rede", refletimos sobre como as manifestações de 2013 serviram de motor para a configuração da nova direita em/na rede e como os oligopólios de comunicação (Rede Globo, SBT, Record, Bandeirantes, *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *Veja*, entre outros) promoveram a ascensão dessa nova direita através de ataques sistemáticos contra os governos do Partido dos Trabalhadores (PT).

Já na linha "2.3.2 Odiados pela **nação**", fazemos uma analogia entre episódio "*Hated in the Nation*" ("Odiados pela Nação") da série *Black Mirror*, e as experiências fascistas da nova direita brasileira em/na rede e analisamos como essas experiências promovem o ódio contra as diferenças em "múltiplas ambiências híbridas formativas" (RIBEIRO; SANTOS; e CARVALHO, 2018). Nossa aposta é que essas ambiências contribuem para novos modos emergentes de ser, estar, tornar-se e habitar, evidenciando tensionamentos e práticas que se alinham a ideais fascistas.

Numa outra linha, buscamos mostrar "2.3.3 Ações e instrumentos didático-pedagógicos" ciberfascistas usados pelas "milícias digitais" (LÔBO; MORAIS; NEMER, 2020) bolsonaristas para conduzir a conduta dx outrx. Tomamos como entrada de

problematização para compor as nossas cartografias os vídeos com os depoimentos do deputado federal Alexandre Frota (PSDB-SP) e da deputada Joice Hasselmann (Partido Social Liberal /PSL-SP) durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *Fakes News* e assédios virtuais instalada no Senado Federal em 2019.

Já na linha "2.3.4 Ensinando-aprendendo a odiar", analisamos quatro experiências cotidianas (política, movimento social, educação, música) que nos ajudam a pensar como aprendemos-ensinamos a odiar as diferenças a partir de diferentes redes deformativas

Destacamos, na última linha, as "2.3.5 Práticas ciberfascistas" que emergiram na cibercultura, como a produção de notícias falsas ou mentirosas, conhecidas como *fake news* (BRAGA, 2018); o linchamento em rede (LOBO; FILHO, 2016); as *flaming wars* (DERY, 1994) ou guerras inflamadas, que são os debates acalorados e agressivos; discursos preconceituosos e discriminatórios contra as chamadas "minorias" sexuais"; e a violência simbólica e discursiva na conversação, principalmente por meio de atos de ameaças à face (RECUERO, 2009; 2013). A "face", segundo Goffman (1967), é a construção e manutenção do "valor social positivo" que uma pessoa reivindica para si mesma.

2.3.1 Das manifestações de junho 2013 à emergência da nova direita na/em rede

Em junho de 2013, o Brasil, foi sacudido por múltiplas manifestações realizadas em diversas regiões do país (Figura 14 a 17) e que se desdobraram nas redes digitais, transformando os espaços *online* em arenas de intensas disputas por narrativas. Essas manifestações ficaram conhecidas como as "Manifestações dos 20 centavos", "Manifestações de junho", "Jornadas de junho", entre outras denominações.

Figura 14 – Manifestação de junho: São Paulo

Fonte: Blog do Knunes. Acesso em: 27/09/2016

Figura 15 - Manifestação de junho: Rio de janeiro

Fonte: Dp6. Acesso em: 27/09/2016

Figura 16 - Manifestação de junho: Brasília

Fonte: O Globo. Acesso em: 27/09/2016

Figura 17 - Manifestação de junho: Salvador

Fonte: Giro pelo Piauí. Acesso em: 27/09/2016

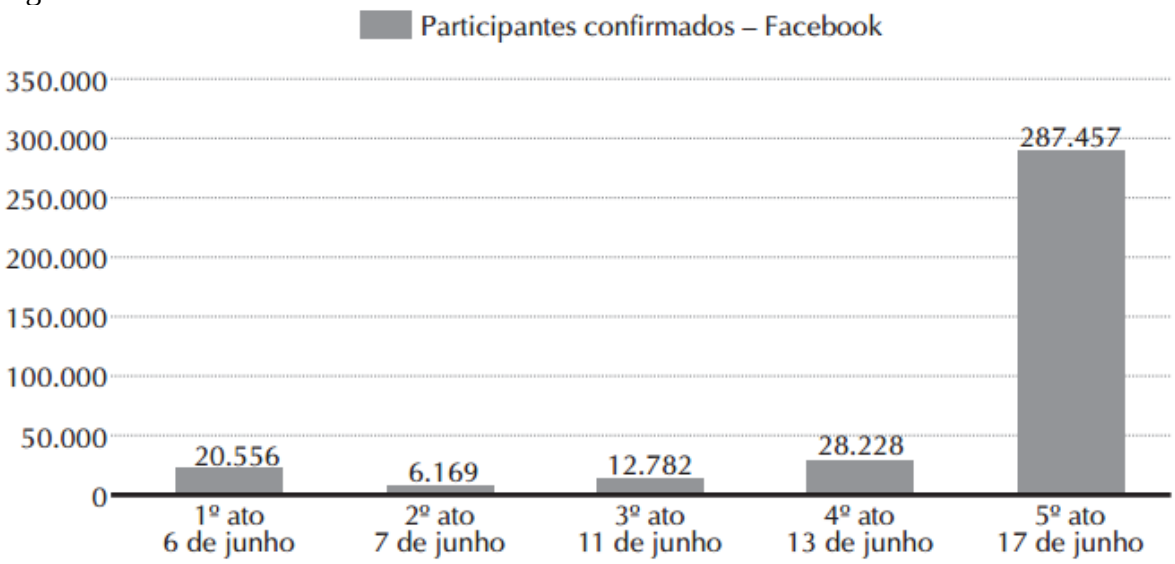
Grande agente disparador dessas manifestações foi o Movimento Passe Livre (MPL), que lançou mão do Facebook para convidar xs usuárixs a irem às ruas protestar contra o aumento das passagens de ônibus em São Paulo. O MPL é um movimento que emergiu da periferia paulistana, sendo constituído na plenária do Fórum Social Mundial de 2005, em Porto Alegre. É um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário.

Amadeu (2015a, p. 219) argumenta que

> Em 2013, o MPL utilizou o Facebook para chamar os protestos de rua. Depois do confronto com a PM no dia 6 de junho, e talvez devido aos ataques da imprensa ao suposto vandalismo e à violência praticada pelos manifestantes, o número de confirmações de presença nos eventos do Facebook que convocavam o ato do dia 7 e o do dia 12 de junho foi menor do que o do primeiro ato [acho que aqui o autor se referia, na verdade, ao dia 11 de junho, como consta na Figura 18]. Após ataques contundentes da Rede Globo e dos dois principais jornais de São Paulo, no entanto, o evento no Facebook que convocava a manifestação do dia 13 de junho em frente ao Teatro Municipal, em São Paulo, contou com 28.228 confirmações.

A seguir, na Figura 18, apresentamos o gráfico com o histórico dos atos e dos números dos participantes confirmados:

Figura 18 – Histórico dos atos



Fonte: Interagentes apud Amadeu (2015b)

As manifestações chamaram a atenção de todos os partidos políticos, sindicatos, universidades, meios de comunicação etc. Os partidos políticos, tanto de esquerda quanto de direita e de centro, ficaram trocando acusações com sentidos que nada tinham a ver com as demandas das ruas. O mesmo aconteceu com os veículos de comunicação de massa, como a Rede Globo, a *Folha de S. Paulo*, o *Estadão* e a *Veja*, que ficaram tentando interpretar os sentidos das ruas e começaram a denunciar as manifestações como "atos de vandalismo", mas esqueceram de informar que esses atos foram reflexos da repressão da Polícia Militar, que também ficou perdida em meio ao caos instalado. Por outro lado, imagens, vídeos e relatos, começaram a denunciar nas redes digitais os atos de repressão cometidos pela Polícia Militar (PM) de Geraldo Alckmin (PSDB-SP), principalmente por pessoas que estavam no local e que participavam do ato, o que disparou o chamamento e o engajamento de mais pessoas às ruas e de mais redes de indignação.

Nesse contexto das manifestações, as redes digitais foram inundadas de informações por todos os lados, informações que se tornaram um banquete farto, plural e heterogêneo para os oligopólios de comunicação fazerem uso. Amadeu (2015a, p. 220) analisa que, na "comemoração da vitória obtida pela redução das tarifas de transporte público, no dia 20 de junho, a Rede Globo suspendeu sua programação para realizar a cobertura direta da Avenida Paulista. Ficou claro que a disputa pelo sentido das

manifestações estava instalada". Amadeu analisa ainda que, desde os primeiros atos de junho, as notícias mais replicadas eram de veículos de comunicação, como *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, entre outros, conforme exposto no Quadro 1:

Quadro 1 – Páginas pela ordem de compartilhamento de postagens pelo Facebook:

Dia 6 de junho de 2013	Dia 17 de junho de 2013	Dia 20 de junho de 2013
1 **O Estado de S. Paulo** 2 Passe Livre São Paulo 3 AnonymousBrasil 4 Ninja 5 Carta Capital 6 **O Globo** 7 Recep Tayyip Erdoğan – Türkiye'nin Gururul 8 Diren Gezi Parkı 9 **Folha de S.Paulo** 10 Plínio comenta	1 Movimento Contra Corrupção 2 AnonymousBrasil 3 **O Estado de S. Paulo** 4 A Verdade Nua & Crua 5 Tico Santa Cruz 6 Passe Livre São Paulo 7 Quero o Fim da Corrupção 8 Ninja 9 Luizinho Veiga 10 Isso é Brasil	1 AnonymousBrasil 2 Movimento Contra Corrupção 3 Última Hora 4 Isso é Brasil 5 A Verdade Nua & Crua 6 A Educação é a Arma para mudar o Mundo 7 Rede Esgoto de televisão 8 **O Estado de S. Paulo** 9 Viktor Rotgarius 10 TodoNatalense

Fonte: Amadeu (2015)

Essas análises de Amadeu nos ajudam a pensar como as redes sociais se tornaram grandes plataformas de disputas políticas (direita x esquerda), discussões e de mobilização social, e como os oligopólios de comunicação encontraram uma oportunidade de pautar sua racionalidade. Ao concluir, Amadeu tece a seguinte reflexão:

> A observação da movimentação das redes sociais, em 2013, permite afirmar que a internet se consolidou como espaço de disputa política e plataforma de mobilização. Os partidos tradicionais, da direita, de centro ou de esquerda, bem como o sindicalismo, tiveram muita dificuldade de disputar suas ideias e proposições nas redes digitais. Isso abriu espaço para novas lideranças e novos articuladores políticos a partir da internet. A esquerda foi mais lenta e menos capaz de disputar o senso comum nas redes sociais. A direita cresceu compartilhando reportagens da revista *Veja*, textos de Olavo de Carvalho, discursos do Bolsonaro, notícias contra a corrupção do PT combinadas às críticas contundentes às políticas sociais do governo Lula. Emergiu assim uma nova direita (AMADEU, 2015a, p. 222).

Essa nova direita (extremada) é fruto dos discursos promovidos diariamente pelos oligopólios de comunicação também, por causa dos incessantes ataques dirigidos contra o governo do PT, seus programas sociais (ex. "Bolsa Família" e "Minha Casa Minha

Vida”), o próprio partido e a pessoas ligadas ao partido (militantes). Isso sem dizer que esses mesmos oligopólios tratavam de forma seletiva a informação contra o PT, promovendo assim o antipetismo no país, contando, inclusive, com a ajuda de juízes e promotores (vide “Operação Lava-Jato”).

Em “A direita e os meios de comunicação”, Lima (2015) mostra a sistemática desqualificação da política e dos políticos pelos meios de comunicação, pela construção de um vocabulário e de uma linguagem de intolerância e de ódio rapidamente absorvidos no cotidiano, que incluíram termos como: “mensalão”; “mensalão do PT”; “CPI do mensalão”; “Valerioduto”; “maior esquema de corrupção da história”, entre outros. De acordo com Lima (2015, p. 111):

> São décadas seguidas de controle do agendamento do debate público, de desqualificação da política e dos políticos e da sistemática utilização da linguagem da intolerância e do ódio, agora estendidos para o mundo virtual da internet. Desta forma, embora o viés direitista dos oligopólios de mídia não seja fato novo, comparativamente, ele se reveste agora de um poder ainda maior que avança, inclusive, para o que tem sido chamado de “midiatização penal”, vale dizer, a interferência direta na operação da Justiça e na construção de uma “jurisprudência de exceção”. As consequências de tudo isso, para além da brutalização das relações sociais, colocam em risco o próprio processo democrático.

Ainda para Lima (2015), os principais veículos de comunicação criminalizaram de maneira uniforme os movimentos sociais e organizações da sociedade civil, inclusive partidos políticos identificados como sendo de esquerda.

Desde as manifestações de 2013, passando pelas eleições de 2014, pelo Golpe de Estado de 2016, chegando até os dias atuais com o governo Bolsonaro (fruto do golpe), observamos que as redes sociais digitais se tornaram os meios mais usados para fazer e promover discussão, militância e ativismo político. Em contrapartida, essas mesmas redes sociais digitais vêm tornando-se palco para atuações de uma nova direita raivosa, antipetista, neoliberal, pautada por princípios religiosos, conservadores e fascistas. Direita essa que conta ainda com o apoio dos oligopólios de comunicação e lança mão de páginas e *sites* que promovem a insegurança, o medo, a instabilidade política e institucional, entre outras formas de opressão.

Gostaríamos de destacar que esse cenário não ocorre somente aqui. É possível observarmos que o mundo está em convulsão também, repleto de pensamentos, ideias e ações extremadas por todos os lados. Vivemos um momento singular em nossa história que pode ser definido como era dos extremos em rede.

Na subseção a seguir, articulamos as nossas análises com um dos episódios da série *Black Mirror* para problematizar as práticas e propagandas fascistas da nova direita brasileira na/em rede.

2.3.2 Odiados pela nação: os ataques das abelhas *online*

No episódio "*Hated in the Nation*" ("Odiados pela Nação"), da série *Black Mirror*, pessoas são mortas por ataques de abelhas-robôs (Figura 19), que partem de escolhas e partilhas de usuárixs *online*, publicadas por meio da *hashtag* #morteaalguem. A pessoa mais votada, isto é, aquela que teve maior número de menção com a *hashtag*, passa a ser o alvo de aniquilação pelas abelhas-robôs. São pessoas matando pessoas por conta de afecções de ódio, decidindo quais vidas devem viver e quais vidas devem morrer. A vítima pode ser qualquer pessoa, inclusive as próprias pessoas que partilham a *hashtag*.

Figura 19 – Ataque das abelhas – Hated in the Nation / *Black Mirror*

Fonte: Supergeeks. Acesso em: 11/03/2019

Trouxemos o episódio "Odiados pela Nação" para analisar as experiências fascistas da nova direita brasileira em/na rede e como essas experiências promovem o ódio contra as diferenças em "múltiplas ambiências híbridas formativas" (RIBEIRO; SANTOS; e CARVALHO, 2018). Nossa aposta é que essas ambiências contribuem para

novos modos emergentes de tornar-se, evidenciando tensionamentos e práticas que rompem com a ética-estética-política na vida cotidiana.

Nossa leitura sobre o episódio “Odiados pela Nação”, uma das muitas leituras possíveis, é a de que enunciados de ódio ganham força e forma – constituindo-se em uma rede discursiva –, por meio de determinadas práticas ciberculturais que estabelecem a conexão do desejo de norma e pânico ante as possibilidades de diferenciação (possíveis no jogo da produção e experiências de práticas de liberdade – isto é, o modo ético de agir). A pronta possibilidade de adesão dos sujeitos a certos modos de ser e habitar o mundo, “garantidos” por uma sorte de normopatia compartilhável (intensamente marcada em pedagogias imagéticas, isto é, formas de governar x outrx pela imagem, como enunciado sintético da vida e de sintaxe de privilégios), oferece as condições para um assentimento da desumanização dx outrx, ali onde a vida (na diferença) se torna letal (POCAHY, 2018).

Algo nesse sentido se aproxima das práticas de deputados e de senadores da bancada da bíblia, da bala e do boi (BBB), páginas e movimentos *online* conservadores que atuam em/na rede como milícias digitais. Uma de suas funções é promover os discursos e as políticas de ódio contra as diferenças *online*, como abelhas desejantes da norma, operadas em pedagogias ciberfascistas – ao tentar governar x outrx por meio da imposição de seus desejos, suas paixões (*pathos*) tristes e podres. Arriscamos aproximar esses arranjos políticos da ideia de abelhas atuando em redes deformativas que fomentam, antes de tudo, afecções para o contágio do ódio face ao processo de diferir (diferir aqui pode significar expor privilégios que mantêm a estabilidade da uma posição de sujeito – a noção “idealizada” da identidade, o que idêntico fica).

Figura 20 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano

Fonte: Ou seja comunicar para revolucionar. Acesso em: 03/10/2016

Figura 21 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano

Fonte: Revista Exame. Acesso em: 03/10/2016

Figura 22 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano

Fonte: Revista Exame. Acesso em: 03/10/2016

Figura 23 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano

Fonte: Revista Exame. Acesso em: 03/10/2016

Figura 24 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marcos Feliciano

Fonte: Revista Exame. Acesso em: 03/10/2016

Figura 25 – Tuítes do pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano

Fonte: Revista Exame. Acesso em: 03/10/2016

Ponderamos que esses grupos e perfis fascistas (de abelhas) promovem uma guerra em rede, que é pensada a partir da matriz hegemônica hetero*cis*normativa, branca, cristã, colonizadora, neoliberal, reacionária, golpista. Essa guerra está voltada para regular a conduta, raça, gênero, sexualidade, classe, formação, território, desejos dos corpos, bem como promover políticas de extermínio e práticas antidemocráticas. Ponderamos ainda que, nessa guerra em/na rede, as armas usadas são as partilhas e

viralizações de práticas que tentam negar as diferenças, inclusive com a ajuda de algoritmos. Podemos dizer que são práticas ciberfascistas, que têm contribuído para corrosão da democracia e das balizas éticas na vida cotidiana.

Tanto as páginas quanto esses perfis de políticos promovem e propagam suas ideias de múltiplas formas, uma delas é através do meme, que é formado por um conjunto de linguagens que objetiva passar uma ideia rapidamente, como se fosse um vírus, pode ser imagem, texto, vídeo ou uma bricolagem entre estes. É como uma música ou propaganda "chiclete", que não sai da nossa cabeça.

> Um meme não necessariamente é uma imagem. Podem ser frases repetidas em diversas situações, com variações e trocadilhos, por exemplo. [...] Embora saibamos a origem do meme, nem sempre podemos identificar o gatilho que impulsiona sua viralização. É uma ação sem centro, sem começo e sem um fim previsível. [...] Os memes da internet podem ser entendidos a partir dessa perspectiva: ao conceber imageticamente aspectos da realidade, trazem em seu viés cômico elementos para que a imaginação recrie/reinterprete a realidade por ele representada (SANTOS E.; COLACIQUE; CARVALHO, 2016, p. 137-138).

Figura 26 – Meme Karl Marx

Fonte: Página Facebook Filosofia Moderna. Acessado em: 24/05/2017

Figura 27 – Meme Foucault e Sartre

Fonte: Página Facebook Filosofia Moderna. Acessado em: 24/05/2017

De acordo com Amadeu (2015b),

> Boa parte da disputa política nas redes sociais é realizada por memes. A esfera pública em que se formam as diversas opiniões públicas não pode mais ser compreendida sem a observação da dinâmica da internet, em particular, das redes sociais online. [...] Os memes são um dos elementos mais comuns presentes nas redes sociais online (AMADEU, 2015b, p. 223-224).

O Movimento Brasil Livre, também conhecido como MBL, usa memes com fins políticos em sua página, a maior parte deles contra o PT. A página tem cerca de 3.089.586 seguidorxs (informações acessadas em 10/04/2021). Promove a venda de produtos como canecas, camisetas com mensagens do tipo “Você venceu o PT” e bonecos representando o ex-presidente Lula vestido de presidiário ou “petralha”. E é uma das páginas que se colocou a favor do *impeachment* da presidenta Dilma, que resultou no golpe de Estado consumado com anuência do Poder Judiciário, no dia 31/08/2016.

Segundo informações da própria página, o MBL se autodenomina uma entidade sem fins lucrativos que visa a mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera. Defende a democracia, a república, a liberdade de expressão e de imprensa, o livre mercado, a redução do Estado e a redução da burocracia. Os memes e produtos apresentados nas próximas figuras revelam um pouco das ideias contraditórias

propagadas pelo MBL em relação à sua autodenominação, pois mostram que o "movimento suprapartidário" bate no PT e apoia partidos de direita:

Figura 28 – Produtos MBL

Fonte: Movimento Brasil Livre. Acessado em: 1º./10/2016

Figura 29 – Meme MBL

Fonte: Movimento Brasil Livre. Acessado em: 1º./10/2016

Figura 30 – Meme MBL

Fonte: Movimento Brasil Livre. Acessado em: 1º./10/2016

Figura 31 – Meme MBL

Fonte: Movimento Brasil Livre. Acessado em: 1º./10/2016

Uma outra página do Facebook que destacamos é a do Movimento Contra a Corrupção (MCC), que foi criada em 1º. de janeiro de 2010 e tem 2.669.383 seguidores até o presente momento (01/10/2016). De acordo com a própria página, sua missão é:

> Divulgar notícias referentes a casos de corrupção, informando a população; promover estudos a respeito do fenômeno da corrupção, formando intelectuais aptos para a análise, a percepção, a sugestão de medidas preventivas, punitivo-

> sancionatórias, reparatórias e inibitórias; estimular o debate público, coletivo e democrático a respeito de modos de resolução da problemática da corrupção; conscientizar os cidadãos a respeito da importância da honestidade no cotidiano etc.

Porém, a missão do MCC não se mostra tão coerente com a prática do movimento. Os memes publicados pela página, por exemplo, miram, em sua maioria, um único partido, o PT, seus líderes e militantes, desonrando-os e desqualificando-os, muito vezes sem provas, o que é desonesto, e promovem a injúria. Isso sem falar na desqualificação dos demais partidos de esquerda. Alguns desses memes estão expostos nas figuras a seguir:

Figura 32 – Meme do MCC

Fonte: Movimento Contra a Corrupção. Acessado em: 1º./10/2016

Figura 33 – Meme do MCC

Fonte: Movimento Contra a Corrupção. Acessado em: 1º./10/2016

Figura 34 – Meme do MCC

Fonte: Movimento Contra a Corrupção. Acessado em: 1º./10/2016

Figura 35 – Meme do MCC

Fonte: Movimento Contra a Corrupção. Acessado em: 1º./10/2016

Esses usos vêm se desdobrando e fomentando múltiplas dimensões de práticas ciberfascistas. Acentuamos três casos recentes: o primeiro é referente à morte do ator Domingos Montagner, da rede Globo, no rio São Francisco, por afogamento. Na ocasião, a companheira de trabalho, também atriz, Camila Pitanga, estava com o ator no momento do acontecimento. Por conta de seu posicionamento a favor das políticas do PT, ela sofreu com diversos comentários maliciosos e de ódio sugerindo ser ela a causadora da morte do ator. O ex-presidente Lula tanto foi alvo de comentário parecido, conforme manifestado nas imagens:

Figura 36 – Discursos contra a Camila Pitanga

Fonte: Printadas pelo Diário do Centro do Mundo – DCM . Acesso em: 02/10/2016

Figura 37 – Discurso contra o ex-presidente Lula

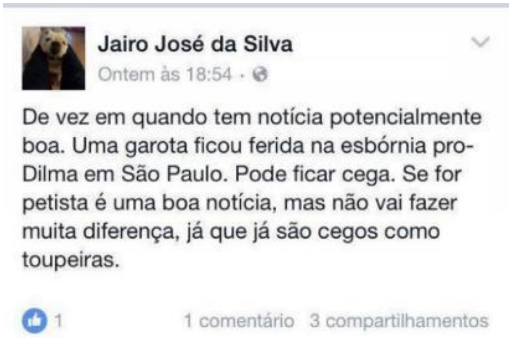
Fonte: Printadas pelo Diário do Centro do Mundo – DCM. Acesso em: 02/10/2016

Figura 38 – Discursos contra a Camila Pitanga

Fonte: Printadas pelo Diário do Centro do Mundo – DCM. Acesso em: 02/10/2016

O segundo caso é do professor universitário Jairo José da Silva, que usou o Facebook para falar sobre o que ocorreu com a estudante e militante do Levante Popular da Juventude Deborah Fabri, de 19 anos, que perdeu a visão do olho esquerdo por causa de estilhaços de bomba lançada pela Polícia Militar em São Paulo. Isso ocorreu durante uma manifestação contrária ao *impeachment* da presidenta Dilma. Na postagem, Jairo José partilha a seguinte fala:

Figura 39 – Postagem do professor universitário sobre o caso Deborah Fabri



Fonte: Revista Fórum. Acessado em: 02/10/2016

O terceiro caso é referente ao machismo e à misoginia. Nele, fascistas colocaram imagem montada da ex-presidenta Dilma na lateral de carros, mais precisamente onde entra o bico da mangueira que abastece o tanque dos veículos. Essa imagem foi usada para protestar contra o aumento da gasolina. Além de ser nojenta, terrível, revoltante e desumana, promove uma incitação ao estupro e à violência contra a mulher, o que

perpetua a repressão contra as mulheres e o “mandato da masculinidade” (SEGATO, 2018).

Figura 40 – Meme misógino contra a então presidenta Dilma

Fonte: Terra

O Golpe de 2016 contra presidenta Dilma Rousseff (e a nossa jovem democracia) deixou evidente como o “sexismo e misoginia participaram da construção de um ambiente político no qual uma mulher eleita foi contestada em sua competência e deposta” (BIROLI, 2018, p. 79). Sobre o *impeachment*, Marielle Franco (2018) acrescenta que foi um golpe de homens brancos, de direita e socialmente inseridos nas classes dominantes (Figura 41), que crava alterações sociais significativas na esfera do poder do Estado e no imaginário popular, facetado por movimentos conservadorxs, em escala global. É um período de nossa história em que “se ampliam as desigualdades, pelas retiradas de direitos de um lado, e por outro, a discriminação e a criminalização de jovens pobres e das mulheres, principalmente as mais pobres” (FRANCO, 2018, p. 118).

Figura 41 – Notificação e posse de Michel Temer: golpe de homens brancos

Fonte: Folha de S. Paulo. Acesso em: 22/03/2018

Partimos do pressuposto de que o ódio das abelhas – ou o desejo de se tornarem ou se manterem operárias desse discurso – é já em si marcado pelo fascismo, cultivado pela nossa sociedade colonizadora, racista, patriarcal, LGBTI+fóbica (a esquerda não está livre disso), tornando-se marca de nossa cultura, afetando-nos por diversas formas de violência. Isto é, trata-se do ferrão da intolerância, da violência que desqualifica e, no extremo, elimina a existência (física) dx outrx.

As condutas das abelhas se aproximam da noção de "fanático", discutida por Oz (2017): quando alguém tenta tornar x outrx conforme o seu desejo, liquida o que considera abominação, impossibilita a produção da diferença, o processo de diferir e outrar-se: "O fanático não quer que haja diferença entre as pessoas. Sua vontade é que sejamos todos como um só homem." (OZ, 2017, p. 33)

Compreendemos que, ao manifestarem seus ódios, as abelhas incorporam entendimentos de mundo nos quais x outrx é visto como um ser ameaçador e deve ser combatido, aniquilado, ferroado, exterminado. Compreendemos também que essas abelhas não são idiotas culturais, muito menos ignorantes, burras ou "sem noção", elas fizeram uma escolha baseada nas condições de possibilidade, muitas vezes sendo capturadas por privilégios.

Destacamos em nossas análises que as abelhas, tendo o cenário político-econômico-social caótico jogando ao seu favor, entram no campo da guerra discursiva e

semiótica focando, acima de tudo, questões voltadas à produção de pânico moral (ideologia de gênero, escola sem partido) para produzir (micro)convulsões sociais. Para isso, as abelhas mobilizam diversos segmentos da sociedade, em operações específicas microfascistas em/na rede, com o uso de múltiplos meios (robôs) e linguagens (memes, vídeos, textos, áudios, *site*, *gifs* animados), cooptando pessoas que se alinham às suas ideias.

Nossa aposta é de que os enunciados de ódio propagados pelas abelhas funcionam como formas de dominação, extermínio, assujeitamento. Podemos dizer, assim, que tais enunciados estão alinhados às necropolíticas do nosso tempo, "formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte" (MBEMBE, 2016, p. 146). As necropolíticas potencializam a produção de mundos de morte, em que "vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de mortos-vivos" (MBEMBE, 2016, p. 146), verificando-se a produção de vidas abjetas.

O ódio como linguagem e, antes de tudo, como episteme, é produzido e viralizado *onlin*e initerruptamente através de *sites* de notícias falsas (*fakes news*), memes maliciosos, pacotes de envio de mensagem em massa, discursos proferidos por políticos em redes sociais, transformando os espaços *online* em colmeias de guerra semiótica. Essa guerra é também um desdobramento da crise de uma racionalidade política e neoliberal que não se produz sem contestação: há inúmeras insurgências, especialmente em políticas e agenciamentos coletivos ditos contra-hegemônicos ou de minorias.

O nosso contexto nos tem levado ao entendimento de que as ambiências formativas para o ódio são operadas por uma episteme que, por sua vez, permeia maneiras de habitar o presente, governar a si e x outrx em consonância com os restos (atualizados) da colonialidade. Podemos dizer que é uma episteme que produz certas posições e noções de sujeito, que deforma vidas, levando as pessoas a agir na direção da normopatia. Como nos ajuda a pensar Foucault (2017b), os indivíduos são interpeladxs por formas de governo, mas igualmente governam a si mesmxs nesse jogo, sujeitando-se a uma determinada formação moral ou subjetivando-se em uma atitude de resistência, produzindo fugas.

Frisamos que, em nosso contexto, as abelhas rainhas fascistas neoliberais (não necessariamente personificadas, mas sendo representantes desse discurso) promovem ideias e criações de Estado de Exceção, e fazem escolhas para salvar vidas, mas só as que vão ao encontro de seus interesses e as que lhes convêm.

Discutimos, nesta subseção, sobre as experiências fascistas da nova direita brasileira em/na rede e suas ações ciberfascistas por meio de páginas, perfis, memes, postagens, tuítes, ataques etc. em "múltiplas ambiências híbridas formativas" (RIBEIRO; SANTOS; CARVALHO, 2018).

Teorizamos sobre as ações e instrumentos didático-pedagógicos operacionalizados pelas abelhas na subseção adiante.

2.3.3 Ações e instrumentos didático-pedagógicos: para desdemocratização

Neste espaço, cartografamos como as abelhas das milícias digitais bolsonaristas operam suas ações e instrumentos didático-pedagógicos para a divulgação de notícias falsas na/em rede. Buscamos mostrar como essas abelhas operam com o "não dizer a verdade", que é contrário ao "dizer a verdade", em termos de *parrhesía* (FOUCAULT, 2013b; 2013c). Esta é vista pelos gregos antigos como o dizer a verdade como prática de liberdade (prática reflexiva de si que requer cuidado) e é voltada ao compromisso ético de si, com x outrx e com a pólis. Entretanto, é preciso estarmos atentxs, nem sempre a *parrhesía* – o dizer a verdade – é positiva; muitas vezes pode vir a destruir a democracia.

> O problema, grosso modo, era o seguinte: a democracia era fundada por uma politeia, uma constituição, na qual o demos, o povo, exerce o poder e onde todos são iguais perante a lei. Tal constituição, no entanto, é condenada por dar igual lugar a todas as formas de parrhesía, mesmo a pior. Devido ao fato de a parrhesía ser dada mesmo aos piores cidadãos, a esmagadora influência dos falantes maus, imorais ou ignorantes pode levar os cidadãos à tirania ou, de outro modo, pôr a cidade em perigo. Portanto, a parrhesía pode ser perigosa para a própria democracia. Esse problema parece coerente e familiar. Porém, para os gregos, sua descoberta, a descoberta da necessária antinomia entre parrhesía – liberdade de falar – e a democracia, inaugurou um debate muito apaixonado concernente à precisa natureza das perigosas relações que parecem existir entre democracia, logos, liberdade e verdade (FOUCAULT; 2013b, p. 49).

Para tensionar fragmentos das ações e dos instrumentos didático-pedagógicos das abelhas milicianas bolsonaristas, tomamos como entrada de problematização para compor com as nossas cartografias os vídeos contendo os depoimentos do deputado federal Alexandre Frota (eleito pelo PSL-SP, hoje PSDB-SP) e da deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP) durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news* e assédios virtuais instalada no Senado Federal em 2019. Os vídeos analisados são dos dias 30 de outubro de 2019, data do depoimento do deputado Frota (PSDB-SP)

na CPMI, com de duração de 5 horas, 29 minutos e 10 segundos, e 4 de dezembro de 2019, dia em que a deputada Hasselmann depôs na mesma CPMI por 9 horas, 20 minutos e 29 segundos.

O deputado Frota e a deputada Joice, que participaram do golpe de 2016 e atuaram na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro à presidência da República, hoje são abelhas ressentidas com o governo Bolsonaro e fazem parte de um movimento dissidente da colmeia bolsonarista. É interessante notar nos trechos dos depoimentos dessas duas abelhas reproduzidos adiante como elas se contradizem ao dizer a verdade, justamente porque elas não estão realizando um trabalho ético, apenas uma manobra de governo, um gesto cínico, raivoso, pois continuam golpistas, fascistas, neoliberais etc.

> Temos a tarefa de investigar o *modus operandi* de milícias digitais, tão comum nas redes sociais. Ataques combinados, fogo amigo, assassinato de reputações, *fake news*, ameaças contra aliados, contra mulheres, contra os nossos filhos ou qualquer um que não aceite compactuar com que eu chamo hoje de seita. Um terrorismo virtual, assédio digital, que vai aos extremos, pessoas que atuam de maneira perversa em cima da intimidação. De amadores iludidos passaram a assessores parlamentares credenciados e remunerados, saíram do esgoto, ratos de web. Essa milícia virtual existe, está clara e é de conhecimento nacional e da maioria que quer enxergar o que vem acontecendo. São responsáveis por muitos problemas que acontecem com suas ideologias, indicações de cargo, fomento da raiva e do ódio (Deputado federal Alexandre Frota PSDB/SP, 2019).

A despeito de o deputado federal Frota (PSDB/SP) compor uma linha similar à de Bolsonaro e ter sido um de seus apoiadores, cabe-nos apreciar e analisar, não sem espanto, a dissidência ou disputa pelo poder, sendo o próprio deputado suspeito de manejar o dispositivo que denuncia.

De acordo com o deputado federal Frota (PSDB/SP), o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, é quem financia a colmeia da milícia digital. O objetivo é promover o terrorismo e o assédio nas redes sociais. A composição dessa comédia, segundo o deputado, é formada por três abelhas assessoras, que atuariam de dentro do gabinete da Presidência da República propagando e viralizando o terror, o medo e o ódio: múltiplas ferroadas, o que levou esse gabinete a ser chamado de “gabinete do ódio” (FROTA, 2019). O deputado relata que essas abelhas assessoras não só comandam as milícias digitais como também controlam os perfis falsos nas redes, e contam com a coordenação da abelha Carlos Bolsonaro, filho do presidente da República.

> Os meninos do Bolsonaro, como ele próprio gosta de chamar e já conhecidos nas mais diversas reportagens de revistas de cunho nacional, trabalham com

> perfis falsos, em excesso. Sabemos o quanto é grave a existência da rede de intrigas de Bolsonaro, que produz material em escala atacando quem estiver na frente ou venha a discordar, venha a fazer o contraditório [....] São muitos perfis! Bolsonéias, Bolsonaro 2.0 [....] Eles [os meninos do Bolsonaro] estão também, também, em gabinetes de deputados, aqui na Câmara, usam as horas vagas para atacar, criam grupos no WhatsApp e operam dessa maneira [...] Aqui eu tenho todos os conceitos de milícias virtuais utilizados atualmente e aí tem vários aqui, tem os formadores de opinião, tem os youtubers, tem aqui os bloguesferas, tem aqui a mídia e tem os políticos que concordam com o que é feito [...] Vêm de dentro do Palácio do Planalto os três personagens que vieram das redes bolsonaristas e tiveram oficializadas as suas redes de ataque com dinheiro público. E quem coordena? Carlos Bolsonaro. Direto do Rio de Janeiro, ele coordena realizando reuniões e disparando via WhatsApp os seus comandos (Deputado federal Alexandre Frota – PSDB/SP, 2019).

Uma reportagem publicada pelo jornal O Globo (2020) *online* revela que o computador do Senado Federal foi usado como provedor de página de *fake news*. Uma outra reportagem divulgada pelo *site* Uol Notícias (2020) destaca que a Polícia Federal identifica Carlos Bolsonaro como chefe do esquema criminoso de *fake news*. Essas duas reportagens reforçam os relatos ressentidos do deputado Frota. Acreditamos, inclusive, que o referido deputado, ao expor em seu relato fragmentos das ações das abelhas milicianas bolsonaristas e torná-las públicas somente agora, já é marcado por um ato criminoso, dado que ele sabia dessas ações das abelhas e compactuava com elas, mesmo em silêncio.

O depoimento proferido pelo deputado federal Frota expõe fragmentos de como "os meninos [abelhas] do Bolsonaro" operam em/nas redes, ou seja, como praticam as suas ações (ferroadas) pedagógicas deformativas, com seus meios e fins específicos. Entretanto, gostaríamos de destacar que essas ações nada têm a ver com um fim conveniente (FOUCAULT, 2006b), em que todas as partes envolvidas são beneficiadas. Muito pelo contrário, elas se movimentam em estratégias antidemocráticas, para a desdemocratização – destruição da democracia –, em prol dos princípios dos homens de bem. Podemos dizer que as ações pedagógicas dessas abelhas se movimentam na produção da antiética-estética-política da existência.

É interessante notar como as abelhas milicianas bolsonaristas se articulam para minar a democracia de dentro para fora. Elas se utilizam das próprias instituições (sobretudo públicas) para implodi-las e para atacar, agredir, assediar múltiplxs "inimigxs", principalmente as pessoas que compõem essas instituições e os serviços prestados por elas. Essas abelhas contam com as intermediações e as redes financeiras e de apoio de representes políticos (abelhas) eleitos pelo voto popular, que, por sua vez, facilitam a efetivação da destruição da nossa democracia, a sua implosão. São representes

eleitos num sistema democrático, como recomenda a nossa Carta Magna, a Constituição Federal.

Em contrapartida, há outros movimentos dessas mesmas abelhas e formas de governar (ações-instrumentos didático-pedagógicos) que acontecem de fora para dentro no processo de desdemocratização, das redes para as instituições, e são financiadas por diversos empresários (abelhas) (Revista Consultor Jurídico, 2020). Todavia, esse processo de desdemocratização acontece em parte, uma vez que, ao promover a desdemocratização, as abelhas milicianas bolsonaristas e as abelhas eleitas reivindicam um Estado burguês, com amplo acesso à cidadania para si. Mas não param por aí, elas reivindicam essa cidadania também para os seus aliados políticos, econômicos e ideológicos, e para os demais, xs contrárixs à sua forma de governo (FOUCAULT, 2006b), o ódio e a letalização (POCAHY, 2018).

Ampliando as nossas discussões, trazemos o depoimento ressentido da deputada federal Joice Hasselmann (PSL/SP), que é também uma das abelhas depoentes da CPMI das *fake news* e do assédio virtual. No seu depoimento, a deputada e ex-aliada do governo Bolsonaro traz o valor, o funcionamento, a forma de organização das milícias digitais em/na rede, conforme podemos observar a seguir.

> Eu estou contra uma organização criminosa que funciona de maneira coordenada, alguns fazem com dolo, outros fazem simplesmente pelo efeito manada [...] Em média, para fazer um disparo, um disparo por robôs. Para fazer essa movimentação, um disparo, uma *hashtag* (#). Gasta-se vinte mil reais. Vocês imaginem quantos disparos, quantas *hashtag*, quantas informações. Eu estou falando só do disparo do robô [....] Vocês imaginem o que está por trás, a produção, o pensamento, enfim, né?! (Deputada federal Joice Hasselmann – PSL/SP, 2019).

Em outro trecho do seu depoimento, a deputada Joice (PSL/SP) detalha como são operacionalizadas as ações didático-pedagógicas de cada ataque dessas abelhas na/com a rede. É interessante notar como o depoimento de Hasselmann vai ao encontro do de Frota:

> Escolha-se um alvo. O alvo é escolhido. Combina-se o ataque, e há inclusive um calendário, de quem ataca, quando. E aí quando esse alvo está escolhido, entram as pessoas de verdade e entram os robôs. Por isso que em questões de minutos, minutos, cinco, dez minutos, às vezes, a gente tem uma informação espalhada para o Brasil inteiro. Parece realmente que o Brasil inteiro está discutindo aquela informação. E é uma sensação, isso também é *fake*, é uma sensação que é passada para que muitos fiquem atemorizados, aterrorizados com o levante da internet [....] Vou trazer uma outra informação. Uma coisa importante é que muitas dessas páginas e perfis que postam conteúdos nem sempre são *fakes*, alguns são *fakes*, outros são difamatórios [....] Muitos

> [conteúdos] são de agressão. Eles postam em algumas páginas, aí uma hora depois, por exemplo, deletam, só que depois que foi delatado, já está circulando nas redes e nos grupos do WhatsApp. Então não tem mais como você segurar a informação e nem tem como fazer uma errata (Deputada federal Joice Hasselmann PSL/SP, 2019).

O depoimento da deputada Joice (PSL/SP) não só mostra como funcionam as práticas pedagógicas ciberfascistas como revela quais são os instrumentos didáticos em/na rede, as tecnologias de governo, que são "aqueles meios a que, em determinada época, autoridades de tipo diverso deitam mão para moldar, instrumentalizar e normalizar a conduta de alguém" (DO Ó, 2009, p. 105). O depoimento da deputada evidencia como as abelhas atuam em conjunto, colaboração e parceria, para atacar de forma coordenada, a partir de múltiplas redes e mecanismos, e com cronograma estabelecido.

Uma outra discussão que consideramos importante observar no depoimento da deputada é a experimentação do uso de *bots* (abelhas robôs) em larga escala para produzir a sensação de todos estarem falando do mesmo assunto simultaneamente. Apostamos que essa sensação produz também uma anestesia em nossos corpos, como se não pudéssemos nos movimentar e ao mesmo tempo como se estivéssemos todxs sem saída, imobilizadxs, inclusive com a democracia totalmente perdida. Essa sensação reverbera em nossos corpos, produzindo ansiedade, medo e insegurança; leva, inclusive, muitas pessoas a se suicidarem. Já em outras pessoas essa sensação energiza, vitaliza, faz aflorar as pulsações de seus desejos, fazendo emergir o lado mais fascista e desumano que habita em seus corpos.

Aqui, trazemos outro trecho do depoimento da deputada Joice Hasselmann (PSL/SP), em que ela mostra uma análise de rede dos perfis do presidente Jair Bolsonaro e do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL/SP) relacionados à utilização de abelhas robôs:

> Eu analisei dois perfis, por óbvio, né!? Os dois perfis mais importantes, o do presidente e do Eduardo Bolsonaro. Ali a análise que foi feita por esse software [referindo-se à análise de rede realizada sobre os dois perfis pelo Twitter, através do aplicativo Botometer.org, que é usado para verificar a atividade de uma conta e atribuir uma pontuação com base na probabilidade da conta ser um robô – também conhecido como *bot* –] e dos 5,4 milhões de seguidores, no caso do presidente da república, 1.402.017 milhões são robôs. No caso do Eduardo, 468.775 mil são robôs [....] Ou seja, nós temos quase dois milhões de contas de robôs em duas contas do Twitter (Deputada federal Joice Hasselmann PSL/SP, 2019).

O depoimento da deputada Joice Hasselmann (PSL/SP) revela como o representante do nosso país e o seu filho, por meio de seus perfis no Twitter, buscam moldar o comportamento de suas abelhas seguidoras (usuárixs) com a colaboração de abelhas robôs, que atua distribuindo a desinformação em massa, diariamente, repetidas vezes, em/na rede. É preciso ressaltar que eles utilizam o Twitter como um canal de comunicação direta com as suas abelhas seguidoras, inclusive, convocando-as a colaborar com as ações *online*, sobre diversos suportes, linguagens e convergências de mídias. Como exemplo dessas ações, tivemos as manifestações antidemocráticas em plena pandemia da covid-19 pedindo o fechamento do Congresso Nacional e do STF, a volta do AI-5, militares nas ruas e no poder, ataques a cientistas e professorxs...

O depoimento da deputada nos remete às discussões de que "nem softwares, nem algoritmos nele contidos são neutros. Eles geram efeitos e foram criados e desenvolvidos para determinadas finalidades" (SILVEIRA, 2017, p. 271). Estas podem ser tanto para o bem como para o mal, para ampliar a democracia – no sentido de pensá-la como algo que está sempre em construção, aberto, não acabado – ou para contribuir para o processo de desdemocratização, potencializando inúmeros ataques.

Por meio dos depoimentos e das reportagens, é possível observar os instrumentos que essas abelhas milicianas bolsonaristas compartilham para efetivar as suas pedagogias diretamente nxs usuárixs, conduzindo-xs a uma determinada forma de pensar e habitar a vida cotidiana fascizante. Para isso, elas lançam mão das práticas da cibercultura, entre elas o produzir, compartilhar, distribuir e viralizar a informação em rede (LEMOS, 2009). Entretanto, é preciso problematizar essa prática de difusão de informações, as próprias informações compartilhadas e os conteúdos dessas informações. Muitas delas não são informações; são, na verdade, desinformações, algumas, criminosas, difamatórias, desumanas.

Para fechar as nossas análises desta seção, acrescentamos que as ações pedagógicas bolsonaristas – tanto do clã Bolsonaro (família) como de seus/suas apoiadorxs e seguidorxs– têm como objetivo conduzir, coordenar e controlar a conduta das pessoas para odiar todxs aquelxs contrárixs as suas ideias, desejos. Essas ações de cunho fascista nos remetem às ideias do fascismo contemporâneo discutidas por Bertonha (2012, p. 108), para quem "um novo Hitler é impossível, mas um disfarçado de democrata, midiático e que aproveite a crise do sistema para subverter, na prática, a democracia, é algo mais do que possível, senão provável".

Nos questionamos, por fim: como ensinamos e aprendemos a odiar as diferenças em nosso tempo?

2.3.4 Ensinando-aprendendo a odiar: processos deformativos das abelhas

Neste espaço, analisamos quatro experiências cotidianas (política, movimento social, educação, música) que nos ajudam a pensar como aprendemos-ensinamos a odiar as diferenças a partir de diferentes redes deformativas. Antes de começarmos as nossas análises, retomamos, aqui, a noção de "deformação". Nós a vemos como uma aposta de negatividade, entendemos que ela está conectada aos modos de governar que se alinham a uma inteligibilidade fascizante, voltada aos enquadramentos normativos dos corpos, à desumanização dx outrx e, no extremo, à letalização da diferença.

Começamos as nossas análises na colmeia da política, a partir dos fortes discursos propagados pelos deputados federais que votaram a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em abril de 2016, conforme expostos a seguir:

> "Eu, junto com meus filhos e minha esposa, que formamos a família no Brasil, que tanto esses bandidos querem destruir com propostas de que crianças troquem de sexo e aprendam sexo nas escolas com seis anos de idade, meu voto é sim!" – Deputado federal e delegado Éder Mauro (PSD-PA). Fonte: Revista Época, 2016.
>
> "Pela família! Pelos meus filhos, [...], pela minha esposa, pelos meus pais, pelo estado de Goiás, pelo futuro do Brasil, eu digo sim!" – Deputado federal Fabio Souza (PSDB-GO). Fonte: Folha de S. Paulo, 2016.
>
> "Neste dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos da Casa: parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em salas de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade. Pela memória do Col. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias do Sul, pelas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo, por Deus acima de tudo, meu voto é sim!" – Deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ). Fonte: Revista Época, 2016.
>
> "Com a ajuda de Deus, pela minha família e o povo brasileiro, pelos evangélicos da nação toda, pelos meninos do MBL, pelo Vem pra Rua [...] Eu voto sim!" – Deputado federal e pastor-presidente da Igreja Assembleia de Deus Marco Feliciano (PSC- SP). Fonte: Folha de S Paulo, 2016.

Através dos discursos proferidos por esses deputados (abelhas), delineamos alguns traços de nosso mapa dos fluxos enunciativos que compõem essa trama discursiva:

o primeiro é que esses enunciados reverberam em distintos espaços-tempos, por diversos meios de comunicação, páginas, grupos e usuárixs *online*. São enunciados que potencializam discursos que se entranham no imaginário social, são incorporados às práticas diárias, produzem realidades, normas regulatórias e subjetividades, traçando assim linhas invisíveis de modelos a serem seguidos e partilhados culturalmente. São discursos que se expandem, ganham capilaridade e servem de fonte para calcificar um modelo a ser perpetuado de família, sexualidade, posicionamento político, moral, ordem, religião, num jogo (nada) democrático. Um ideal de abelhas, conforme o desejo da colmeia.

Pensar nessas redes de enunciados é traçar suas expansões em múltiplas redes e problematizar as tensões que a liberação da palavra trouxe para as práticas ciberculturais hoje, uma vez que tem potencializado a produção de discursos e agitado as colmeias de movimentos neoconversadores, os quais tentam capturar, governar e ensinar corpos, difundir a cultura para o ódio à diferença em nossa sociedade. Ademais, a liberação da palavra, mais do que possibilitar a comunicação interativa ou pós-massiva e na relação horizontal todxs-todxs, possibilitou também que práticas antiéticas e extremistas emergissem, sobretudo com a volta da extrema direita ao poder.

Já o outro traçado cartográfico diz respeito à "liberdade", ou "pela nossa liberdade" – Jair Bolsonaro (2016), isto é, liberdades de privilégios para determinados grupos e privação para outros grupos. Liberdade essa que impede pessoas de exercerem suas próprias liberdades como cidadãs: liberdades de si. É um ideal de liberdade que opera por linhas hetero*cis*normativas rígidas, nas quais qualquer fuga ou desvio é vista não somente como uma infração, mas também como limitação do exercício da cidadania. Trata-se, na verdade, de uma liberdade privilegiada, que é gozada principalmente por homens brancos, heterossexuais, cristãos e de classe média.

Os traçados da liberdade privilegiada são opostos à prática de liberdade ou liberdade reflexiva, problematizada por Foucault (2006a; 2017a), pois eles rompem com a ética-estética-política da existência, é uma liberdade que autoriza a letalização da diferença – isto é, torna-se passível de letalidade o processo de diferir; e ali onde a diferença é marcada, ela se torna alvo de investimento de fluxos expandidos de violência e morte (POCAHY, 2018). Não há cuidado de si, nem com x outrx e nem com a pólis. É uma ideia de liberdade que camufla uma visão e prática de vida autoritária, totalitária, fascista, uma liberdade exclusivamente para si, egoísta, individualista, na qual a coletividade não importa. Não há x outrx, somente a si e seus semelhantes. É, portanto,

uma liberdade pensada e praticada por/para si, e pela dilatação de seus próprios privilégios.

Os traçados cartográficos dos discursos expandidos e da liberdade privilegiada contribuem para visibilizar como funciona a produção do sujeito padrão, ideal, modelo, privilegiado, "puro", através das hetero*cis*normas. Sujeito que não é LGBTI+, negrx, nordetinx, faveladx, mulher... Todavia, a produção desse sujeito ideal nunca é concluída por completo, rupturas e escapes às hetero*cis*normas são constantes, o que, por outro lado, contribui para a produção de novas hetero*cis*normatizações, desdobrando-se na fabricação de novas e emergentes subjetividades.

Por meio desses traçados, é possível notar como os discursos dos deputados (abelhas) são marcados por episteme misógina, sexista, machista, LBGTI+fóbica, contrária à constituição de múltiplos arranjos familiares e de crenças. É uma episteme voltada à promoção da guerra partilhada de ódio, além de contribuir para deformar as pessoas. Esses traçados dos discursos expandidos e da liberdade privilegiada vão ao encontro das críticas que Biroli (2018) faz ao golpe de 2016, que, segundo a autora, foi um golpe sexista, misógino, machista, voltado para o discurso de ódio, perpetrado pelos que lutam para perpetuar seus privilégios, em nome da família tradicional – homem, mulher e filhos –, da manutenção da heterossexualidade como referência, contra a suposta ideologia de gênero e em nome de Deus:

> Ao manifestarem seu voto, os parlamentares favoráveis à deposição defenderam repetidamente a "família tradicional", modo de organização historicamente desvantajoso para as mulheres. O modelo de família que, para os parlamentares, permitiria um retorno a uma ordem desejada tem sido historicamente reduto de violência e da exploração, expondo as expectativas de gênero em jogo. O discurso de ódio também esteve presente, na homenagem de um deputado ao torturador de Rousseff, que foi prisioneira política durante a ditadura de 1964 (BIROLI, 2018, p. 80).

Atreladas às redes deformativas da colmeia da política, trouxemos as redes deformativas da colmeia dos movimentos sociais antidemocráticos e conservadorxs, como o Movimento Brasil Livre, conhecido como MBL, que esteve alinhado com os discursos dos deputados federais favoráveis impeachment de Rousseff e em ações colaborativas de ferroadas em rede. Destacamos, como exemplo, a exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, inaugurada em 2017 no Santander Cultural, de Porto Alegre, acusada pelas abelhas do MBL de promover "blasfêmia contra símbolos católicos" e até pedofilia (*Revista Fórum*, 2017). Nessa

mesma ocasião, tanto o deputado federal Marco Feliciano (BALLOUSSIER, 2017) quanto o deputado federal Jair Bolsonaro (TV-Verdade, 2017) se posicionaram contra a exposição, com Bolsonaro ressaltando que o seu criador deveria ser fuzilado pelo fato de fazer mal às crianças. Esses ataques contribuíram para o cancelamento da exposição no mesmo ano. Contudo, a exposição foi reaberta ao público em 2018, no Rio de Janeiro, no Parque Laje.

Já num outro cenário, no seminário internacional "Os fins da democracia", promovido pelo Sesc Pompeia de São Paulo em 2017, as mesmas abelhas e colmeias entraram em cena para promover ataques de ódio contra pesquisadores da área de estudos de gênero e sexualidade. Por meio de um vídeo publicado em sua página pessoal no Facebook, o deputado federal Marco Feliciano (2017) atacou as palestrantes do evento, focando principalmente a filósofa Judith Butler, que o deputado-pastor demonizou como criadora da ideologia de gênero e que foi uma das principais atrações do evento considerado por Feliciano como "uma autêntica miscelânea do mal".

O MBL, conforme destacam os *sites* de notícias Revista Fórum, Diário do Centro do Mundo e Huffpost Brasil (2017), promoveu ferroadas para impedir a palestra de Butler nesse mesmo evento. Os convites para os ataques foram realizados por meio de convocações de seguidorxs *online*, principalmente para avaliar negativamente a página *online* do evento, exatamente como fizeram com as páginas no Facebook que promoviam a exposição *Queermuseu*. Foi criada também uma petição *online* solicitando o cancelamento da palestra de Butler, e 373.240 pessoas assinaram essa petição, que em um de seus trechos destaca:

> Não podemos permitir que a promotora dessa ideologia nefasta promova em nosso país suas ideias absurdas, que têm por objetivo acelerar o processo de corrupção e fragmentação da sociedade (Petição *online*, 2017).

O evento "Os fins da democracia" chamou a atenção de muitas pessoas, mobilizando várias delas ao local onde ocorrera a palestra de Butler e de demais convidadxs. No local, foram propagados diversos discursos protestando contra ao "imperialismo da ideologia de gênero", muitos deles acalorados e de viés fascista, dos tipos:

> "Fora, Butler!"
> "Queima, bruxa"
> "Não! Não! A essa ideologia"

> "Não é o Brasil que vai aceitar que menino nasce menina! "Menino nasce menino! Menina nasce menina!" (The Intercept, 2017)

A partir desses exemplos, com a arte no "*Queermuseu*" e com a ciência no caso da Judith Butler e demais pesquisadorxs, afirmamos que as ações desses grupos de abelhas são semelhantes à de uma patrulha. Porém, não é qualquer patrulha, é uma patrulha no sentido de horda letalizadora (bandos que provocam tanto a desordem como a morte), lança mão em suas práticas diárias do medo, da ameaça, da hostilidade, da indiferença, do ódio, da violência picadas tóxicas. Mas não só: essa patrulha se utiliza de práticas moralizadoras, produz o apagamento de culturas e nega o conhecimento científico.

Os traçados da patrulha letalizadora aproximam-se da discussão que Oz (2017) tece sobre o fanatismo e em relação a(x) outrx. Para ele há um fanatismo que "às vezes surge do desejo ardente de viver a própria vida por intermédio do modo de vida de outra pessoa". Poderíamos dizer assim de um fanatismo odioso que, além de desejar x outrx, demarca seus territórios sem o comprometimento ético de si e com x outrx; expande as suas latitudes e longitudes através do culto ao ódio e à regulação às diferenças; produz restrições; e intimida pessoas e instituições democráticas.

É importante problematizar que a patrulha letalizadora, em nossas apostas, promove também o pânico moral, isto é, aquilo que para Langnor (2017) se configura através de disputas sobre os valores sexuais e condutas eróticas de um grupo social, e que surge de forma intensa e perigosa a partir de uma desestabilização política em um determinado momento histórico. Nessa mesma direção, apontamos que a articulação de grupos fundamentalistas religiosos e conservadores que propagam o pânico moral têm como alvos, principalmente, a produção acadêmica, os movimentos sociais, os projetos de lei de políticas afirmativas, escolas, universidades e os sujeitos que defendem igualdade de gênero, respeito à diversidade, direitos humanos. As atuações desses grupos de abelhas configuram uma 'neocruzada' religiosa, política e econômica que assume princípios fascistas.

Além disso, é interessante analisar os rastros dos voos da patrulha letalizadora, rastros que deixam evidentes as ações dos ataques de forma colaborativa, em rede, por múltiplos formatos e frentes de atuação: petição *online*; vídeos ao vivo em páginas pessoais; ataques a páginas pelo Facebook; convocação para manifestações em eventos... Esses traçados da patrulha letalizadora nos ajudam a pensar como esses grupos produzem estilísticas de existências em que são esculpidas monstruosidades, a destruição de afetos

amorosos e solidários e, em casos extremos, a aniquilação dx outrx. É uma antiestética da sensibilidade da vida cotidiana ou, se possível, uma estética da destruição. Que nada tem a ver com a ética-estética defendida por Gallo (2012, p. 97), para quem “dar forma à vida é a tarefa da ética que nos compete como seres humanos”, uma vez que “somos livres para fazer de nossas vidas uma obra de arte. Instaurar a beleza com todas as suas formas”.

Junto com essas primeiras redes de colmeias, trouxemos fragmentos referentes à colmeia da música, dado que estão em sintonia com epistemes que pensam de forma aproximada a regulação, o controle e a conduta do corpo dx outrx, principalmente do corpo feminino:

Figura 42 – Letras de música

Fonte: Sul 21. Acessado em: 12/03/2018

As imagens expostas são um desdobramento da campanha “Música: Uma Construção de Gênero”, promovida pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SEPOM) da prefeitura de São Leopoldo. A campanha denuncia o machismo, o feminicídio, a cultura do estupro e a violência contra a mulher, presentes nas letras de músicas famosas.

As imagens foram publicadas na página da SEPOM no Facebook no dia 8 de março de 2018 – Dia Internacional da Mulher – e teve um total de 4.704 curtidas.

Os trechos dessas músicas em tela expõem não só o desejo de governar o corpo feminino como funcionam, antes de tudo, como uma apologia à violência contra à existência da mulher e um modo de marcá-la como um objeto, um brinquedo, um ser menor, sem direitos, que só serve para obedecer ao desejo do homem. Esses trechos das músicas dão formas ao traçado que visa a dominar a vida das mulheres, dominação essa que acontece por meio de múltiplos enquadramentos que tomam o sexo como um dos ideais regulatórios, isto é, do sexo como "uma das normas pelas quais alguém simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural" (BULTER, 2016, p. 155). No caso das músicas, a inteligibilidade da qual a vida da mulher só é possível de ser vivida se for àquela onde ela é reconhecida como assujeitada ou submissa ao homem.

Por meio dos trechos dessas músicas destacamos que essas linhas enunciativas operam em seleções diferenciando vidas, quais vidas valem à pena viver e quais vidas não valem à pena viver. São seleções que ceifam corpos, transformam vidas em mercadorias, produtos, negócios. Seleções que visam a ratificar a "dita superioridade" do sexo masculino sobre o sexo feminino, enxergando a mulher como sexo frágil e, portanto, carente de alguém cuide, tutele, resguarde a sua vida.

Com essa reflexão destacamos alguns enquadramentos regulatórios do gênero, especialmente aqueles que se movimentam pela precariedade da vida, restringindo assim determinadas existências de gozarem seus direitos e garantias constitucionais fundamentais e de terem amplo acesso à cidadania. Precariedade, que nas apostas de Butler (2016, p. 34), "designa essa condição politicamente induzida em que certas populações sofrem por conta de redes insuficientes de apoio [...] e se tornam diferencialmente expostas à injúria, violência e morte". Precariedade que vem dizimando a vida de milhares de mulheres em diversas regiões do mundo e em nosso país. Nesse sentido, o aprendizado pelo som que é escutado diariamente por múltiplos meios, como, por exemplo, YouTube e web-rádios – meios em rede que potencializam nos homens-zangões a arte da dominação, da violência, a misoginia... o ódio contra às mulheres.

Uma outra linha/fluxo que acompanhamos é referente à colmeia deformativa da educação, em que deslocamos nossas problematizações para a questão da LGBTI+fobia em sala de aula, a partir de uma publicação (AMORIM, 2018) de um ex-aluno de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual relata experiências

vividas de homofobia durante o seu processo formativo no curso. O relato teve 36 mil reações por meio de *emoticons*: 22 mil “curtidas”, 10 mil “amei”; 3,7 mil “tristezas”; 243 “assustados”; 55 “raivas”; e 11 “sorrindo”; e contou também com 3,3 mil comentários e 8,6 mil compartilhamentos.

Alguns dos trechos do relato do ex-aluno da Medicina foram destacados e partilhados pela página do Facebook “Tem local”, que é uma página de mapeamento nacional de LGBTI+fobia, e tiveram 1.100 reações de *emoticons*: 529 de “raiva”; 296 “curtidas”; 272 de “tristeza”; 22 de “assustado”; 3 de “amei”; 3 “sorrindo”; 125 comentários; e 1.455 compartilhamentos.

Figura 43 – Trechos do relato de experiências homofóbicas

Fonte: Página Facebook “Tem Local”. Acesso em: 02/04/2018

Através das publicações do relato do ex-aluno, da página do Facebook “Tem Local” e seus desdobramentos na rede com reações em *emoticons*, compartilhamentos e comentários, é possível notar como a hetero*cis*normatividade se (re)produz fortemente em nossa sociedade, sendo inclusive uma marca dela – presente nos espaços educativos

formais, como é o caso da universidade. Essa norma, que muitas vezes potencializa práticas de ódio, é um fragmento de um modelo de sociedade que ataca e mata todos os dias cidadãs/os LGBTI+, modelo que autoriza a prática de extermínio da diferença.

Com base nessa experiência, argumentamos que as pessoas (abelhas) na vida cotidiana se sentem autorizadas a dizer o que pensam e a praticar o que querem, sem se importar com o compromisso ético com x outrx. Essa autorização nada mais é que uma manifestação e prática arbitrária, operada diretamente também pelo status que ratifica o regime da heterossexualidade como superior, normal e natural, em que muitas pessoas se sentem no "direito" de desqualificar as diferenças, inferiorizá-las, vê-las como anormais. Esse traçado da autorização é antiético, cruel, desumano e deixa explícito como as sexualidades dissidentes sofrem constantes agressões (verbais, físicas, psicológicas e *online*) por não se enquadrarem na matriz dominante heterossexual, que "serve" como referência, padrão, norma, exemplo... Logo, todxs aquelxs dissentes do modelo são marcados como infratorxs, pecadorxs, depravadxs, doentes, desestruturadxs, e por isso devem sofrer penalidades, passar, por exemplo, por pseudoterapias de reversão da sexualidade para serem reabilitadxs.

As análises apontadas até aqui destacam o jogo produzido na arena da colmeia da política parlamentar, com os traçados dos discursos expandidos e traçados da liberdade privilegiada; nas atuações de movimentos sociais conservadores, com o traçado da patrulha letalizadora; na música, com o traçado dominador de vida das mulheres; e na educação, com o traçado da autorização contribuem para o entendimento de nosso contexto atual, que é fortemente marcado por necropolíticas fascistas. Ainda nessa direção, podemos dizer que esses traçados analisados se dão em/na rede, como práticas ciberculturais que compõem o hoje, em ambiências híbridas formativas (RIBEIRO; SANTOS; CARVALHO, 2018), onde a todo momento pessoas estão sendo deformadas, formação essa que exige tomadas de posição, se possível contra x outrx e a favor do desejo de si.

Destacamos ainda que os traçados que problematizamos não são fixos, estáveis, permanentes, impermeáveis. Pelo contrário, são traçados que estão em constante mudança, são rompidos, reconfigurados, descentralizados, flexíveis e tomam distintas formas a partir dos jogos cotidianos, abertos à ressignificação. Esses traçados são práticas potentes para a promoção do ódio em múltiplas interfaces de nossa sociedade: arte, redes sociais digitais, universidades, empresas, coletivos diversos, política, espaços públicos..., nos ajudam a pensar como aprendemos e somos ensinados a letalizar as diferenças e

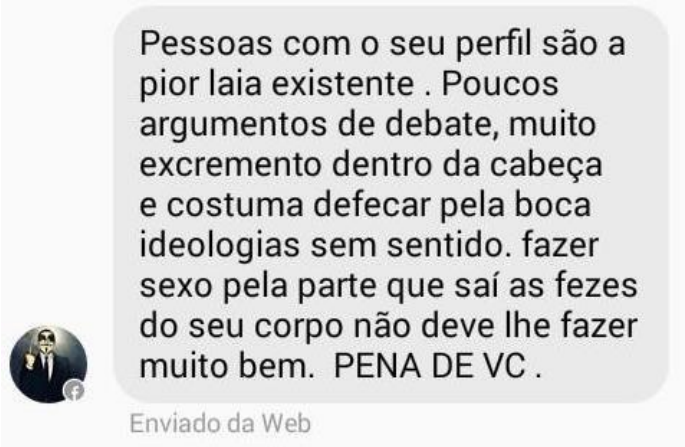
também como somos levados a impor nossos desejos na vida dxs outrxs. Portanto, os traçados aqui analisados são fontes fecundas para compreender por onde e como atuam as colmeias desejantes fascistas.

Na subseção a seguir, cartografamos práticas ciberfascistas de determinadas abelhas pelos sistemas de redes sociais.

2.3.5 Práticas ciberfascistas

Entre os fenômenos emergentes da cibercultura, as práticas ciberfascistas são dos que vêm afetando muita gente. Qualquer um pode se tornar vítima de um fascista, como aconteceu comigo (primeiro autor desta tese) pelo Facebook. No dia 22/09/2016, recebi a seguinte mensagem pelo bate-papo (*inbox*) do Facebook:

Figura 44 – Ataque fascista pelo "bate-papo do Facebook".



Fonte: Aplicativo bate-papo Facebook

Após receber a mensagem (ferroada) dessa abelha, analisamos o perfil da pessoa que a enviou. No perfil podemos ver somente duas fotos: uma do personagem "*Anonymous*", que não ajuda na identificação da pessoa, e a outra (a de capa do perfil) é de uma estação de metrô, semelhante à mostrada no filme *V de vingança*. Tudo leva a crer que se trata de perfil falso, uma estratégia para a operacionalização de práticas ciberfascistas nas redes digitais.

Como funciona essa estratégia? O fascista cria um perfil falso *online*, não coloca nenhuma identificação e utiliza esse perfil para promover seus ataques a usuárixs que não

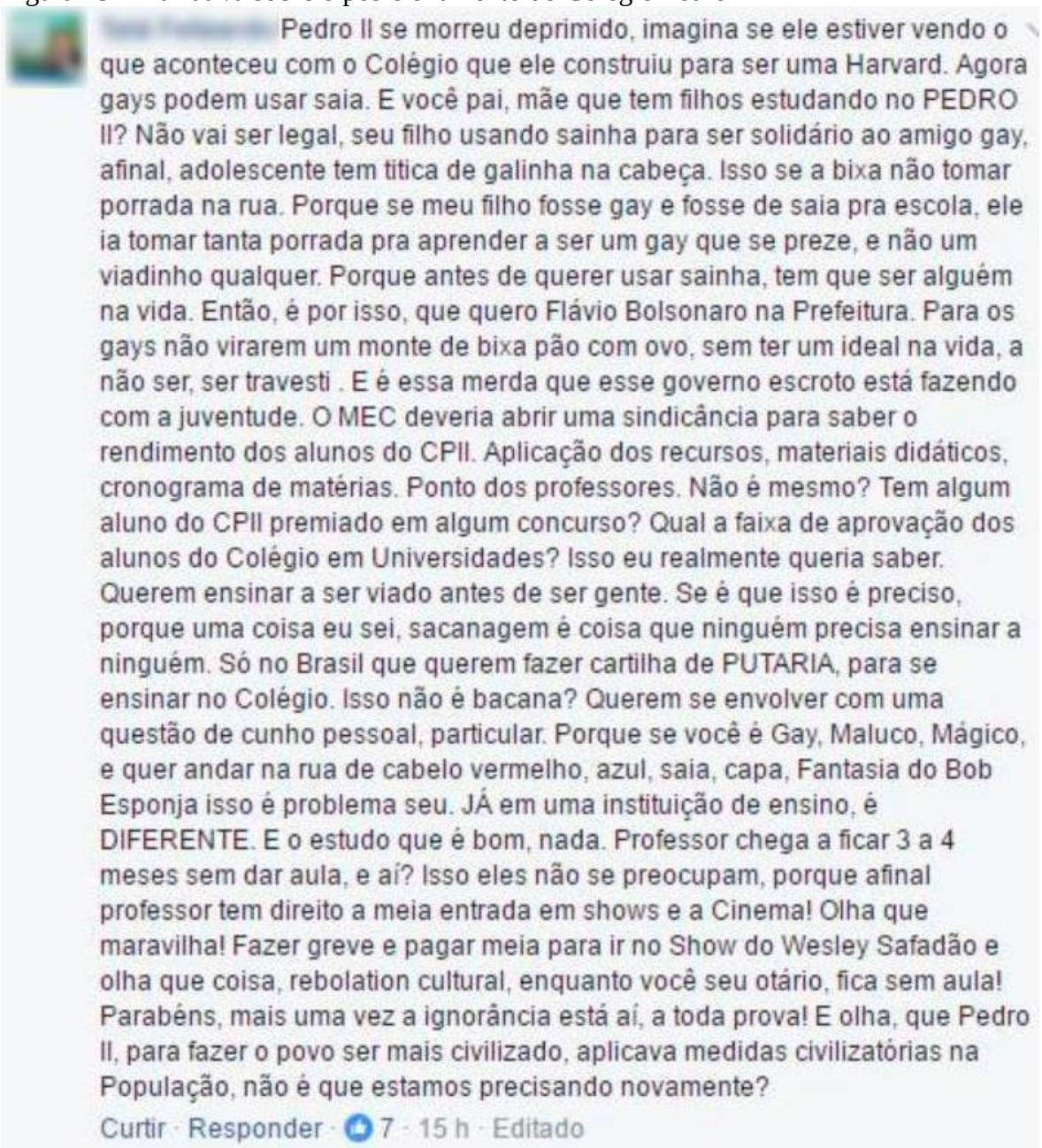
partilham das mesmas ideias que as suas, mas não só. Os ataques acontecem por meio de xingamentos e de discursos preconceituosos em publicações (COUTO JUNIOR, 2014), como também por meio de envios de mensagens em particular (*inbox*). Além de revelar a homofobia, essa (micro)prática se situa também dentro de uma política de ódio, cuja característica é "endereçar discursos de ódio para a população de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (entre outros grupos sociais) – prática que tenta subtrair o status de humanidade desses sujeitos" (ZAGO, 2017, p. 81).

A prática ciberfascita do uso de perfil falso toma forma e vigor em decorrência do princípio da cibercultura do "polo de emissão liberado" (LEMOS, 2007), que se refere ao fato de que todos são autores em potenciais na cibercultura, para o bem ou para o mal. Lemos (2007, p. 39) destaca que "as práticas sociocomunicacionais da internet estão aí para mostrar que as pessoas estão produzindo vídeos, fotos, escrevendo em blogs, criando fóruns e comunidades"; e praticando ataques x outrx, acrescentamos.

Outra prática que potencializa o ciberfascismo é a "ausência da face", a abelha (x fascista) faz ataques usando sua própria conta (não apenas escondido por de trás de um perfil falso), fala coisas que não falaria na presença física de outra pessoa ou no contexto de seu grupo social mais próximo. De acordo com Goffman (1967), a face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados, é a autoimagem pública, construída socialmente e que demanda aprovação social; mas, nas interações pelas redes sociais, estamos ausentes da "face" dx outrx, literalmente, há a separação da palavra do corpo, como apontado por Dery (1994), o que vem sendo reconhecido como um dos fatores que potencializam a violência discursiva e simbólica na conversação e são caracterizados como "atos de ameaça à face" (RECUERO, 2013). Não só pela ausência do corpo físico, do face a face, mas também em decorrência da hiperconexão (RECUERO, 2009), ou do princípio da "conexão generalizada em rede" (LEMOS, 2007), que se refere ao fato de que, pelas redes digitais, entramos em contato com grupos muito mais heterogêneos, o que dificulta a negociação da polidez e, em casos mais extremos, potencializa conflitos e violência no discurso, fazendo ocorrer com mais frequência fenômenos como as "guerras inflamadas" (DERY, 1994), a trolagem, o *cyberbullying*.

Como exemplo de ausência de face, na Figura 45 trazemos uma narrativa de umx usuárix (abelha) que se posiciona abertamente, de maneira agressiva e usando sarcasmo e xingamentos (homofóbicos), contra a decisão do Colégio Pedro II em relação aos uniformes dxs estudantes (essa narrativa foi apagada posteriormente, porém já havíamos feito um *printscreen* antes de ela ser deletada).

Figura 45 – Narrativa sobre o posicionamento do Colégio Pedro II


Pedro II se morreu deprimido, imagina se ele estiver vendo o que aconteceu com o Colégio que ele construiu para ser uma Harvard. Agora gays podem usar saia. E você pai, mãe que tem filhos estudando no PEDRO II? Não vai ser legal, seu filho usando sainha para ser solidário ao amigo gay, afinal, adolescente tem titica de galinha na cabeça. Isso se a bixa não tomar porrada na rua. Porque se meu filho fosse gay e fosse de saia pra escola, ele ia tomar tanta porrada pra aprender a ser um gay que se preze, e não um viadinho qualquer. Porque antes de querer usar sainha, tem que ser alguém na vida. Então, é por isso, que quero Flávio Bolsonaro na Prefeitura. Para os gays não virarem um monte de bixa pão com ovo, sem ter um ideal na vida, a não ser, ser travesti . E é essa merda que esse governo escroto está fazendo com a juventude. O MEC deveria abrir uma sindicância para saber o rendimento dos alunos do CPII. Aplicação dos recursos, materiais didáticos, cronograma de matérias. Ponto dos professores. Não é mesmo? Tem algum aluno do CPII premiado em algum concurso? Qual a faixa de aprovação dos alunos do Colégio em Universidades? Isso eu realmente queria saber. Querem ensinar a ser viado antes de ser gente. Se é que isso é preciso, porque uma coisa eu sei, sacanagem é coisa que ninguém precisa ensinar a ninguém. Só no Brasil que querem fazer cartilha de PUTARIA, para se ensinar no Colégio. Isso não é bacana? Querem se envolver com uma questão de cunho pessoal, particular. Porque se você é Gay, Maluco, Mágico, e quer andar na rua de cabelo vermelho, azul, saia, capa, Fantasia do Bob Esponja isso é problema seu. JÁ em uma instituição de ensino, é DIFERENTE. E o estudo que é bom, nada. Professor chega a ficar 3 a 4 meses sem dar aula, e aí? Isso eles não se preocupam, porque afinal professor tem direito a meia entrada em shows e a Cinema! Olha que maravilha! Fazer greve e pagar meia para ir no Show do Wesley Safadão e olha que coisa, rebolation cultural, enquanto você seu otário, fica sem aula! Parabéns, mais uma vez a ignorância está aí, a toda prova! E olha, que Pedro II, para fazer o povo ser mais civilizado, aplicava medidas civilizatórias na População, não é que estamos precisando novamente?
Curtir · Responder · 7 · 15 h · Editado

Fonte: Página Facebook Aborto sim. Acessado em: 23/09/2016

O linchamento em rede é uma outra prática ciberfascista. Como exemplo, destacamos os comentários compartilhados por usuárixs que curtem o "G1 – O Portal de Notícias". O "Portal" é conhecido como um lugar em que usuárixs propagam o ódio abertamente, sem pudores e sem compromisso ético de si e com o coletivo. O caso da estudante Matheusa, da Artes/UERJ, assassinada pelo "tribunal do tráfico" numa favela do município do Rio de Janeiro, mostra evidências dessa prática de linchamento *online*:

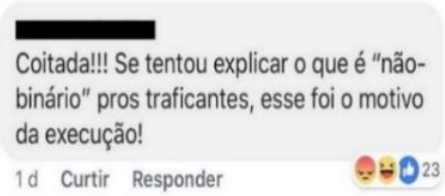
Figura 46 – Caso Matheusa

Fonte: G1/Facebook. Acesso em: 10/05/2018

Figura 47 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias

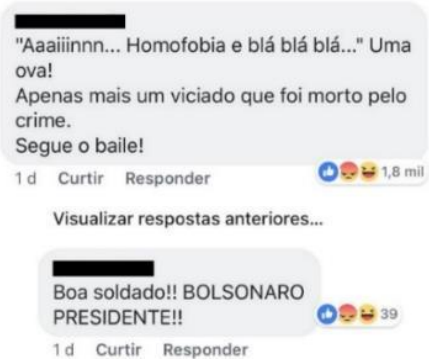
Fonte: G1/Facebook. Acesso em: 10/05/2018

Figura 48 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias



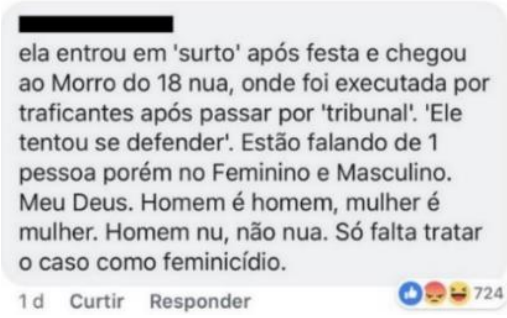
Fonte: G1/Facebook. Acesso em: 10/05/2018

Figura 49 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias



Fonte: G1/Facebook. Acesso em: 10/05/2018

Figura 50 – Comentários no G1 – O Portal de Notícias



Fonte: G1/Facebook. Acesso em: 10/05/2018

O caso de Matheusa mostra inúmeros comentários LGBTI+fóbicos (ataques de abelhas). Nesse caso, um comentário externaliza um ideal, com base numa moral específica, e potencializa outro comentário assim como diversas formas de curtidas

(triste, deboche, raivosa...), transformando o espaço de divulgação da notícia num tribunal *online*. Esse caso explicita que o encontro de pessoas com o mesmo perfil, o que é notadamente potencializado nas redes sociais, promove o apoio mútuo que potencializa a realização de práticas ciberfascistas. Essa situação potencializa o "efeito manada", aquele em que usuárixs que compartilham das mesmas ideias se juntam para atacar possíveis alvos que pensam diferente ou discutir em torno de um mesmo ideal, desejo e moral, promovendo, assim, o linchamento em rede.

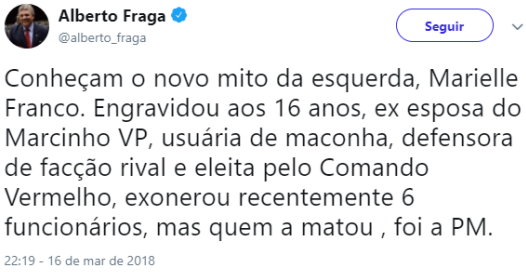
De acordo com Lobo e Filho (2016, p. 9),

> O linchamento é algo muito conhecido por parte dos brasileiros. Somos um país que muito o pratica. [...] Começamos a perceber que no linchamento em rede, discursivamente construído e simbolicamente executado, os sujeitos "linchadores" se dispõem a linchar, apoiam, no geral defendem e chegam a comemorar a violência simbolicamente cometida contra o alvo através de comentários e likes. Portanto, o fenômeno existe, é expressivo e pode ser vivenciado e documentado no ciberespaço.

Por outro ângulo, o caso de Matheusa pode ser visto como mais uma vítima de LGBTI+fobia, que grassa em nosso país, pelo fato de elx ser "enquadradx" com um "corpo estranho" (LOURO, 2016), corpo esse que transgride as fronteiras de gênero e/ou sexualidade, e que, por essa transgressão, é marcado como diferente. Assim como "frequentemente são apontados pelos outros como 'diferentes' – uma diferença que os desqualifica, os desvaloriza e os torna 'indesejáveis'", conforme sinaliza Couto Junior (2014, p. 94).

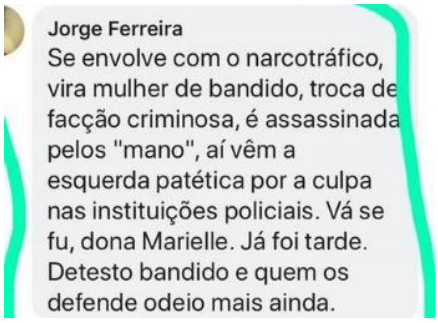
A divulgação de *fake News* (notícias falsas) para a letalização dx outrx é outra prática ciberfascista que destacamos. Ela é entendida como a produção, partilha e viralização de notícias falsas que visam a aniquilar e destruir a vida de uma pessoa ou de uma instituição. Para as nossas análises, citamos as notícias falsas sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson, notícias essas que foram partilhadas por pessoas (abelhas) que ocupam importantes cargos e posições políticas em nosso cotidiano:

Figura 51 – Rastros da fala de Deputado Federal Alberto Fraga sobre a morte da Vereadora Marielle Franco



Fonte: BlogdaCidadania. Acessado em: 25/03/2018

Figura 52 – Rastros da fala do delegado Jorge Ferreira sobre a morte da Vereadora Marielle Franco



Fonte: Jornal Extra *Online*. Acessado em: 25/03/2018

Figura 53 – Rastros da fala da desembargadora Marilia Castro Neves sobre a morte da Vereadora Marielle Franco

Fonte: PortalT5. Acessado em: 25/03/2018

Essas falas vão ao encontro dos argumentos de Braga (2018), que nos convoca a pensar que as *fake news* atraem enorme quantidade de atenção, a ponto de se tornarem uma verdadeira indústria, que prospera da ausência de tolerância – diríamos também que da ausência de respeito e ética. Entretanto, é preciso ressaltar que essa indústria de *fake News*, do caso Marielle, em específico, é também uma forma de linchamento em rede, isto é, de destruir a sua face como pessoa pública, mulher negra, mãe e lésbica, que foi eleita democratamente com 46.502 votos e representava os mais pobres, faveladxs, negrxs, LGBTI+, inspirando toda uma juventude.

É preciso ressaltar também que dados cartografados pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pelo jornal *O Globo* (2018) – "Como ganhou corpo onda de fake news sobre Marielle Franco" – indicam que o Movimento Brasil Livre (MBL), movimento de extrema direita, que prega, antes de tudo, o ódio as diferenças, foi o principal inventor de notícias falsas sobre a vereadora assassinada.

As múltiplas figurações das práticas das abelhas ciberfascistas – perfil falso; ausência de face; linchamento em rede; e *fake news* para letalização dx outrx – nos possibilitam dizer que o ódio x outrx é construído socialmente, e essx outrx é vistx como uma barata que precisa ser exterminada, morta, letalizada. Essas práticas ciberfascistas cartografadas nos fazem refletir sobre como a arte de odiar compõe também a cibercultura, se tornando parte de nós e pela qual aprendemos-ensinamos-praticamos em múltiplas redes cotidianas: Facebook; numa conversa privada num bate-papo; por meio de comentários *em* sites de agências de notícias; através da criação e partilha de *fake news*...

Pela observação dessas práticas cartografadas, é possível observar que elas são produzidas e partilhadas por abelhas situadas culturalmente, sujeitas pensantes, produtoras de cultura. Podemos dizer que, no caso sobre Marielle e Anderson, por abelhas com amplo repertório cultural, acadêmico e político, não se tratando, portanto, de abelhas 'ignorantes', muito menos 'burras'. Por fim, essas práticas só podem ser operacionalizadas em rede/na por conta de complexos princípios ciberculturais: liberação do polo de emissão, reconfiguração cultural e conexão generalizada em rede (LEMOS, 2007).

Na próxima seção, fazemos uma síntese que foi discutido neste capítulo.

2.4 Reflexões (in)conclusivas

Neste capítulo, cartografamos reportagens, depoimentos, entrevistas, vídeos, imagens, mobilizações, artigos científicos e não científicos, páginas e grupos de sistemas de redes sociais. A partir dessa ação, traçamos práticas de ódio que habitam entre nós, destacando as suas epistemes ciberfascistas e como estas se constituem em ambiências híbridas deformativas produzidas discursivamente.

Como desdobramento desta cartografia *online*, tecemos os seguintes destaques: odiar x outrx nos é ensinado-aprendido em múltiplos espaços-tempos e por variadas nuances dos (micro)discursos cotidianos, que, por sua vez, ratificam um ideal de sociedade, sem cessar, 24h/07d; o conjunto de discursos propagados revela como a nossa política é constituída histórica e socialmente em experiências em que as diferenças devem ser invisibilizadas, negadas, eliminadas... letalizadas; os jogos das práticas cotidianas estão constantemente em estado de prontidão para a guerra ou, mais que isso, para aniquilação; e qualquer pessoa pode se tornar a próxima vítima dos ataques das abelhas, inclusive participando da colmeia; a antiética-estética-política da existência dos traçados cartográficos aqui expostos está voltada à destruição de todxs aquelxs que não se enquadram nas normas socialmente ditas "aceitas", isto é, as heterocisnormas hegemônicas (homem branco, cristão, de classe média e que goza de um amplo acesso à cidadania, vulgo "homem de bem"; e a liberdade dos corpos está sob rígidos processos de vigilância, de controle e de enquadramentos; a captura desses corpos é um alvo sempre a ser perseguido, principalmente por colmeias de viés fascista.

Entendemos que os traçados mapeados nesta cartografia *online* estão situados em uma rede cibercultural de práticas; mas não é qualquer prática, é aquela constituída discursivamente, composta por "regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram [...] as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Na tessitura dessa cartografia *online*, mapeamos fragmentos de estratégias, astúcias, práticas, meios e objetivos mobilizados pelas milícias digitais bolsonaristas para agenciar as suas pedagogias ciberfascistas. Mas não só. Mapeamos também como essas pedagogias ciberfascistas se constituem e tomam corpo em nossa sociedade em rede. Acreditamos que todxs nós somos atravessadxs por elas diariamente, por mais que tentemos nos desviar. Elas vêm ao nosso encontro e, nos dias de hoje, ganham potência com a ajuda de robôs. Todavia, salientamos que é preciso estar atentxs às ações e aos instrumentos dessas pedagogias, sobretudo para que não as pratiquemos em nossa vida cotidiana, nas relações com x outrx e com as instituições democráticas

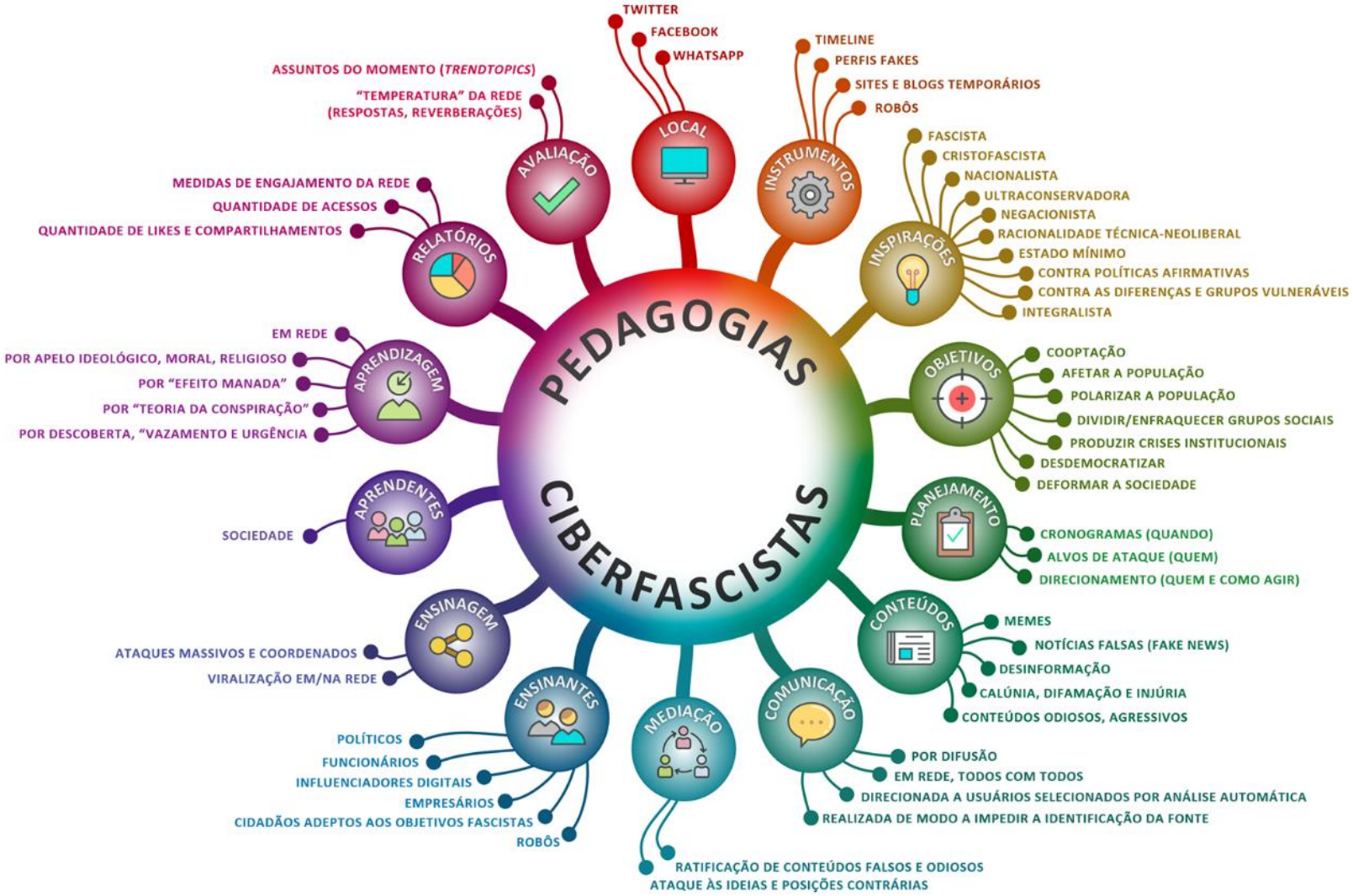
Vivemos um momento delicado em nossas vidas, marcado por discursos e práticas extremistas, crises humanitárias e financeiras e uma pandemia. Por conta disso, destacamos que é necessário termos cuidado com nós mesmxs, com x outrx e com a democracia; destacamos ainda a urgência e o compromisso com o "dizer a verdade" em tempos de *fake news*, em termos de *parrhesía* (FOUCAULT, 2013b, 2013c). Entretanto,

esse compromisso deve acontecer com um dizer a verdade preocupado com a ética – prática reflexiva de si –, que é também estética-política, e dizer não à desdemocratização.

Através das análises e problematizações do nosso material de pesquisa, destacamos apontamentos que nos ajudam a dar sentido e forma a fragmentos das pedagogias ciberfascistas no presente, e ilustramos na Figura 54.

Por fim, salientamos que *fake news* também matam!

Figura 54 – Componentes das Pedagogias Ciberfascistas



Fonte: Autor

3 PEDAGOGIAS CIBERINSURGENTES

> *As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas (Marielle Franco).*

Compreendemos o ciberespaço como uma ambiência complexa e plural; por meio dele, xs sujeitxs tecem múltiplas relações de solidariedade, reivindicam direitos, criam mobilizações, organizam pautas e compartilham experiências de vida e formação. Entendemos que essas práticas no ciberespaço movimentam inúmeras pedagogias, como as "pedagogias ciberinsurgentes", que se rebelam contra todas as formas de violência, racismo, fascismos, desumanidades, assujeitamentos, ideias totalitárias (sejam de direita ou esquerda) ....

Discutimos, neste capítulo, experiências cotidianas que emergiram e atravessaram o caminhar da pesquisa, e, por meio delas, trazemos fragmentos que apontam para o modo como as pedagogias ciberinsurgentes vêm se configurando. Começamos as nossas análises tecendo "

3.1 Teorizações sobre insurgências" (ver 4.1) que aconteceram nos últimos anos, de 2011 a 2020, para ampliar o nosso entendimento sobre o tempo em que vivemos e pensar como as ciberinsurgências rompem com os enquadramentos normativos que tentam fabricar um ideal de humano. Continuamos as nossas teorizações abordando as "3.2 Pedagogias ciberinsurgentes" (ver 0), sobretudo como elas operam em agenciamentos para forjar ou criar um modo de condução das condutas para uma vida não fascista (em termos foucaultianos).

Aprofundamos as análises, produzindo uma "3.3 Cartografia das pedagogias ciberinsurgentes" (ver 4.3) a partir de experiências que se aproximam do nosso cotidiano. Essa cartografia foi traçada a partir da análise de dois movimentos de politização da *selfie* (ver 0): "#UERJResiste" (ver 0) e "3.3.1.2 #Escola sem pensamento crítico não é escola!" (ver 0). Também analisamos quatro acontecimentos no cotidiano escolar (ver 0) que nos ajudam a pensar como ensinamos-aprendemos a insurgir. Também analisamos o movimento "#Meubolsominionsecreto" e a versão feminista da música "Mulheres" como instrumentos pedagógicos éticos-estéticos-políticos (ver **Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Com base em todo o material analisado, concluímos o presente capítulo traçando (ver 0) o que se aprende com essas pedagogias e os apontamentos finais da pesquisa (resultados).

3.1 Teorizações sobre insurgências

Os espaços *online* são atravessados por diversas práticas e agenciamentos que contribuem para nos tornarmos o que somos; eles nos produzem e nos formam. Essas práticas são atravessadas por rígidos enquadramentos hetero*cis*normativos que "atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos" (BUTLER, 2015, p. 17) e forjam ou intentam produzir um ideal de sujeitx e de sociedade. Essa produção se dá, por exemplo, por meio de enunciados complexos que formam redes de performatividades discursivas. "Para garantir a coerência, a solidez e permanência da norma, são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais" (LOUROa, 2016, p. 84).

Os enquadramentos hetero*cis*normativos, em movimento ininterrupto, definem que algumas vidas são inteligíveis no interior de uma dada sociedade, enquanto outras são tratadas como desviantes, ininteligíveis, não sendo reconhecidas como vidas. "Há normas sexuais e de gênero que condicionam o que e quem será 'legível' e o que e quem não será, e que expõem aquelas pessoas que falham em serem registradas dentro da inteligibilidade a formas diferenciadas de violência social" (BUTLER, 2016b, p. 35). Por isso, muitas vidas dissidentes não têm acesso aos direitos e às garantias fundamentais que deveriam ser assegurados pelo Estado, sofrendo, assim, com a precarização. Butler (2016b) salienta a necessidade da não precarização das vidas dissidentes, para o reconhecimento delas e para que elas sejam vivíeis: tenham uma vida boa. Compartilhamos dessas ideias.

Ressaltamos que os enquadramentos hetero*cis*normativos nem sempre conseguem o que desejam, o que almejam: chegar ao estágio final da produção dxs sujeitxs. Isso se deve a diversas insurgências, rebeliões e dissidências que emergem no interior de determinadas relações de poder-saber, como as insurgências das vidas dissidentes que não aceitam as regulações dos enquadramentos, transgredindo-as. Essas vidas estão espalhadas por todos os lados, em diferentes (micro)espaços-tempos de nosso cotidiano. Elas ousam transpassar, irromper, estilhaçar os rígidos enquadramentos (Figura 55 a 58),

lutam diariamente por suas (re)existências e pela não invisibilização, denunciam a precarização e as múltiplas formas de violência.

Figura 55 – Rompendo os enquadramentos heterocisnormativos

Fonte: Página Grabe Sya Oh. Acesso em: 25/08/2018

Figura 56 – Rompendo os enquadramentos heterocisnormativos

Fonte: Página Grabe Sya Oh. Acesso em: 25/08/2018

Figura 57 – Rompendo os enquadramentos hetero*cis*normativos

Fonte: Página Grabe Sya Oh. Acesso em: 25/08/2018

Figura 58 – Rompendo os enquadramentos hetero*cis*normativos

Fonte: Página Grabe Sya Oh. Acesso em: 25/08/2018

Essas imagens nos dão pistas de como as vidas dissidentes em seus (micro)cotidianos produzem linhas de fuga por meio de inventividades transgressoras e subversivas que desorganizam e deslocam os enquadramentos hetero*cis*normativos (as linhas segmentadas e duras da vida). Vemos essas inventividades como manifestações de experiências de si que dão formas às diferentes "estilísticas existenciais" (GALLO, 2012), em que se imprimem formas e contornos avessos às hetero*cis*normas, ideias e modos de vida totalitários etc., embelezando assim a vida. Podemos dizer que essas manifestações vão talhando e esculpindo a própria existência, revelam fragmentos de si e se refletem em outras maneiras ético-estético-políticas de ser, estar e conviver.

Na vida cotidiana há inúmeras insurgências (Figura 59) que evidenciam agenciamentos combativos que abrem espaços para outramentos[21] – posições de sujeitx e relações sociais que mostram modos mais éticos consigo, com x outrx e com as diferenças que atravessam, construindo, assim, alternativas viáveis de vida. Muitas insurgências emergem de rebeliões contra os enquadramentos hetero*cis*normativos, as pedagogias da crueldade, os mandatos da masculinidade, as práticas de ódio, as distintas formas de violência e fascismos, as perdas de direitos e garantias...

[21] "Foi Fernando Pessoa quem inventou o verbo OUTRAR-SE, bem como o substantivo OUTRAGEM. [...] Segundo a Infopédia, a definição para o verbete outrar-se é: Fenômeno de fazer-se outro, de adotar várias personalidades, dando-lhes vida e independência. (...) Logo, o outramento na literatura é um devir, um vir a ser, no qual autor e obra não se confundem." (Manoel Barreto. O outramento e "a fenda" pela qual se atravessam as experiências literárias no livro **A Hora da Estrela** de Clarice Lispector. Documento *online*: https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/4568484, publicado *online* em 12/11/2013, consultado em 19/08/2019).

Figura 59 – Um ativista enfrenta uma marcha de 300 neonazistas na Suécia

Fonte: El País

Com as tecnologias digitais em rede, as insurgências são reconfiguradas: xs usuárixs se organizam e se mobilizam pelas trocas de informação na relação todxs-todxs; elxs não precisam estar de corpo presente para deliberar, negociar e produzir ações que vão se desdobrar em intervenções nas cidades e nos ciberespaços. Aqui temos apostado na noção de "ciberinsurgências" para nos referirmos às insurgências *online* em termos de práticas ciberativistas, "práticas sociais associativas de utilização da internet por movimentos politicamente motivados, com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas" (LEMOS, 2003, p. 1); ou ainda no sentido de práticas net-ativistas: "diversas formas de ativismos emergentes nas redes digitais" (DI FELICE; PEREIRA; ROZA, 2017, p. 9).

Temos pensado as ciberinsurgências também a partir das observações assinaladas por Suely Rolnik (2018a), que, em face das esferas da insurreição, considera que insurgir é complexificar o alvo a ser combatido no universo da micro/macropolítica, de sermos capazes de nos rebelarmos contra as violências que cercam nossos corpos, de alcançarmos novos horizontes e de introduzirmos estratégias de insubordinação. De acordo com Rolnik (2018a, p. 102), os movimentos insurgentes "têm surgido sobretudo nas gerações mais jovens (em especial nas periferias dos centros urbanos e, mais especificamente, entre

negros, mulheres, LGBTQI), assim como nos povos indígenas e nas comunidades quilombolas".

Para pensar as ciberinsurgências, trazemos, como exemplo, alguns dos diversos movimentos insurgentes que emergiram pelo Facebook contra o pleito de Bolsonaro, como: "Ele não" (.

Figura 60), "Mulheres contra o Bolsonaro" (Figura 61), "LGBTQI+ Resistência pela Democracia" (Figura 62), "Terreiros pela Democracia" (Figura 63), "Professores pela Democracia" (

Figura 64) e "Foro Resistência Democrática" (Figura 65).

Figura 60 – #Comunidade: Movimento ele não

Fonte: Facebook. Acesso em 13/03/2019.

Figura 61 – #Comunidade: Mulheres contra Bolsonaro.

Fonte: Facebook. Acesso em 13/03/2019.

Figura 62 – #Grupo: LGBTQI+ Resistência pela Democracia

Fonte: Facebook. Acesso em13/03/2019. Membros: 337. 255 mil

Figura 63 – #Página: Terreiros pela democracia

Fonte: Facebook. Acesso em 13/03/2019.

Figura 64 – #Grupo: Professores pela Democracia

Fonte: Facebook. Acesso em 13/03/2019.

Figura 65 – #Grupo: Foro Resistência Democrática.

Fonte: Facebook. Acesso em 13/03/2019.

Essas mobilizações foram/são formadas por usuárixs e movimentos sociais que, em suas inventividades e astúcias cotidianas, criaram páginas, grupos e comunidades pelos sistemas computacionais que serviram de ciberespaços para assembleias públicas em/na rede, sobretudo para discutir ideias, informar, deliberar, propor intervenções, mobilizar outrxs usuários, fortalecer laços sociais, formar alianças... As movimentações desses grupos, páginas e comunidades se conectam às ideias de Butler (2018), que argumenta:

> Os corpos em assembleia articulam um novo tempo e um novo espaço para a vontade popular, não uma única vontade idêntica, nem uma vontade unitária, mas uma que se caracterize como uma aliança de corpos distintos e adjacentes, cuja ação e inação reivindicam um futuro diferente (BUTLER, 2018, p. 84).

As múltiplas inventividades produzidas evidenciam diferentes formas de mobilização no presente, podem ser entendidas como práticas hacktivistas (LEMOS, 2003): intervenções em/na rede para promover expressão política, liberdade de expressão, direitos humanos, ou informação ética. Consideramos essas intervenções disparadoras e amplificadoras da micro/macropolítica na/da vida cotidiana, principalmente por sua capacidade de propagá-las no tempo e nos ciberespaços. Elas nos fornecem aberturas para a compreensão de como as vidas dissidentes e coletivos diversos produzem alternativas para se manter existindo, lutando pelo alargamento da democracia e contra um modelo necropolítico (e genocida). Entendemos essas intervenções como importantes meios de mudança social; elas nos servem de gatilhos para pensar o nosso presente e as pulsações

dos desejos das vidas dissidentes, sobretudo naqueles espaços-tempos onde a vida bate fortemente e conta com a colaboração de outras vidas.

Cabe destacar que as relações de usuárixs e movimentos sociais produzidas por meio desses grupos, páginas e comunidades caminham em direção a uma "coletivização distribuída", entendida não somente como um agrupamento social em rede estabelecido nas interações todxs-todxs, e implicam relações entre humano e não humanos. Essa coletivização opera no sentido de potencializar a formação de "redes horizontais" (CASTELLS, 2013), que são constituídas por meio da colaboração e solidariedade mútua entre xs sujeitxs; ela busca caminhos/alternativas/brechas para que xs sujeitxs encontrem apoios entre si e, com isso, possam superar seus medos. Entendemos que, no ato de coletivizar, criamos espaços para compartilhamentos de experiências de vida e formação, nos quais podemos falar de nossos sofrimentos, dores, lágrimas, sonhos, desejos, indignações, esperanças etc.

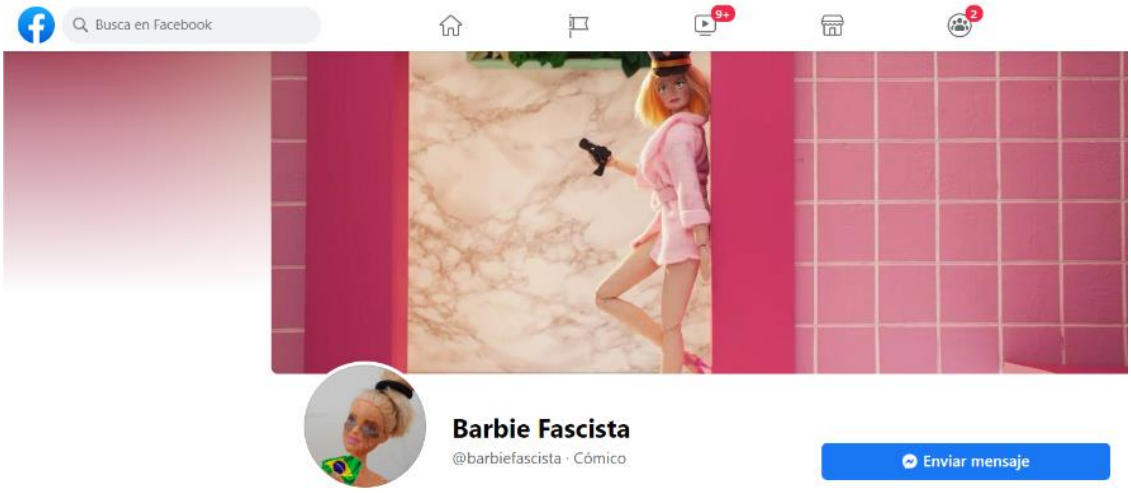
Nesse mesmo contexto contra o pleito de Bolsonaro, emergiram diversas páginas no Facebook que produziram e compartilharam diversos memes que faziam paródias (como uma forma de intervenção política em/na rede) sobre as identificações de pessoas alinhadas aos ideais da direita da sociedade brasileira e ao bolsonarismo. As paródias são pensadas aqui em termos *queers*:

> A paródia se constitui não somente numa possibilidade estética recorrente, mas na forma mais efetiva de crítica, na medida em que implica, paradoxalmente, a identificação e o distanciamento em relação ao objeto ou ao sujeito parodiado. Conforme acentuam teóricas e teóricos contemporâneos, não se trata de uma imitação ridicularizadora, mas de uma "repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança" (HUTCHEON, 1991, p. 47). Para exercer a paródia, parece necessário, pois, certa "afiliação" ou alguma intimidade com aquilo que se vai parodiar e criticar. A paródia supõe, como afirma Judith Butler (1998/99, p. 54), "entrar, ao mesmo tempo, numa relação do desejo e ambivalência". Isso pode significar apropriar-se dos códigos ou das marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e, assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los (LOUROa, 2016, p. 88).

Como exemplo, trazemos os memes da página "Barbie fascista" (Figura 66 e 67), que tem 10.130 curtidas e 10.195 seguidorxs, e os memes da página "Barbie e Ken cidadãos de bem" (

Figura 68 e 69), que tem 326.304 curtidas e 329.169 seguidorxs (dados registrados em 9 de dezembro de 2018).

Figura 66 – Página Barbie fascista no Facebook



Fonte: Página Barbie fascista no Facebook

Figura 67 – Memes da página Barbie fascista

Fonte: Página Barbie fascista no Facebook

Figura 68 – Página Barbie e Ken cidadãos de bem no Facebook

Fonte: Página Barbie e Ken cidadãos de bem no Facebook

Figura 69 – #Memes da página Barbie e Ken cidadãos de bem

Fonte: Página Barbie e Ken cidadãos de bem no Facebook

Os memes compartilhados por essas páginas parodiam a hetero*cis*normatividade branca, racista, classista, xenofóbica... por meio de personagens conhecidos por muitxs de nós, escancarando o desejo de sociedade ideal de parte da direita brasileira, de sujeitxs que se identificam com o bolsonaristas (e de parte do campo progressista que flerta com esse desejo). Vemos esses memes "enquanto potentes estratégias contemporâneas de subversão e resistência às normas que regulam/governam corpos, gêneros e sexualidades" (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019, p. 17).

A discussão levantada nesta subseção nos fez questionar como determinadas pedagogias são mobilizadas pelas vidas dissidentes e movimentos sociais, como as "pedagogias ciberinsurgentes", discutidas na próxima subseção.

3.2 **Pedagogias ciberinsurgentes**

No presente, consideramos importante pensar-praticar "pedagogias ciberinsurgentes" que se rebelem contra todas as formas de violência, racismo, fascismos, desumanidades, assujeitamentos, ideias totalitárias (sejam de direita ou esquerda) ... que nos humanizem para que não percamos a dimensão dx outrx, ampliem o cuidado de si e com x outrx, e nos conduzam a experiências ético-estético-políticas, alinhadas a epistemes voltadas à ampliação da vida, convivência com as diferenças, alargamento da democracia, práticas de liberdade...

Estamos nos referindo a pedagogias ciberinsurgentes, que potencializem a constituição de múltiplas redes horizontais entre usuárixs, grupos, movimentos, instituições etc. Refletimos sobre essas pedagogias a partir das ideias que Foucault (1993), que reivindica "uma vida não fascista", a arte de viver contrária a todas as formas de fascismos, que tem como alguns de seus princípios: não se apaixonar pelo poder; liberar a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante; fazer crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal; utilizar a prática política como um intensificador do pensamento e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política.

Mobilizamos essas pedagogias para refletir o contexto em que nos situamos. Entendemos que elas promovem abertura para a produção de outros mundos possíveis e que são operacionalizadas como um meio para minar os enquadramentos normativos por

meio de incessantes intervenções didático-pedagógicas praticadas e experienciadas pelxs sujeitos. Por exemplo, no texto "Informática é sociedade", Cafezeiro e colaboradores (2021) abordam a questão da "aprendizagem racista de máquina", trazendo o caso do etiquetador do Google Photos que enquadrou pessoas negras como sendo gorilas (Figura 70). O autor da foto, que, junto com uma amiga, foi rotulado como gorila, denunciou o ocorrido em uma publicação pelo Twitter, e o tuíte viralizou, tendo 3,2 mil *retweets* (compartilhamentos), 2 mil curtidas e 224 comentários. A denúncia de etiquetagem racista da máquina e a grande rede de solidariedade mobilizada a partir da denúncia levaram o Google a pedir desculpas e a encontrar uma solução para o racismo do algoritmo: apagou do buscador do Google Photos os termos "gorila", "macaco" e "chimpanzé" (autocensurou as etiquetas).

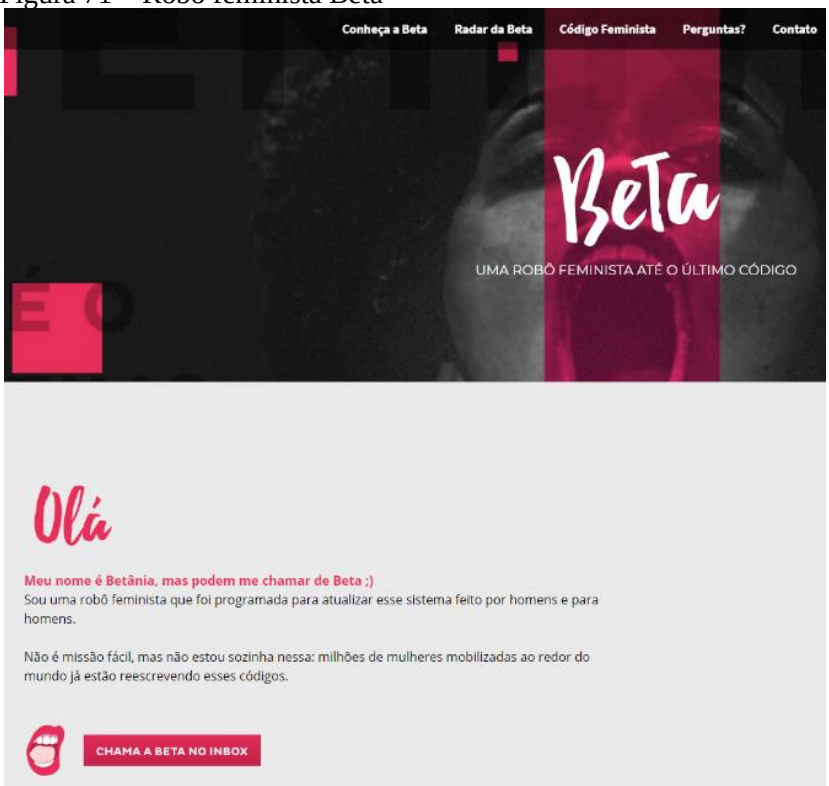
Figura 70 - Gorilas é o rótulo do álbum de Jacky Alciné no Google Photos

Fonte: Cafezeiro *et al*. (2021)

Pensar em pedagogias ciberinsurgentes é pensar em “desformação”, processo formativo desviante dos enquadramentos normativos, visto como uma aposta de positividade (em termos *queers*), no sentido da crítica aos modos de governar dentro da inteligibilidade hetero*cis*normativo-branca, de um ideal de humano que se produziu nos rastros da modernidade, reverberando nos dias de hoje. Desformação é pensada também partir daquelas múltiplas experiências formativas em que as vidas desviantes, abjetas, produzem como alternativas para continuarem existindo. Aqui nos referimos àquelas outras formas de se movimentar na vida cotidiana que, sempre que possível, subvertem os enquadramentos normativos.

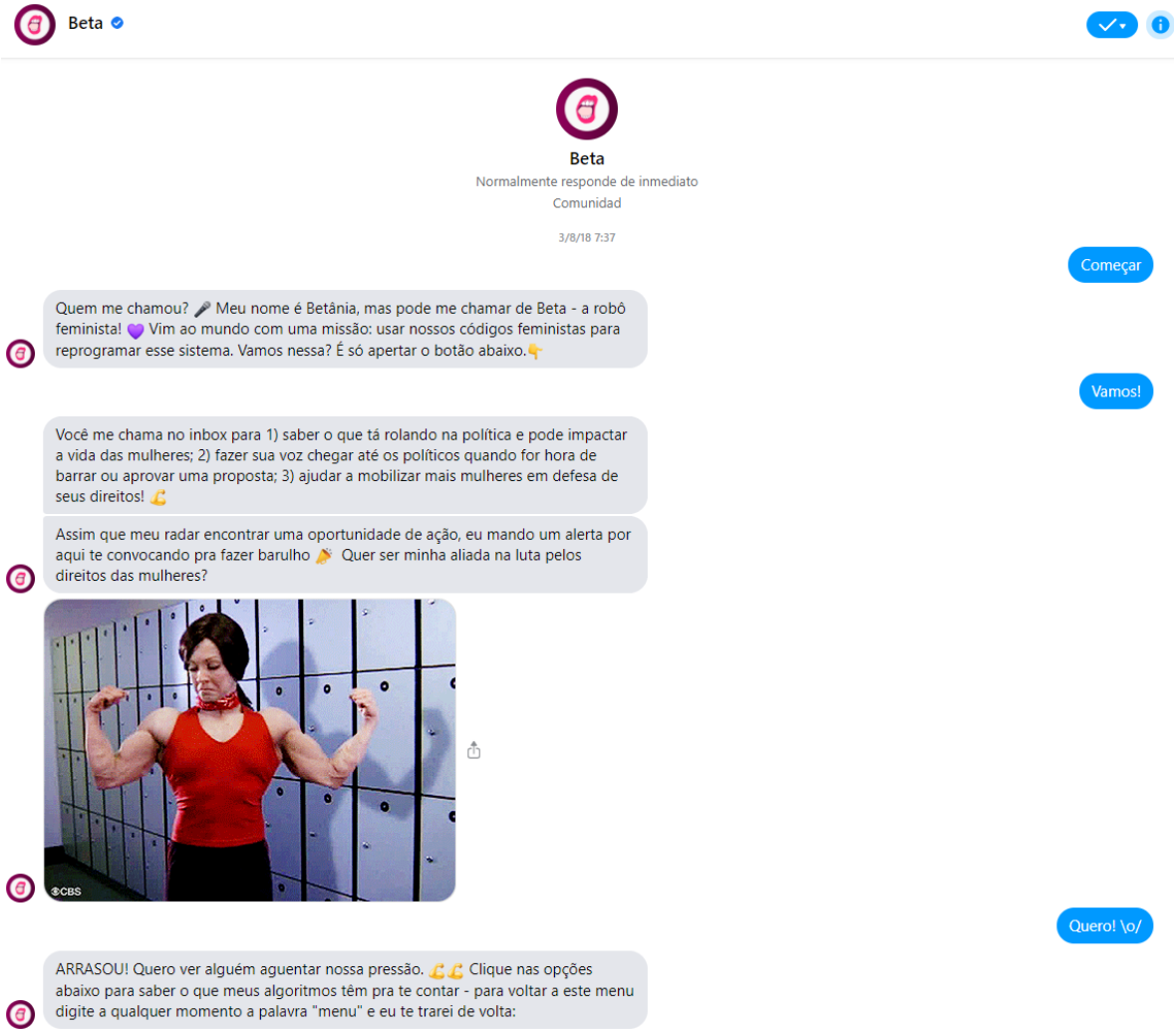
Se há exemplos de algoritmos racistas, também há exemplos de tecnologia computacional que mobiliza as pedagogias ciberinsurgentes, como exemplifica a robô feminista Betânia, também chamada de Beta, que é parte de um projeto denominado “NOSSAS”: “uma rede de ativismo que defende a democracia articulando pessoas, compartilhando metodologias e desenvolvendo tecnologias para mobilização” (BETA, ONLINE). A robô feminista Beta monitora, em tempo real, as ameaças a direitos no Brasil e avisa a todxs assim que alguma ameaça entra em pauta. As Figura 71 eFigura 72 ilustram a página de divulgação da robô Beta e como se conversa com ela via bate-papo do Facebook (*inbox*).

Figura 71 – Robô feminista Beta



Fonte: Beta

Figura 72 – Acionando a Robô feminista Beta via bate-papo do Facebook



Fonte: Facebook

Apresentamos, na Figura 73, experiências que vivenciamos com a Beta em que ela nos aciona sobre as pautas do “Escola sem Partido” na Câmara dos Deputados, os projetos de lei da vereadora Marielle Franco na Câmara Municipal do Rio e o combate aos discursos machistas, racistas e LGBTI+fóbicos propagados por partidos políticos e por políticos (presidente, deputados, senadores, governadores, prefeitos etc.).

Figura 73 – Alerta da robô feminista Beta via bate-papo Facebook

Fonte: Facebook

Essas experiências potencializam a dilatação da "cidadania horizontal" (NETO, 2006), conexão solidária que xs cidadãs/ãos tecem entre si, "solidariedade que não é movida estritamente pelo sentimento religioso, mas pela consciência de humanidade e de alteridade. Não olha apenas o interesse das partes em relação ao todo, mas também os interesses das partes entre si" (SILVA, 2006, p. 117-118). A cidadania horizontal excede

as dimensões físicas e administrativas do Estado, só será eficaz à medida que x cidadã/ão agir de tal maneira que a sua humanidade e a dx outrx se tornem um fim, sobretudo para viabilizar relações de busca de equidade. Isso também amplia articulações dos modos de se organizar e de se mobilizar em prol de uma cidadania solidária que, segundo Silva (2006, p. 118), "leva o indivíduo esclarecido a lutar por sua parte da vontade geral e, ao mesmo tempo, auxiliar para que os outros a possam alcançar".

Na seção adiante, cartografamos como essas pedagogias vêm se constituindo no presente e se desdobrando naquilo que nos tornamos, compartilhamos, dizemos ser.

3.3 Cartografia das pedagogias ciberinsurgentes

Trazemos, nesta seção, uma cartografia das pedagogias ciberinsurgentes. Abrimos as nossas análises a partir da politização de si através da *selfie* (ver 0): fotografar, aplicar filtros e compartilhar nas redes sociais são algumas das experiências que se tornaram práticas corriqueiras nesses últimos anos, em momentos de confraternizações entre familiares e amigxs, datas comemorativas, reuniões de trabalho, viagens, entre outros. Entre essas experiências, acompanhamos, aqui, os rastros das *selfies* de interlocutorxs desta pesquisa que se situam em uma rede de aproximação de afecção ético-político-estética (estudantes, professorxs e pesquisadorxs visitantes na/da UERJ).

Tomamos como *corpora* de análise os rastros digitais de duas mobilizações ciberativistas de politização da *selfie* que emergiram ou se desdobraram pelo Facebook – "UERJResiste"[22] (ver 0) e "Escola sem pensamento crítico não é escola" (ver 0) –, num processo em que cada *corpus* é formado por um conjunto de enunciados.

Conversamos com colegas (interlocutorexs de pesquisa) que participaram dessas duas mobilizações e perguntamos-lhes sobre o porquê do uso desse marcador político na foto de perfil e como elxs imaginam que isso repercutiu na vida e nas redes delxs. A ideia de trazermos essas duas mobilizações é mostrar como, a partir de fragmentos de si (*selfies* e relatos), podem-se compartilhar experiências de histórias de vida e formação que se

[22] Publicamos parte da politização da *selfie* na 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste/Campinas - 2018: Em defesa da educação pública, laica e gratuita: políticas e resistências, no artigo "Politizando nossas selfies no Facebook: a construção de si através das fotos de perfil". A v

alinham a uma vida antifascista. Tecemos, na subseção 0, (in)conclusões sobre essas duas experiências de politização das *selfies*.

Em seguida, aprofundamos nossa investigação analisando quatros acontecimentos do universo educacional para discutir como aprendemos-ensinamos para além dos conteúdos escolares. Esses acontecimentos estão relacionados a (micror)rebeliões dissidentes de gênero, sexualidade, classe, território e formação que ocorreram em distintos espaços-tempos, viralizaram nas redes sociais e em diversos meios de comunicação (ver 0): "Meninos nos do Colégio Pedro II vão à escola de saia em apoio a colega transexual" – jornal *O Globo*, 2014; "Alunas 'decoram' faculdade com frases machistas de professores" – jornal *O Globo*, 2016; "Jovens fazem ato para apoiar aluno repreendido por usar batom em escola: caso viralizou nas redes sociais e foi o segundo assunto mais comentado no Twitter nesta quinta-feira" – jornal *O Dia*, 2017; "Meninos usam saias para protestar contra proibição de bermudas em escola" – *BBC News Brasil*, 2017. Depois, trazemos mais dois acontecimentos que repercutiram na vida cotidiana em rede: um sobre a *hashtag* #meubolsominionsecreto e o outro, sobre a versão feminista da música "Mulheres". Aqui, buscamos mostrar como esses dois últimos acontecimentos podem ser pensados como instrumentos didático-pedagógicos, sobretudo para disparar processos formativos ético-estético-políticos na cibercultura.

3.3.1 Experiências formativas em/na rede para uma vida não fascista: a politização de si através da *selfie*

"O que está acontecendo?" – Twitter e "No que você está pensando?" – Facebook são interpelações produzidas por essas redes em nossas *timelines* (*feeds* de notícias) que nos convidam a não só compartilharmos, mas a dizermos algo nos termos de um regramento moral ou de uma confissão (diante de algo que pode estar enredado em uma trama moral ou demandar uma confissão da intimidade). Não apenas um meio de saberem o que nós, usuárixs, estamos fazendo, nossos gostos, localizações, redes de amizade, mas também como essas manifestações se constituem em meios de confessar uma verdade sobre si.

Ao compartilharmos essas informações, alimentamos redes, que, por sua vez, reverberam em indicações de solicitações de amizade, curtidas em páginas, participação em determinados grupos, propaganda de produtos/serviços etc. Um novo regramento

moral e normativo se apresenta com apenas um clique, ou uma tentativa de condução de nossas vontades diante de qualquer coisa (consumo de produtos, ideias, estilos de vida): somos o que curtimos, somos o que digitamos, ou não. Essa prática é uma forma de localizar xs usuárixs, por meio de seus gostos, desejos e interações. É ainda meio de envolvê-lxs, de controlá-lxs e incitá-lxs a agir, interpelando os sujeitos a determinadas condutas, nem sempre alinhadas a uma reflexão sobre a margem de liberdade (ética) que se estabelece a partir dessas formas de localização do sujeito no discurso.

Por meio dessas práticas, damos visibilidade ao nosso pensar e sentir, expressamos nossas alegrias e tristezas, falamos: "Eu compartilho, logo existo!" Mas não apenas isso, é preciso ainda dar um rosto, oferecer uma "rostidade": uma *selfie*, uma foto feita por uma pessoa com a lente da câmera voltada para si, um autorretrato, podendo ser individual ou em grupo. Em 2013, "*selfie"* foi eleita a palavra do ano pelo dicionário Oxford (G1 Notícias, 2013). Independentemente da popularidade do termo, o fenômeno pode ser tratado como parte de uma série de outros que se encarregam de dar o tom de como as pessoas determinam quem são no mundo contemporâneo (GALINDO, 2017). Fazer uma *selfie e* a partilhar dá visibilidade a si, expõe um fragmento de quem se é, revela o contexto em que alguém se situa e é uma maneira de habitar o cotidiano em que se vive.

Na Wikipédia (2018), é possível encontrar 27 tipos de *selfie*, entre elas:

> **Couplie** — *Selfies* de casais; **Drelfie** — *Selfie* bêbado; **Foodfie -** São as que mostram a comida que se vai comer ou que se comeu; **Footfie** — São as que mostram os pés num determinado contexto, seja ele a praia, uma piscina ou um jardim; **Helfie** — *Selfie* para mostrar um novo corte de cabelo; **Jelfie** — São fotos de grupo mais ou menos espontâneas em que, inesperadamente, se junta sempre mais alguém antes do clique final do smartphone; **Jobfie** – São as captadas no local de trabalho e onde é notório o ambiente que se vive no mesmo; **Nude Selfie** – Popularmente conhecido por Nude, é um fenômeno que começou por volta de 2014, no qual as pessoas enviam fotografias e vídeos estilo selfie em posições sensuais ou nus em redes sociais. **Petfie** – São aquelas em que aparecem os animais de estimação, normalmente gatos ou cães, fotografados em ambiente familiar na casa do dono – no sofá ou na cama – ou então rua em ambiente de brincadeira; **Selfie After Sex** – Surgidas em 2015, as *selfies* After Sex são as fotos após o sexo com os casais tirando as imagens deles, em forma relaxada, após o coito. As imagens são acompanhadas pela hashtag #aftersex; **Youie** – *Selfie* de um retrato de outra pessoa.

A questão da *selfie* é tão marcada em nosso tempo que tem até um dia dedicado a ela: em 21 de junho é comemorado o Dia da *Selfie*. Para comemorar a data, o Facebook, por exemplo, convida xs usuárixs a postarem uma *selfie*, conforme exposto a seguir:

Figura 74 – Dia da Selfie

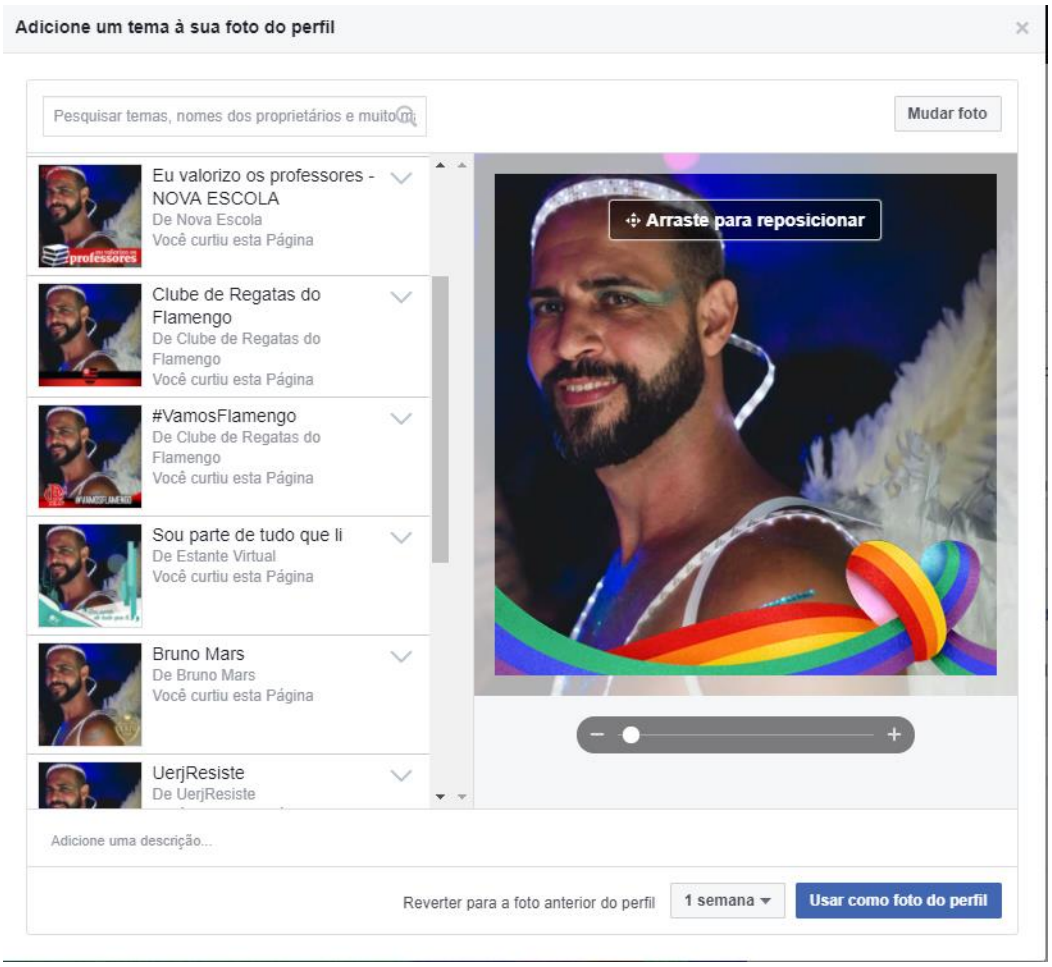
Fonte: Facebook

Para além da exposição do eu em cenários mais amplos, a visibilidade de uma *selfie* pode vir associada a causas, mobilizações e ciberativismo. Essa prática vem ocorrendo com certa frequência no Facebook, onde xs usuárixs tematizam as suas *selfies* no perfil de suas páginas pessoais. Na Figura 75, por exemplo, a *selfie* foi tematizada com o *Celebrate Pride* para comemorar o dia do orgulho LGBTI+; essa opção foi criada pelo próprio Facebook. Há possibilidades de tematizar a *selfie* também em função do time de futebol, cantor/a predileto/a, citação de um livro... e há também opções de criar temas, conforme exposto na Figura 76.

Figura 75 – *Selfie* sobre *Celebrate Pride*

Fonte: Autor, com uso do Facebook

Figura 76 - Opção “Adicione um tema à sua foto de perfil”



Fonte: Autor, com uso do Facebook

Para acompanhar um fragmento dessas movimentações das *selfies*, traçamos nas seções a seguir *selfies* de colegas que se disponibilizaram a ser interlocutorxs desta pesquisa, sobretudo a partir do movimento #UERJResiste e #Escolasempensamentocríticonãoéescola.

3.3.1.1 #UERJResiste

Os atos de fotografar a si são muitos, entre eles a *selfie*; é uma aqui, outra acolá, e entre uma e outra, vamos habitando os espaços, deixando rastros de nossas experiências. Partindo dessas ideias, discutimos aqui algumas dessas experiências com as *selfies*,

principalmente as voltadas à mobilização de fenômenos *online*, como o movimento #UERJResiste.

O movimento #UERJResiste emerge da grave crise financeira, má gestão do dinheiro público, corrupção e ataques à educação pública e de qualidade que assolam o estado do Rio de Janeiro há muitos anos e que colapsaram o ensino superior, acionando uma tentativa explícita de extermínio da UERJ e suas coirmãs estaduais UEZO e UENF. Desse cenário, não podemos deixar de mencionar que ficamos – funcionárixs e estudantes – sem receber salários e bolsas diversas vezes e por meses consecutivos (chegando a quatro meses de soldos atrasados) e as aulas foram suspensas, pois a universidade funcionava em condições precárias, principalmente pelo não pagamento dxs funcionárixs das empresas terceirizadas – responsáveis pela conservação, limpeza, segurança e restaurante universitário. Destacamos, ainda desse cenário, que muitxs colegas tiveram as suas saúdes física e mental abaladas, destroçadas, outrxs não conseguiram resistir e faleceram, e tantxs outrxs tiveram seus sonhos e desejos roubados, ceifados, muitxs delxs, perdendo seus bens.

Para dar visibilidade a esse movimento, estudantes e funcionárixs da UERJ fizeram e propagaram *selfies* tematizadas com o *slogan* #UERJResiste em seus perfis, conforme exposto na Figura 77. Essa aposta de visibilidade em rede chamou a nossa atenção, inclusive conversamos com colegas e professorxs (interlocutorxs desta pesquisa) que participaram desse movimento e perguntamos-lhes o porquê do uso desse marcador político na foto de perfil e como elxs imaginavam que isso repercutiu na vida e nas redes delxs:

Figura 77 – Fotos de perfil dxs interlocutorxs de pesquisa- #UerjResiste

Percebo que esses marcadores políticos que as pessoas usam em suas fotos de perfil são muito importantes porque possibilitam ampla visibilidade dos problemas sociais, dos posicionamentos políticos de cada um/a etc. Se a gente pensa/colabora/produz junto na/em rede, fornecer visibilidade a esses problemas significa tomarmos consciência das experiências pessoais das pessoas que nos cercam, agindo conscientemente na criação de estratégias que busquem discutir as causas desses problemas. A hashtag #UERJresiste, a meu ver, representa a defesa da universidade pública, a defesa por condições mais dignas de trabalho das/os professoras/es e funcionárias/os da instituição, a defesa pelo respeito aos estudantes envolvidos nas atividades de pesquisa e extensão. Resistir é lutar por tudo aquilo que já foi conquistado, é lutar

para assegurar direitos (historicamente conquistados) que, aos poucos, vêm sendo retirados de nós (trabalhadoras/es) (Professor Uerj).

Uso os marcadores como uma forma de afirmar e divulgar a minha posição/opinião a respeito de um tema que esteja sendo discutido ou que esteja aparecendo muito nas redes. Acho que é uma forma de disseminar uma postura e opinião política que faz parte do meu cotidiano. A repercussão na vida e nas redes, porque as redes fazem parte da nossa vida, pode ser positiva ou não. Para mim, é uma forma de afirmação de postura ética/política. Me faz bem. E acaba, de uma certa forma, criando vínculos afetivos online com integrantes da minha rede. (Doutora ProPEd/Uerj).

Os marcadores que normalmente eu escolho são para mandar mensagem para os meus alunos, muito mais do que outras pessoas fora do meu Facebook, até porquê a minha rede começou a ficar limitada pós-eleições [...]
Eu coloquei a #UERJResiste principalmente para chamar esses meus alunos que, primeiro, não entendem o valor da universidade, não entendem que a universidade pública não tem só o papel de ensino, tem papel de ensino, de extensão, de pesquisa [...]
Quando sinalizo a #UERJResiste, eu estou dizendo que eu pertenço a uma instituição [...] eu me importo com esse lugar, eu também pertenço a esse lugar e eu também estou nesse lugar como aluna [...] Então, esse é um recado de chamamento, de vamos pensar nessa questão, vamos pensar que a UERJ resiste mesmo, que por anos a UERJ vem sendo bombardeada e boicotada pelos atuais governos [...] Meus alunos vão fazer ENEM para a UERJ, que é a universidade pública de acesso aos alunos que moram em Nova Iguaçu e Caxias, via trem, que é o melhor acesso e mais baratos para todos eles.
(Doutoranda ProPEd/Uerj)

Bem, ao usar esses marcadores eu sinalizo minha posição política, uma posição no mundo, em minhas redes. Os anos de 2016 e 2017 foram intensos e tensos no país e no estado do Rio Janeiro de forma particular. Eu usei bastante marcadores, sobretudo, por indicar meu pensamento, ou mesmo, minha forma de compreensão do mundo. Eu sou contra o Projeto do Escola Sem Partido, dessa forma, fui me posicionando nas redes sociais de maneira que meus amigos, pessoas que partilham as minhas redes, meus ex-alunos/as compreendessem meu posicionamento. Entenda, eu não estou

indicando um lugar da esquerda ou direita, mas uma lente que me ajuda a olhar o mundo. Tenho acreditado que há um borramento nessas fronteiras que precisa ser problematizado. Ser esquerda, comumente, tem significado ser petista e ser direita bolsonarista. Acho que a polarização enfraquece o jogo e o debate político. Um debate que precisamos travar nos dias de hoje, urgentemente! Mas se perguntassem: esquerda ou direita? Eu não teria dúvidas do meu posicionamento.
Sobre o marcador #uerjresiste, especificamente, faz parte de uma luta diária como recém-professor da universidade e ex-aluno também. Eu fiz graduação em pedagogia na UERJ, campus Maracanã, depois fiz mestrado na FFP, campus São Gonçalo, e retornei para o doutorado em educação no ProPEd-UERJ, campus Maracanã. Nesse ínterim, eu tornei-me professor do CAp-UERJ… ou seja, minha formação acadêmica, humana, social, cultural, política… passa pela UERJ. E hoje minha formação no/para o trabalho. O marcador #uerjresiste é, também, símbolo de uma luta pelo que acredito, ou seja, uma Universidade pública, laica, gratuita e socialmente referenciada. A UERJ está longe das condições ideais, sempre queremos mais, né? (A gente não quer só dinheiro…a gente quer dinheiro, diversão e arte). Contudo, a UERJ é um símbolo de possibilidades, porque o foi na minha vida. Ao reverberar isso em redes sociais eu quero me posicionar como trabalhador e intelectual que sou, assumindo publicamente meu lugar de fala e compreensão do mundo que existe nas redes sociais também. Quero afirmar que eu tenho ido às ruas, tenho estado nelas. Dessa forma, é um emaranhado de significações que existem dentro e fora do mundo virtual. O Luís que grita nas ruas #uerjresiste é aquele que posta nas redes sua foto com uma imagem de resistência. Qual o sentido disso no Outro? Quais os impactos para o Outro? Quais as demandas geradas a partir do marcador? Não tenho como dizer de forma direta e objetiva, mas sei que algumas pessoas já me excluíram de suas redes por isso. Uns diriam que sou radical demais, já outros que sou um esquerdopata, gayzista, feminaze, abortista, ateu etc. Esses sentidos foram/são atribuídos em encontros com amigos que verbalmente evidenciam essas significações para minha pessoa. De um lado isso me faz refletir sobre os sentidos de ser no mundo, por outro me deixa livre para ser e expressar quem eu sou.
No momento atual do Brasil penso em Darcy Ribeiro e na sua reflexão, ao dizer que detestaria estar no lugar, e mesmo partilhar, a visão política de quem venceu as eleições em 2018. #EleNão #EleNunca #EleJamais.

“Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.”
Darcy Ribeiro (Professor Cap-Uerj)

Fonte: Foto de perfil no Facebook

Nas conversas com essxs colegas, observamos que muitxs delxs tematizam as suas *selfies* como uma maneira de tomar uma posição política, de resistir, de tensionar problemas educacionais, sociais, políticos... e de criar laços afetivos *online*. Observamos também que, para elxs, as *selfies* tematizadas – além de serem modos de existir, habitar e

agir no cotidiano e de demarcação de territórios –, são fontes de visibilidades, que conectam outras partilhas que estão alinhadas com uma certa preocupação ético-político-estética. Sendo, inclusive, essas próprias *selfies* um convite para que outrxs usuárixs adiram ao mesmo movimento. As discussões tecidas nessas conversas me remeteram à ideia na qual a *selfie* pode ser vista como uma imagem que carrega, desde o processo da sua criação, essa expectativa do olhar do outro, pois é através do reconhecimento desse olhar alheio, que é expresso em comentários e *likes*, que é alimentada a subjetividade construída segundo a lógica da visibilidade (GALINDO, 2017).

Para mais, as conversas sobre as *selfies* tematizadas nos forneceram múltiplos caminhos, que sinalizam que o movimento #UERJResiste se aproxima das ideias de Castells (2013), para quem a internet cria as condições para uma forma de prática que possibilita um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e se expandir. Para esse autor, a comunicação na formação e na prática dos movimentos sociais é essencial, "porque as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprios e para a sociedade como um todo" (CASTELLS, 2013, p. 166).

Esses movimentos sociais de tematizações das *selfies* da #UERJResiste, assim como outros movimentos sociais em rede, "têm crescido e se diversificados *pari passu* ao desenvolvimento das redes [...] Ganharam aceleração e amplitude graças à tecnologia computacionais interativas" (SANTAELLA, 2013, p. 102-103). Com isso, dilatando processos insurgentes que não só combatem, minam e se movimentam contra as políticas de extermínio, mas que também criam experiências cidadãs na conexão cidade-ciberespaço, sobretudo aquelas experiências preocupadas com o cuidado de si, com x outrx, com as instituições de ensino públicas e com a pólis.

O movimento #UERJResiste tem características que se conectam com as ideias de Lemos (2003) sobre o ciberativismo: conscientização e informação (expor o que está acontecendo com UERJ para a sociedade e seus desdobramentos na vida cotidiana de todxs); organização para uma determinada ação (manifestações nas ruas, nas universidades, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, nas redes sociais); e por iniciativas mais conhecidas por "hacktivismo", que são ações na rede (politização da *selfie* com o *slogan* UERJResiste). Gostaríamos de destacar que, além de ser uma luta pela UERJ, esse movimento é uma luta a favor da universidade pública de qualidade e inclusiva, opondo-se marcadamente à privatização, à política elitista neoliberal de ensino

e às políticas contra as diferenças. O movimento pode ser acompanhado mais de perto através do *site* do próprio UERJResiste e na página do UERJResiste pelo Facebook.

A seguir trazemos o segundo movimento analisado sobre as politizações de si através das *selfies*: “Escola sem pensamento crítico não é escola”.

3.3.1.2 #Escola sem pensamento crítico não é escola!

Aqui, analisamos a politização da *selfie* a partir do movimento “Escola sem pensamento crítico não é escola”, uma reação ao Escola Sem Partido (ESP). Trata-se de associação informal de mães/pais, estudantes e conselheirxs “preocupadxs” com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior, de acordo com Miguel Nagib (s.d.). O movimento ESP é um projeto de escola fascista que nega as diferenças em sala de aula e a liberdade de ensinar, e trabalha sobretudo na lógica da delação. Segundo informações do próprio *site* do movimento, elxs estão “preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras” (NAGIB, s.d.).

De outra parte, Cotta e Pocahy (2018) argumentam que o movimento ESP “apresenta propostas conservadoras, disfarçadas de preocupação com os jovens e crianças que circulam nas escolas brasileiras” (COTTA; POCAHY, 2018, p. 224). Entre suas propostas, está a questão da falácia/da suposta “ideologia de gênero” no cotidiano escolar. Seus/suas idealizadorxs argumentam que as problematizações das normas de gênero corrompem estudantes no seu desenvolvimento natural. Para desconstruir as ideias dessa falácia e, ao mesmo tempo, intervir nesse projeto de escola fascista, professorxs, estudantes, universidades, movimentos sociais, diversos setores da sociedade civil criaram, promoveram e viralizaram inúmeras intervenções nas ruas e redes *online*.

Cartografamos e participamos de alguns movimentos, como o movimento “Escola sem pensamento crítico não é escola”, que se organizou pelo Facebook. Para se posicionar contra as propostas do ESP, usuárixs alteraram as suas *selfies* de perfil (Figura 78) com o *slogan* “Escola sem pensamento crítico não é escola”, uma forma de dizer que não se sentem representadxs por tal projeto. As *selfies* tematizadas que trazemos adiante são de colegas que participaram do movimento e toparam compartilhar as suas ideias conosco a respeito desse marcador político: “Escola sem pensamento crítico não é escola”.

Figura 78 –Foto de perfil - “Escola sem pensamento crítico não é escola”

Usar a foto do meu perfil com uma crítica ao Escola Sem Partido foi pensando em contribuir para uma conscientização política e social dos brasileiros e educadores que usam o Facebook, que é uma rede social de grande divulgação de informações. Diariamente muitos usuários acessam a rede e seus conteúdos. Como sou ativista na rede, professora e pesquisadora, quero compartilhar com os meus seguidores minhas preocupações de cunho político e social. A presente foto de perfil se deu em virtude de criticar o movimento Escola Sem Partido ao qual sou totalmente contrária.
(Professora Educação/UERJ)

O Facebook disponibiliza algumas molduras, *frames* com frases bem legais que representam algum fato ou situação que esteja acontecendo no momento. O *frame* “Escola sem pensamento crítico não é escola” apareceu na época em que havia um acirramento nas discussões sobre o projeto Escola Sem Partido. Como sou professora da rede pública do município do Rio de Janeiro e tenho em meu Facebook muitos alunos e alguns responsáveis, coloquei esse *frame* para mostrar o meu posicionamento frente a esse projeto que, para mim, é uma das invenções mais daninhas que apareceram nesses últimos tempos. Além disso, penso que usar a imagem do perfil para passar uma mensagem tem um alcance maior, mais rápido, traz mais impacto e cumpre de forma mais eficaz o que se propõe.
(Professora da Rede Municipal de ensino do RJ).

Eu acho que é uma forma de disputa política (*selfies* tematizadas), disputa por discursos políticos atualmente, acho bastante válida, acho que não deve ficar só nisso, mas acho que é bastante válida, já que as pessoas estão conectadas o tempo inteiro, e muitas vezes a gente acaba levando algumas dessas discussões, alguns desses embates que não estão tão popularizados, capilarizados, para um público maior, né? Tipo da UERJResiste, SOSFaperj, que é algo muito restrito à comunidade acadêmica, de repente a gente acaba levando para um público maior que está ligado com a gente em rede social [...]
Talvez, a eficiência disso seja, sei lá, as pessoas que simpatizam com você podem olhar para a sua causa com um pouco mais de cuidado, né? [...] Acho que é mais ou menos por aí, mas, como falei, acho bastante válido, sim, esse tipo de disputa, de

narrativas, com mensagens em fotos de rede social, assim como os memes também, né!? Que também fazem uma disputa bem interessante!
(Estudante de doutorado ProPEd/UERJ).

Eu usei esse filtro porque ele representa e está de acordo com o meu posicionamento político sobre a produção de uma educação que fomenta uma escola sem pensamento crítico. A afirmação abaixo diz que não é uma escola aquela em que não se pode fazer reverberar uma visão crítica sobre a vida e sobre o mundo. Atualmente, o Programa Escola Sem Partido impulsiona a criação de uma educação acrítica e, para mim, violenta. Se eu não posso dialogar num espaço democrático sobre a sociedade da qual participamos, se eu não posso conversar sobre as violências que perpassam nossas vidas, sobre as diferentes formas de estar no mundo, se eu preciso apresentar apenas uma história única para alunas e alunos, como bem critica Chimamanda Adichie, o que eu estou produzindo na escola? Pensando em produções de subjetividade, o que o Escola Sem Partido pretende com esse tipo de política? Proteger o quê de que quem? E para quê? Contestando, então, o vislumbre de que é possível construir uma escola sem nenhum tipo de criticidade e que todas/os alunas/os podem ser passíveis de manipulação, seja ela qual for, eu me posiciono contra as proposições do ESP por acreditar que toda escola possui movimento para além das institucionalidades, por acreditar que uma educação democrática é possível e por me colocar contra a produção de uma política que judicializa e criminaliza docentes comprometidos com a ética e com a vida. Penso que ao usar esse filtro, é possível localizar pessoas aliadas para somar na luta contra esse conservadorismo. Ao usar e ver pessoas que usam esse filtro, eu consigo identificar pessoas com quem tenho afinidade de posicionamento político. Isso não significa descartar o contato ou o convívio com pessoas que se colocam de forma diferente frente a essa questão. Mas esse filtro, para mim, funciona como localizador de pessoas aliadas. E, também, para até mesmo produzir algum tipo de estranhamento nas pessoas que nunca souberam dos retrocessos que alcançam e avançam na área da educação. Sem essas alianças, as coisas irão seguir mais difíceis do que elas já estão.
(Psicóloga e estudante de mestrado em Educação UERJ).

Mas, então, o que ela (*selfie*) reverbera em mim? Eu acho que nós estamos vivendo um momento político, uma situação que nós precisamos nos posicionar, né? E pelo fato de eu ser psicóloga, de ser uma pessoa que está sempre em diálogo, dando palestra (...) inserida no meio educacional também como professora etc., eu acho que eu preciso me posicionar sempre quando tem esse tipo de ataque ao pensamento crítico, à educação, à escola. Acho que é um momento que a gente não tem muita saída e

precisa se posicionar, sabe?! Não dá para só ver isso e não fazer nada. Então quando eu posto isso é mais uma forma de posicionamento político mesmo, de dizer para todo mundo, inclusive para as pessoas que querem ser atendidas por mim como psicóloga, ou querem me chamar, ou que querem que faça qualquer coisa na área educacional, que elas saibam que meu posicionamento é esse e que ele não vai se modificar, que eu defendo um pensamento crítico [...] Eu acho que a *selfie* é mais nesse sentido.
(Psicóloga e estudante de doutorado em Educação UERJ e Professora)

Então, Felipe, essa questão do Escola Sem Partido eu acredito que mexeu com a maioria dos educadores, assim como eu, como várias pessoas que vêm lutando pela liberdade, pelo direito de cada um ser o que quiser, né?! [...]
Quando a gente se depara com essa questão do Escola Sem Partido, essa interferência nas escolas, a gente acaba se assustando. Quando a gente vê uma onda conservadora querendo nos atingir, como se fosse um tsunami, claro que isso nos deixa altamente perplexos e até nos questionando onde que está o erro, onde que a gente errou. Foi tanta luta a favor da democracia [...] aí a gente vê uma onda fascista que toma conta de tudo isso e que quer acabar com tudo isso que foi forjado, potencializado ao longo dos anos.
[...]
Eu trabalho numa escola, sou coordenador pedagógico do ensino médio e do ensino profissional, e a gente começou observar, principalmente com essa questão do bolsonarismo, das eleições, algumas questões que até anteriormente elas não nos preocupavam tanto [...] Os professores sempre falaram em sala de aula, deram as suas opiniões, na verdade, não de forma doutrinadora, não de forma que qualquer um tivesse que seguir, mas porque acreditam numa ideologia democrática, numa ideologia que pudesse prever que cada um pensasse, refletisse, lutasse por seus direitos, né!? E aí ser contra a homofobia, ser contra o fascismo, ser contra o racismo, ser contra o machismo, ser contra todas as questões que impedem a sociedade de ser plena, de forma geral, principalmente no sentido do direito de um e de outro e a favor de todas as liberdades religiosas.
A gente começou a perceber que nesse movimento-campanha alguns alunos começaram a se colocar contra. Eu vi, por exemplo, alunos negros que defendem que racismo é mimimi, que todo mundo é igual, que cota é para diferenciar, que cota é para dizer que o negro não tem capacidade [...]
Esse ano, por exemplo, aconteceu um episódio, né? Nós fizemos uma semana de combate à violência, proposto pela Secretária de Educação, não proposto diretamente pela escola. Então debatemos a questão da violência e de forma mais contundente, vamos assim dizer, a questão da Lei Maria da Penha [...] a todas as formas de violência com enfoque na Lei Maria da Penha. E aí no turno da noite, o professor de direito, ele trouxe para o debate todos os tipos de violência [...] e algumas pessoas para falar, para palestrar [...] foi um debate muito rico. Aí eu

estava no pátio [...] e vem um aluno conversar comigo que ele se matriculou na escola e ele não estava ali para ouvir esse tipo de coisa, que aquilo ali não era Administração, que se as pessoas quisessem falar elas poderiam falar nas casas delas, mas na escola não poderia acontecer isso. Eu, primeiramente, tomei um susto. Eu, como coordenador, fiquei meio empaquetado porque nunca tinha visto isso. Ele veio me dizer que se eu não tomasse uma providência, enquanto coordenador, para que isso não mais acontecesse, que ele ia se retirar da escola, que ele ia sair do curso, porque era um absurdo ele estar escutando uma palestra que falava de homossexual, que falava de transexual e isso não podia acontecer na escola. Eu falei para ele que tudo estava dentro do contexto, que a escola precisava informar e que todos nós temos liberdade para isso e que ele ficasse muito à vontade, se ele quisesse sair da escola que ele poderia sair da escola, mas que nada foi feito sem o pensar, sem o planejamento, sem a gente entender o que que estava fazendo e por que estava fazendo. Então eu acho que isso é um reflexo dessas questões do Escola Sem Partido, dessa visão fascista distribuída aí por esse governo Bolsonaro que tem impulsionado tudo isso. Foi um caso isolado, mas mesmo sendo um caso isolado, a gente consegue ver que é o pensamento de muitos alunos [...]
Quero ressaltar também que a maioria desse pensamento tem grande força nos evangélicos, porque eles acham que tudo está relacionado à bíblia, que eles são melhores, eles são de Deus, os outros não são de Deus. Então tem sempre essa questão conservadora, não são todos, mas eu vejo como sendo 99,99% dos estudantes com esse perfil evangélico, que acabam potencializando essas questões preconceituosas na escola. Muitas das vezes até tentam esconder, tentam não mostrar que são tão preconceituosos, mas aí quando vem alguma apresentação de trabalho ou dinâmica em grupo, eles colocam: “Qualidade: sou evangélico”, ou quando vão falar alguma coisa: “Que eu sou evangélico”, “porque sou evangélico”. Para mim determinadas coisas não fazem sentido [...] então eu vejo também isso como uma questão muito forte nesse processo, principalmente aqui na Baixada Fluminense, na periferia de forma geral.
Essa onda conservadora tem tomado grandes proporções.
(Professor e coordenador pedagógico da rede estadual de ensino do RJ)

Fonte: Foto de perfil no Facebook

Por meio dessas conversas com xs colegas, compreendemos que as *selfies* tematizadas por elxs são compartilhamentos de si, mas não são quaisquer compartilhamentos, pois estão preocupados e encharcados por questões político-educacional-éticas, sobretudo em tempos de ataques conversadores à educação. Essas *selfies* são vistas por elxs como um meio para localizar aliados, afinidades e identificações políticas; servem para dar visibilidade às posições de si contra as proposições do ESP, voltadas a princípios que norteiam uma formação democrática, crítica, reflexiva, plural, ética.

Por outro lado, os relatos compartilhados por essxs colegas nos alertam para o perigo do ESP e, mais que isso, chamam a nossa atenção para a questão do conservadorismo, do "cristofascismo" presente no cotidiano escolar (SÖLER, 1970). É possível observar no relato partilhado por um dos colegas fragmentos de como a visão de mundo cristofascista está encarnada nos corpos dxs estudantes, a qual nega a discussão das diferenças na escola, não permite que suas/seus adeptxs escutem xs que não estão alinhados com os mesmos modos de existir delxs.

Acreditamos que, aqui, está também um dos grandes desafios que temos na educação hoje e uma questão complexa a ser respondida (ou não): como pensar-propor táticas que fomentem outras possibilidades anticristofascistas na vida cotidiana? Uma de nossas apostas à questão e que tem nos movimentado é refletir sobre aquelas macro e micropolíticas que ampliem o entendimento das relações entre Estado e Igreja; como essa relação impossibilita sustentar o dispositivo constitucional da laicidade em nosso contexto: Estado laico; de que forma essa mesma relação potencializa a emergência de setores totalitários dentro das igrejas e como esses setores, por meio de seus bispos, padres e pastorxs, se utilizam do Estado a partir de representantxs indicados por elxs às/aos eleitorxs: irmãos/irmãs de congregação; e de que modo tudo isso reverbera na constituição de laços sociais, convivência com as diferenças, produção de subjetividades, processos formativos...

Gostaríamos de ressaltar que essxs colegas são docentes e discentes em diversas instituições, das redes estaduais e municipais do Rio de Janeiro, atuam em áreas que vão desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação e têm em comum a rede *offline* da UERJ. A participação delxs revela a complexidade e abrangência que a mobilização "Escola sem pensamento crítico não é escola" tomou. Isso se deve ao fato de as redes sociais digitais criarem nódulos estratégicos de interesses partilhados (SANTAELLA, 2010b) que conectam usuárixs que se identificam com as mesmas ideias, causas, mobilizações, levando-xs (condução) a experiências ético-estético-políticas, insurgentes e solidárias em/na rede.

Vemos essas mobilizações como práticas ciberculturais de nosso tempo, produtoras de territórios existenciais, que se constituem em redes de apoio e solidariedade entre estudantes-professorxs e escola-sociedade civil. Entendemos que elas, essas mobilizações, abrem possibilidades para pensar-praticar outras formas de educar no tempo presente, alinhadas a experiências que nos conduzam a outramentos ético-estético-políticos. Elas produzem (micror)rupturas, (vão minando) as ideias que compõem o

modelo autoritário e de delação de educação proposto pelo projeto deformativo do ESP, cujo objetivo é homogeneizar um ideal de escola fascista.

Vale ressaltar que o movimento “Escola sem pensamento crítico não é escola” é um fragmento de uma mobilização muito mais ampla. No próprio Facebook, por exemplo, há páginas também contra as propostas do ESP, como “Professores contra o Escola Sem Partido” (Figura 79), e “Movimento Liberdade para Educar” (Figura 80).

Figura 79 – Página Facebook: “Professores contra o Escola Sem Partido”

Fonte: Facebook

Figura 80 – Página Facebook: “Movimento Liberdade para educar”

Fonte: Facebook

Essas mobilizações contra o ESP se realizam numa “ecologia plural, isto é, a composição comum de uma espacialidade complexa que, das redes digitais, alcança as ruas e os espaços públicos, ao manter sua conectividade no decorrer dos protestos e das manifestações” (DI FELICE; PEREIRA; ROZA, 2017, p. 8). A viralização dessas mobilizações é decorrente também da interatividade, na qual a comunicação se dá na relação todas/os-todas/os, principalmente por ser uma *self-media* (LIPOVETSKY; SERROY, 2011), que opera na lógica de trocas interpessoais, comunitárias e descentralizadas; e é contraria à *mass-media*, que é voltada para comunicação massiva e centralizada.

3.3.1.3 Eu, você e nós em movimento em/na rede: (in)conclusão

Nas duas experiências das politizações das *selfies* relatadas, trouxemos elementos que nos possibilitaram analisar como as mobilizações politizadas de *selfies* nos perfis de usuárixs do Facebook contribuem para a construção de si: xs sujeitxs se ocupam de marcar sua posição política diante de determinadas questões sociais, tornando a experiência de si (e de dizer de si através de uma autorrepresentação) um gesto ético. Além disso, notamos que os fragmentos de si partilhados (*selfies* e relatos) nas duas mobilizações revelam experiências de histórias de vida e formação que se alinham a uma vida não fascista, voltada ao cuidado de si, com o outro e com as instituições.

Arriscamo-nos a dizer que o processo de (des)construção de si em/na rede é constante, volátil, fluido, instantâneo e (pluris)situado; é acionado por movimentos, mobilizações, partilhas e práticas que vêm marcando o nosso dia a dia; e é agenciado por tramas de redes complexas que nos (trans)formam, nos levam a agir, reverberam no jogo de posicionamentos do eu com o próprio eu, do eu com x outrx e do eu com a rede.

Observamos que as duas experiências vão ao encontro das ideias de Castells (2013), Di Felice, Pereira e Roza (2017) e Alves (2012): a primeira delas deve-se ao fato de os movimentos sociais surgirem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas (CASTELLS, 2013) e expressarem as revoltas de experiências multidimensionais. Em seguida, destacamos que os movimentos sociais (net-ativistas) e as práticas de participação em rede expressam a experimentação de uma nova de participação e ativismo que, superando as formas ideológicas modernas, "fundam-se nos diálogos contínuos com os dados, os dispositivos e as redes de informação, assumindo, consequentemente, uma forma emergente e temporária" (DI FELICE; PEREIRA; ROZA, 2017, p. 8). A terceira e última ideia que destacamos também parte do entendimento de que as "redes educativas" (ALVES, 2012) contribuem para construir o que somos e também o que nos tornamos, são atravessadas por outras redes educativas, não são redutíveis umas às outras.

Nossas apostas em relação às duas experiências se aproximam da ideia de que, através das posições de resistências, como o avesso de uma norma ou de uma moralidade, podemos compreender os reais efeitos de uma episteme neoliberal, alimentada por práticas de operação de modo individualizante: quando a *selfie*, por exemplo, assume

apenas o lugar de uma representação narcísica ou de um hedonismo desplugado das urgências de seu tempo.

Por fim, compreendemos com as duas experiências, que o exercício de produção da *selfie* nos termos de uma adesão ("adesivasão") a uma causa ou a uma disputa política configura-se como prática de narrar a si mesmo na direção de um dizer parresiasta – de dizer a verdade sobre si, como uma experiência ética, estética e política no tempo presente.

Na próxima seção discutimos como aprendemos-ensinamos a insurgir.

3.3.2 Aprendendo-ensinando a insurgir com os acontecimentos

Começamos as nossas análises salientando que, por mais que haja todo um controle hetero*cis*normativo sobre os corpos nas escolas, há inúmeras insurgências que causam (micro)abalos sísmicos contra esse controle, ampliando a cidadania horizontal no processo formativo. Para problematizar isso, apresentaremos quatro acontecimentos insurgentes no cotidiano escolar relacionados às dissidências de gênero, sexualidade, formação, território... e, a partir deles, buscaremos mostrar outros modos de aprender-ensinar no presente (para além dos ditos conteúdos curriculares, como se essa produção não fosse ela também uma produção curricular, conteúdo sendo produzido...).

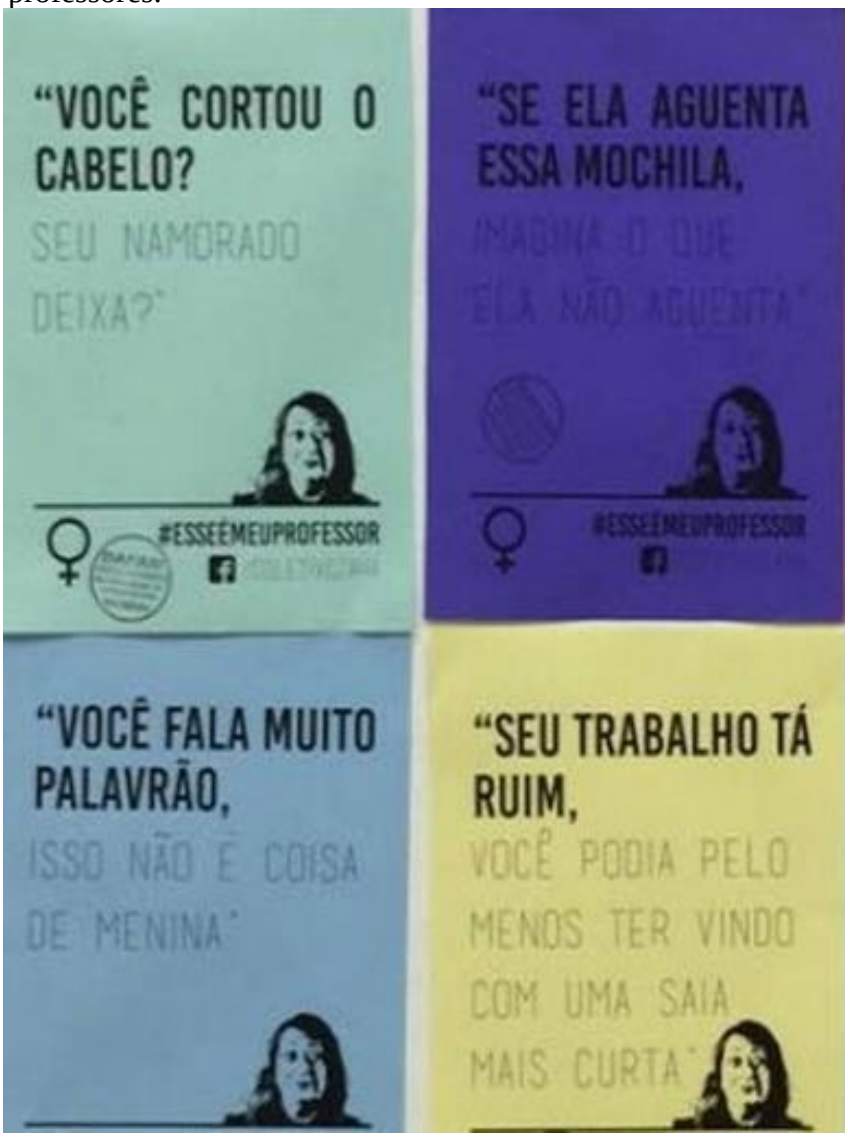
O primeiro acontecimento que analisamos ocorreu em 2014, no Colégio Pedro II, localizado no estado do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a coordenadora da escola recomendou a uma estudante transexual que trocasse a saia por uma calça (ambos uniformes escolares), a estudante acatou a recomendação. Todavia, um grupo de estudantes se rebelou contra tal recomendação, promoveu um movimento em favor da colega na escola, e todxs foram vestidos de saia, conforme podemos observar na Figura 81.

Figura 81 – Meninos do Colégio Pedro II vão à escola de saia em apoio à colega transexual.

Fonte: Jornal *O Globo*, 2014.

O segundo acontecimento ocorreu em 2016. O Coletivo Feminista Zaha, formado por estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Design da Universidade Mackenzie/São Paulo, fez uma intervenção com cartazes nos prédios da unidade para denunciar o machismo. Os cartazes, conforme exposto na Figura 82, trazem declarações machistas de professores do curso, feitas dentro da sala de aula.

Figura 82 – Alunas “decoram” faculdade com frases machistas de professores.



Fonte: Jornal *O Globo*, 2016.

O terceiro acontecimento ocorreu em 2017, no Colégio Sistema Elite de Ensino, localizado no Rio de Janeiro também. Nesse cotidiano, um/a estudante relatou que havia sido repreendido/a pela coordenação da escola por usar batom vermelho durante as aulas. Segundo x estudante de 17 anos, a coordenadora queria evitar algum tipo de preconceito dos estudantes com elx. Para mostrar apoio à/ao estudante, dezenas de colegas organizaram um protesto e usaram batom vermelho (na Figura 83). Com o apoio de estudantes de outras unidades do Colégio Sistema Elite de Ensino, o acontecimento ganhou repercussão nas redes sociais com a *hashtag* #BatomPodeHomofobiaNão e foi o segundo assunto mais comentado do país no Twitter.

Figura 83 - Jovens fazem ato para apoiar aluno repreendido por usar batom em escola: caso viralizou nas redes sociais e foi o segundo assunto mais comentado no Twitter nesta quinta-feira.

Fonte: Jornal O Dia, 2017.

Já o quarto e último acontecimento ocorreu também em 2017. Foi uma ação promovida por um grupo de estudantes da escola ISCA Academy, em Exeter, sudoeste da Inglaterra, que, proibidos de usar bermudas mesmo no verão, resolveu vestir saias como forma de protestar, conforme podemos observar na Figura 84.

Figura 84 – Estudantes usam saia na Inglaterra

Fonte: *BBC News Brasil*, 2017.

A partir desses acontecimentos que ocorreram em distintos espaços-tempos, tanto em instituições públicas quanto em instituições privadas, podemos observar as "alianças" afetivas solidárias construídas coletivamente entre xs estudantes: de si e com x outrx, em defesa de outras possibilidades de existências e de liberdades, na horizontalidade e na relação todxs-todxs. Mas isso não quer dizer que essas alianças afetivas estão fora de tensão, vigilância e controle, pelo contrário, elas são desdobramentos dissidentes e insurgentes contra às normatizações de gênero, sexualidade, território, formação, classe...

Partimos do pressuposto de que esses acontecimentos no cotidiano escolar potencializam linhas de fuga contra os enquadramentos hetero*cis*normativos, "responsáveis pela produção de estigmas sociais que desqualificam todos os alunos que são colocados na posição de desviantes" (FREITAS; COUTO JUNIOR; CARVALHO, 2018, p. 257). Os enquadramentos organizam, classificam, ordenam e governam corpos, tentam normatizar vidas, moldar, produzir, deformar e calcificar um determinado tipo de sujeitx (aquelx aceitx socialmente, idealizadx pela hetero*cis*norma), abjetando e precarizando outros.

Notamos que os acontecimentos insurgentes promoveram (micro)abalos sísmicos no cotidiano escolar, explodiram em múltiplos espaços-tempos, de forma não orquestrada, e produziram experiências em/na rede, abrindo brechas para que as diferenças pudessem ser negociadas e visibilizadas. Ponderamos, aqui, que esses acontecimentos tornam a atmosfera ao nosso redor mais respirável, saudável, menos

tóxica e letal em nossa sociedade marcada por práticas de ódio contra as diferenças. Consideramos também que os acontecimentos fomentam novas de formas de viver e de sociabilidade em/na rede e conectam desejos (lá onde habita uma vida não fascista, sobretudo contra as violências de gênero, sexualidade, raça, geração, classe... praticadas diariamente).

Observamos que os diferentes acontecimentos são reações às pedagogias da crueldade, isto é: "*a todos los actos y prácticas que enseñan, habitúan y programan a los sujetos a transmutar lo vivo y su vitalidade en cosas*" (SEGATO, 2018, p. 13). Ademais, esses acontecimentos contribuem para que as dissidências em/com as suas micropolíticas potencializem a vida, deixando-a mais pulsante, ética, minimizando o adoecimento de corpos que sofreram/sofrem com múltiplos ataques.

Em outra linha de pensamento, apostamos que os acontecimentos analisados reconfiguram os currículos criados entre professorxs e alunxs nos cotidianos escolares, ou seja, os currículos *pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2013), fazendo com que a comunidade escolar, repense suas práticas e experiências. Apostamos também que os acontecimentos abrem possibilidades para a negociação, diálogo e problematizações de conflitos em cenários curriculares, produzindo, nesse fluxo, fissuras que permitem a emergência de outros conhecimentos, manifestações e valores morais, sociais, políticos, estéticos. Isso tudo, evidentemente, só é possível quando se entende o currículo como "tudo aquilo que se passa nas escolas, envolvendo os conteúdos formais de ensino, relações sociais, manifestações culturais e conjuntos de conhecimentos não escolares" (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

A partir dos acontecimentos que acabamos de relatar, destacamos que o cotidiano escolar pode produzir (e mesmo produz) modos de viver (incessantes) que se desviam dos enquadramentos e reverberam para todos os lados; o desejo de si em conexão com x outrx produz pulsações do desejo ético-estético-políticas; as rebeliões dissidentes dxs estudantes reorganizam o espaço-tempo escolar e fabricam currículos outros; e as alianças e os laços sociais e afetivos em/na rede abrem brechas para múltiplas insurgências, criando alternativas vivíveis no cotidiano escolar.

Além disso, ao cartografarmos esses acontecimentos, notamos que eles têm aproximações e distanciamentos. Quanto às aproximações, destacamos que os acontecimentos emergiram a partir de práticas LGBTI+fóbicas no cotidiano escolar, produziram mobilizações entre xs estudantes e contaram com a colaboração de estudantes

de outras escolas; se desdobraram em múltiplas redes sociais e meios comunicacionais, e contaram com redes de apoio e solidariedade dentro-fora da escola.

Quanto aos distanciamentos, analisamos que as escolas estão localizadas em diferentes bairros, municípios, estados e até países, umas são públicas, outras são privadas. O Colégio Pedro II é uma escola pública e federal, o caso referido aconteceu na unidade de São Cristóvão, no município do Rio de Janeiro/RJ/BR. Já o Colégio Sistema Elite de Ensino é privado, localizado no município de Nova Iguaçu, Baixa Fluminense/RJ/BR. A Universidade Mackenzie é uma instituição privada, situada em Higienópolis, município de São Paulo/SP/BR. Por fim, a escola ISCA Academy é privada, que fica em Exeter, sudoeste da Inglaterra.

A insurgência, aqui, se concretiza no sentido de ampliar as existências em tempos marcados pelo ódio às diferenças; é rebelar-se contra as pedagogias da crueldade que tentam ensinar, controlar, policiar e governar as vidas dissidentes; e opor-se a políticas que espalham o medo, a insegurança, a desconfiança, o ódio, que roubam direitos, tiram vidas e tentam criar muros entre todxs nós.

Para finalizar as discussões desses acontecimentos na educação, observamos, que os movimentos dxs estudantes ampliam as formas de promoção da "cidadania horizontal" (NETO, 2006) por meio da micropolítica cotidiana, uma vez que consideram as múltiplas diferenças presentes na escola. Caso contrário, xs estudantes dissidentes dos enquadramentos hetero*cis*normativos podem sofrer vários preconceitos, viver uma vida precária, sem o direito de acesso à cidadania, especialmente o direito de estudar e permanecer na escola, o que pode contribuir para a exclusão, opressão e perpetuação do ódio contra as diferenças no processo formativo.

Outro acontecimento que analisamos é a *hashtag* #meubolsominionsecreto, que explodiu nos sistemas de redes sociais, trazendo inúmeros relatos com base nas incoerências das práticas dxs eleitorxs de Bolsonaro e em relação às propostas deste como candidato à Presidência da República em 2018, conforme exposto a seguir:

#MeuBolsominionSecreto é evangélico, casado e contra as LGBTQ+. Ele também gosta de mandar nudes para rapazes e tentar marcar encontros para fazer amor com o bumbum.

#MeuBolsominionSecreto é a favor da castração química. Jura que bolsoxxx não é homofóbico, é um candidato que está apenas lutando para manter as crianças longe de pornografia.

#meubolsominionsecreto é uma pessoa próxima, disse que é preciso ser muito corajoso para enfrentar a sociedade sendo LGBT e declarou apoio a mim, mas acredita que o discurso de ódio proferido por "você sabe quem" contra mulheres, negros e LGBTs não é prioridade para o Estado. Ele também considera que a preocupação com as questões de Direitos Humanos e Causas Sociais é coisa de vitimista e que a urgência do País é apenas o "crescimento econômico", logo ele que é homem, branco, "heterossexual", classe média alta com nível superior... O meu Bolsominion Secreto é na verdade mais um dos meus algozes declarados!

#meubolsominionsecreto
- reclama da "viadagem", mas adora compartilhar no zap/ver pornô lésbico;

- reclama da corrupção, mas dá aquela moral pro policial só pra escapar das blitzen/lei seca;

- é a favor da família, mas adora dar aquela escapadinha na rua às vezes;

- é contra o aborto, mas diz que não vai assumir um filho ou "manda a mulher dar um jeito na gravidez".

#**meubolsominionsecreto** bate na esposa e acha que feminicídio é mimimi. Quem o comete é doente, e não machista, segundo ele.

#meubolsominionsecreto é gay até a última porção de DNA, até aquela mitocôndria mais esquecidinha e abandonada num pedaço qualquer do seu ser. Mas odeia o movimento LGBT! Tem uma vida cheia de dificuldades, mas acredita na ideia da meritocracia...

Os relatos, aqui citados, não só trazem as incoerências dxs eleitorxs (pessoas próximas, como amigxs e familiares) que votam em Bolsonaro, como também são fragmentos de resíduos de suas formas de pensar, habitar e praticar a vida cotidiana (compartilhados diariamente no ciberespaço). Isso sem dizer que os relatos (experiências de si) nos ajudam a pensar como essxs eleitorxs estão alinhados ao desejo de norma e de tentativas incessantes de enquadrar x outrx conforme seus desejos. Entretanto, isso nem

sempre é possível, o movimento #meubolsominionsecreto, por exemplo, já é em si uma resposta ao desejo de norma e enquadramento.

Podemos dizer que a capilaridade do movimento #meubolsominionsecreto ocorreu tanto em nível da micropolítica dissidente – xs sujeitxs compartilhando seus relatos para as suas próprias redes – como da macropolítica dissidente – xs sujeitos conectados com outrxs sujeitxs compartilhando e viralizando os seus relatos e os relatos dxs outrxs, dilatando assim a visibilidade do movimento. Nossa aposta é de que essas experiências dxs sujeitxs na micro/macropolítica dissidentes xs conduzem a ações subversivas e transgressoras, reverberando em processos formativos e subjetivos complexos.

Por meio dos rastros desse movimento, notamos que eles se conectam à discussão de insurgências, que, segundo Rolnik (2018), emergem a partir dos efeitos das violências em nossos corpos, nos fazendo inventar maneiras de combatê-lxs (esses efeitos). "É nessa experiência que despontam as insurgências na cena social, performatizando novas estratégias em função dos problemas singulares que as deflagram" (ROLNIK, 2018, p. 102). As insurgências vêm acontecendo por todas as partes, são movimentos de insubordinação, passam não só a atuar na esfera macropolítica como também na micropolítica.

Notamos ainda que esse movimento é constituído por redes de indignação (redes de significação e produção de novos sentidos para a vida) que lutam diariamente contra as lógicas que dão sentido a uma necropolítica (interseccionada a uma racionalidade que vem se configurando como neoliberal). Essas redes de indignação são também redes de subversão, de apoio, de compartilhamentos solidários e de rebeliões contra os ditos "mimimis" e/ou "coitadismos" proferidos todos os dias. Essas redes unem pessoas que compartilham das mesmas ideias, dilemas, inquietações e indignações, embora pensem de forma diferente, o que é fundamental para a dilatação da democracia. São redes que visam a coletivizar as diferenças e dar visibilidade a elas, e também a produzir alianças (BUTLER, 2018) entre grupos diversos, conectando as experiências de si com as experiências coletivas em/na rede.

Aqui, compartilhamos das ideias de Castells (2015), para quem "a sociedade em rede se desenvolve em uma multiplicidade de cenários culturais, produzidos pela história específica de cada contexto" (p. 83). Esse apontamento feito por Castells é possível de ser observado na Figura 85, em que a *hashtag* #meubolsominionsecreto, que antes estava

conectada aos relatos de usuárixs e reverberou para múltiplos espaços-tempos, tais como grupos de discussão e páginas *online*, produzindo, assim, seus próprios cenários:

Figura 85 –**#meubolsominionsecreto** em grupos de discussão e páginas online

Fonte: Facebook

O último acontecimento se refere à canção “Mulheres”, composta por Toninho Geraes e que virou sucesso nacional na voz de Martinho da vila. Contudo, por mais que a música tenha tocado em todas as rádios do país, nosso interesse maior está voltado para sua versão feminista, criada por Doralyce Gonzaga e Silvia Duffrayer, em contrapondo à versão original machista. Para um melhor entendimento do que estamos problematizando, trouxemos as duas versões a seguir: feminista e machista.

Versão feminista da música "Mulheres", por Silvia Duffrayer	**Versão da música "Mulheres", por Toninho Geraes**
Nós somos Mulheres de todas as cores. De várias idades, de muitos amores. Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei. De Elza Soares, mulher fora da lei. Lembro de Marielle, Anastácia, valentes, guerreiras De Chica da Silva, toda mulher brasileira. Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo. Minhas regras. Agora, mudou o quadro Mulheres cabeça e muito equilibradas Ninguém tá confusa, não te perguntei nada. São elas por elas. Escuta esse samba que eu vou te cantar Eu não sei por que tenho que ser a sua felicidade. Não sou sua projeção Você é que se baste. Meu bem, amor assim quero longe de mim. Sou mulher, sou dona do meu corpo E da minha vontade. Fui eu que descobri Poder e Liberdade. Sou tudo que um dia eu sonhei pra mim. Fonte: letras.mus.br	Já tive mulheres de todas as cores De várias idades de muitos amores Com umas até certo tempo fiquei Pra outras apenas um pouco me dei Já tive mulheres do tipo atrevida Do tipo acanhada, do tipo vivida Casada carente, solteira feliz Já tive donzela e até meretriz Mulheres cabeças e desequilibradas Mulheres confusas, de guerra e de paz Mas nenhuma delas me fez tão feliz como você me faz Procurei em todas as mulheres a felicidade Mas eu não encontrei e fiquei na saudade Foi começando bem mas tudo teve um fim Você é o sol da minha vida a minha vontade Você não é mentira, você é verdade É tudo que um dia eu sonhei pra mim.

Pautados pela primeira versão, a feminista e que é o foco de nossas análises, consideramos importante destacar que ela foi publicada e cantada em diversos cotidianos e promoveu uma virada ético-estético-política em relação à versão original. As propagações dessa versão feminista ocorreram em múltiplas redes, estremecendo os territórios heteroc*is*normativos da música, provocando diversas "tensões sísmicas": no *site* de música letras.mus.br, essa versão feminista contou com 20.580 exibições; no YouTube, no canal "Sambas Que Elas Querem", teve 13.073 visualizações; e já no Facebook, na página "Sambas Que Elas Querem", obteve 65 mil reproduções, 1.945 compartilhamentos, 1.481 reações e 255 comentários.

Entendemos a música como um artefato cultural e instrumento didático-pedagógico que mobiliza diferentes sentidos, conduzindo a diversas experiências. A tensão sísmica que a versão feminista da canção "Mulheres" produziu nas redes, por exemplo, contribui para o entendimento da música como um instrumento didático-pedagógico formativo: manifestação do direito de viver como quiser, ser quem se é,

contra o feminicídio (assassinato de mulheres só por elas serem mulheres), fomentando processos formativos de práticas de liberdades. Salientamos, porém, que a música também pode ser um instrumento didático-pedagógico deformativo: a exaltação do patriarcado, machismo, ódio, controle/vigilância do corpo feminino e cultura do estupro, como a versão machista da canção "Mulheres". As duas versões da canção (feminista e machista) nos possibilitam compreender a música como um instrumento didático-pedagógico potente, uma rede educativa que compõe o nosso cotidiano, constitui os muitos "eus" e coletivos que vivem dentro-fora da gente, nos produz e vai se "expressar – por vezes, contraditoriamente – nas *práticasteorias* que criamos, transmitimos e reproduzimos" (ALVES, 2012, p. 26).

A versão feminista da canção "Mulheres" vai ao encontro das ideias de Butler (2016a), que retomamos aqui, em especial aquelas em que a autora tensiona as questões envolvendo corpos que ainda importam, uma vida passível de ser vivida, como das mulheres, mulheres racializadas e mulheres trans que se situam dentro de um quadro propício a sofrer com o feminicídio. Ao fazer isso, Butler (2016a) ressalta a necessidade de se viver uma vida avessa à precariedade e de se lutar por uma vida boa.

As experiências relatadas no movimento #meubolsominionsecreto e na música "Mulheres" mostram fragmentos de como acontecem as (micror)rupturas, insurgências e rebeliões, dissidências contra os enquadramentos hetero*cis*normativos na vida cotidiana em/na rede. Essas experiências emergem de inúmeros atravessamentos (conflituosos e dolorosos) que marcam os nossos corpos. Elas mostram como a "heterocisnormatividade é forjada no jogo das práticas sociais mais amplas" (GONÇALVES JUNIOR; CARVALHO; POCAHY, 2018, p. 433), bem aqui (entre e junto de nós) na macro/micropolítica dos desejos. Contribuem para o entendimento de como pessoas, grupos, artistas, páginas *online* e movimentos sociais vêm se posicionado e se movimentando contra o "*mandato de la masculinidad*" (SEGATO, 2018), o qual "*exige al hombre probarse hombre el tiempo todo*".

Consideramos as duas experiências como potentes instrumentos didático-pedagógicos, pois: (a) disparam processos formativos em cenários não curriculares, sem cessar, construídos e descontruídos nos fluxos e contrafluxos que a vida apresenta; (b) abrem brechas para novas experiências subjetivas por meio das práticas emergentes da cibercultura, reverberando naquilo que somos, nos tornamos e dizemos ser; (c) e promovem reflexões sobre experiências de vida preocupadas com o coletivo (de si e com

x outrx), que se alinham a ações, movimentos e mobilizações que se insurgem contra todas as formas de violência.

Aos seguirmos os rastros dessas experiências, notamos que elas se dão na micropolítica através de publicações das experiências de si, reverberando na produção de laços fortes (redes de identificação e compartilhamento) e em mobilizações da própria rede, levando-a a agir (em termos de solidariedade e cuidado). Já na macropolítica, elas se dão por meio da viralização, compartilhamentos, visualizações e capilaridade das experiências. Acrescentamos que elas potencializam, produzem e dão sentidos às diferentes maneiras de aprender-ensinar, avessas às pedagogias ciberfascistas e às pedagogias da crueldade, evidenciando pedagogias ciberinsurgentes que dilatam a "liberdade" das diferenças. Isto é, pedagogias que reverberam em práticas que dão (micro)dobras às relações de poder e aos enquadramentos heterocisnormativos, estão alinhadas a epistemes ético-estético-políticas e se constituem em redes solidárias e colaborativas, ali nas frechas/fissuras diárias.

3.4 **Achados (in)conclusivos**

Discutimos, neste capítulo, fragmentos de como as pedagogias ciberinsurgentes vêm se configurando. Trouxemos duas mobilizações ciberativistas de politização da *selfie* que emergiram ou se desdobraram pelo Facebook: "UERJResiste" e "Escola sem pensamento crítico não é escola"; quatros acontecimentos insurgentes na educação; e outros dois acontecimentos na vida cotidiana em/na rede: a *hashtag* #Meubolsominionsecreto e a canção "Mulheres".

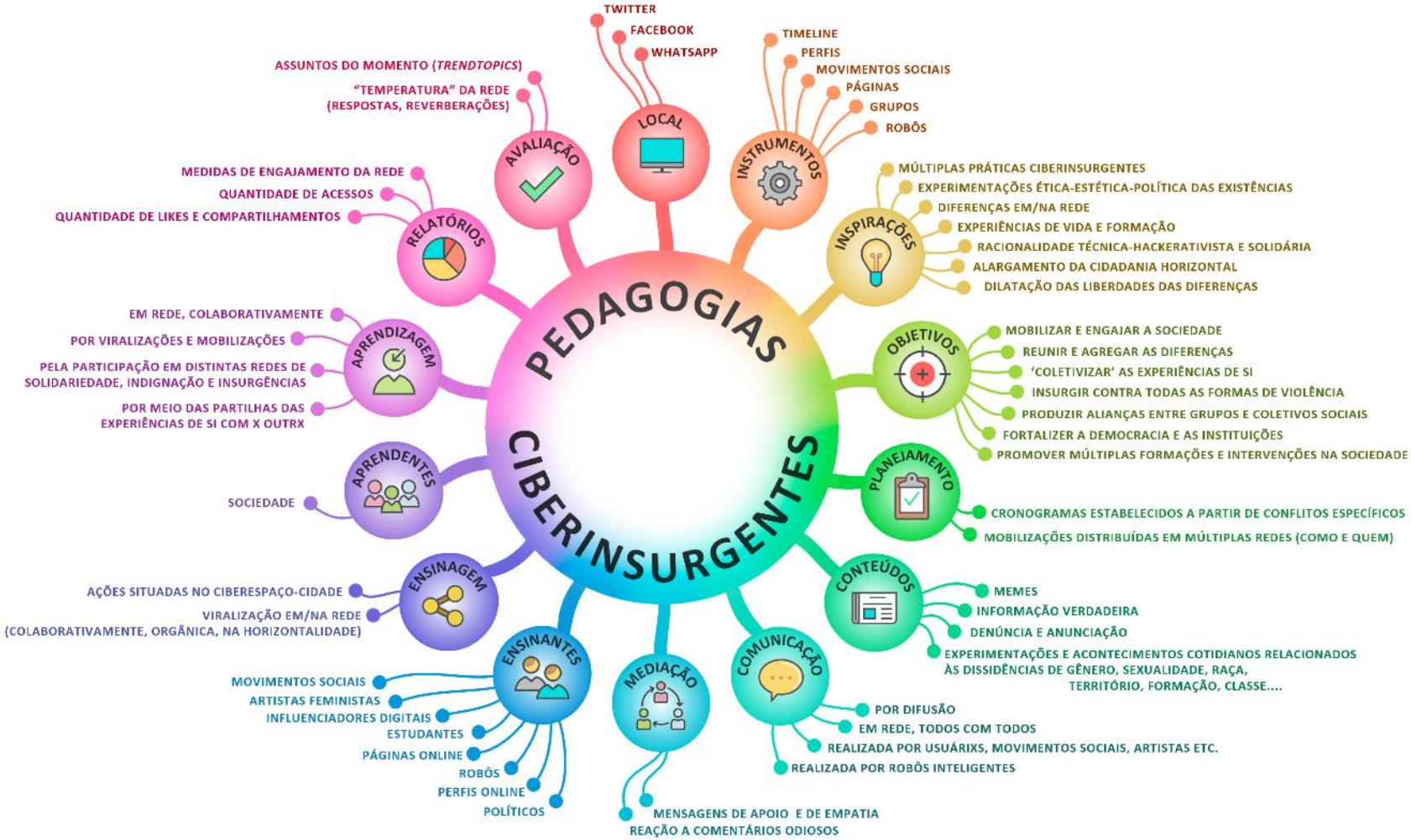
A partir de todos esses rastros analisados e relacionados às insurgências das dissidências de gênero, sexualidade, classe, território e formação, destacamos os seguintes desdobramentos (resultados): há ciberinsurgências por todos os lados, que emergem de inúmeros conflitos cotidianos que levam x sujeitx a agir (tomar posições) e são instrumentos didático-pedagógicos que potencializam experiências formativas e subjetivas em/na rede; observamos que as ciberinsurgências são precárias, pois enfrentam diariamente uma força gigantesca, que é hegemônica – lutam contra toda uma racionalidade neoliberal, heteropatriarcal, racista, fascista, conservadora, contando com as mobilizações coletivas, inúmeras redes de apoio e movimentos sociais que atuam pela ampliação da vida; as experiências cotidianas de si através de relatos, *selfies*,

compartilhamentos e mobilizações apontam para como as pessoas vêm se movimentando na vida cotidiana em termos ético-estético-políticos: suas identificações, os sentidos que atribuem às experiências vividas, o que as levam a se posicionarem, seus cuidados e preocupações..., reverberando, assim, naquilo que se autodeclaram ser. Além disso, essas experiências revelam processos desformativos complexos, inclusive apoiados por robôs; as pedagogias ciberinsurgentes contribuem para a abertura de espaços/brechas/fissuras contra os enquadramentos normativos, minando-os incessantemente. Essas pedagogias se constituem em/nas redes de apoio, insurgências e solidariedade, e conduzem xs sujeitxs a experiências cotidianas que dão uma dobra nas pedagogias ciberfascistas. Potencializam a dilação da cidadania horizontal das vidas desviantes, fomentam a produção de outras formas de habitar com x outro e visam a promover a convivência com as diferenças.

Por meio da cartografia *online* realizada nesta pesquisa, das análises e problematizações, produzimos apontamentos que nos ajudam a dar sentido e forma às pedagogias ciberinsurgentes no presente. Buscamos mapear os principais componentes dessas pedagogias, o que representamos no mapa mental ilustrado na Figura 86.

Ressaltamos, para concluir, que essas experiências, reverberações e (micro)abalos sísmicos das dissidências nos levam a múltiplas aprendizagens e ensinagens: mostram como a vida é complexa e sensível; como somos atravessadxs e constituídxs por diversos acontecimentos que marcam os nossos corpos; e como as micropolíticas e as macropolíticas estão interconectadas e distribuídas em/a rede.

Figura 86 – Componentes das pedagogias ciberinsurgentes



Fonte: Autor

TESSITURAS CONCLUSIVAS DE PESQUISA

No fechamento desta tese, rememoro a discussão proposta por Bruno Latour (2011) de pensar-fazer a pesquisa como uma "ciência em construção", preocupada com todo o seu processo de produção; diferente da "ciência fechada", voltada somente ao que entra e ao que sai da pesquisa, não tratando do seu processo. Nesta conclusão, optei por mostrar os processos de produção desta tese que me possibilitaram tecer reflexões "**de como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos em tempo de cibercultura**". Essas reflexões foram produzidas a partir de diversos rastros *online* de práticas ciberculturais que me forneceram caminhos, indícios, evidências, ideias de como nos constituímos em tempo de cibercultura, de como nos tornamos aquilo que dizemos ser e compartilhamos. Rastros online que me fizeram refletir sobre como xs sujeitos aderem determinadas epistemes e as aprendem-ensinam todos os dias em suas experiências diárias com x outrx, com a cidade e com os artefatos (ciber)culturais.

Cabe destacar que os rastros *online* me serviram de fontes para pensar, analisar e problematizar o presente. Por meio deles, foram cartografados fragmentos de processos de subjetivação, formas de governo, enquadramentos de corpos, assujeitamentos, modos de re-existir, lutar, rebelar, insurgir, movimentações agonísticas... Cartografamos também técnicas, meios, modos, instrumentos, jeitos forjados para tentar conduzir (o que não significa que consigam) ou agir sobre as condutas em/na rede de modo a produzir sujeição/produzir sujeitx**.** Como desdobramentos dos rastros *online* cartografados, chegamos às noções de pedagogias ciberfascistas e ciberinsurgentes. Acredito que essas pedagogias respondem**,** em parte, a questão principalmente desta tese; busquei mostrar/informar como algumas dessas pedagogias são produzidas e se constituem no presente, e de que modo potencializam distintas formas de resistências e assujeitamentos. Contrasto essas pedagogias no quadro contrastivo a seguir:

Quadro 1 – Pedagogias ciberfascistas e pedagogias ciberinsurgentes

Características	Pedagogias ciberfascistas	Pedagogias ciberinsurgentes
Redes	- Orgânicas - Artificiais	- Orgânicas - Artificiais
Formação	- Deformação	- Desformação
Ensinantes	- Políticos	- Políticos

	- Movimentos sociais, funcionários públicos e contratados - Empresários - Influenciadores digitais - Páginas e grupos *online* - Cidadãos adeptos em propagar os conteúdos e realizar a mediação com os demais cidadãos - Robôs - Perfis *online*	- Movimentos sociais, docentes e estudantes - Artistas feministas - Influenciadores digitais - Páginas e grupos *online* - Cidadãos adeptos em propagar os conteúdos e realizar a mediação com os demais cidadãos - Robôs - Perfis *online*
Ensinagem	- Ataques massivos e coordenados - Viralização em/na rede (colaborativamente, orgânica e artificial, na horizontalidade)	- Intervenções situadas no ciberespaço-cidade - Viralização em/na rede (colaborativamente, orgânica e artificial, na horizontalidade)
Aprendentes	- Sociedade em geral	- Sociedade em geral
Aprendizagem	- Em rede, colaborativamente - Por viralizações e mobilizações - Por apelo ideológico, moral, religioso - Por múltiplas redes educativas - Por "efeito manada" - Por "teoria da conspiração" - Por descoberta, "vazamento e urgência"	- Em rede, colaborativamente - Por viralizações e mobilizações - Por apelo ético-estético-político - Por múltiplas redes educativas - Pela participação em distintas redes de solidariedade, indignação e insurgências, com partilhas das experiências de si e com x outrx
Práticas educativas	- Emergentes das práticas ciberculturais	- Emergentes das práticas ciberculturais
Inspirações	-Fascistas - Cristofascistas - Racistas - Neoliberais - Nacionalistas - (Ultra)conversadores - Negacionistas - Contra políticas afirmativas - Contra as diferenças e grupos socialmente vulneráveis	- Antifascistas - Hackerativista - Experiências ético-estético-políticas das existências - diferenças em/na rede - Redes solidárias - A favor das políticas afirmativas - Convivência entre as diferenças
Objetivos	- Desdemocratização (enfraquecimento/desmoralização /destruição das instituições democráticas) - Divisão e enfraquecimento de grupos sociais - Produção de crises institucionais - Cooptação - Alcançar o maior número de usuários possível que compactuem	- Mobilizar e engajar a sociedade para o alargamento da democracia (fortalecer a democracia e as instituições) - Reunir e agregar as diferenças - "Coletivizar" as experiências de si - Cooptação - Insurgir contra todas as formas de violência

	com as suas práticas, ideias e decisões - Afetar a população através da mobilização dos afetos e das emoções em escala - Deformar a sociedade com desinformações, notícias falsas....	- Produzir alianças entre grupos e coletivos sociais - Promover múltiplas formações e intervenções na sociedade
Local	- Twitter - Facebook - WhatsApp	- Twitter - Facebook - WhatsApp
Instrumentos	- Perfis *fakes* - *Sites* e blogues temporários - Robôs - *Timeline* - Grupos - Movimentos sociais	- Perfis verdadeiros - Páginas, *sites* e blogues - Robôs - *Timeline* - Grupos - Movimentos sociais
Planejamento	- Cronogramas (quando) estabelecidos a partir de conflitos específicos - Alvos de ataque (quem) - Direcionamento (quem e como agir)	- Cronogramas (quando) estabelecidos a partir de conflitos específicos - Mobilizações distribuídas em múltiplas redes (como e quem)
Conteúdos	- Memes - Notícias falsas (*fake news*) - Desinformação - Calúnia, difamação e injúria - Conteúdos odiosos, agressivos, fascistas, racistas	- Memes - Informação verdadeira - Denúncia e anunciação - Experiências e acontecimentos cotidianos relacionados às dissidências de gênero, sexualidade, raça, território, formação, classe....
Comunicação	- Por difusão - Em rede, todos com todos - Realizada por robôs inteligentes - Direcionada a usuários selecionados por análise automática - Realizada de modo a impedir a identificação da fonte	- Por difusão - Em rede, todos com todos - Realizada por robôs inteligentes - Direcionada a usuários selecionados por análise automática - Realizada por usuárixs, movimentos sociais, artistas etc.
Mediação	- Ratificação de conteúdos falsos e odiosos - Ataque às ideias e posições contrárias	- Mensagens de apoio e de empatia - Reação a comentários odiosos
Relatório	- Assuntos do momento (*trendtopics*) - “Temperatura” da rede (respostas, reverberações)	- Assuntos do momento (*trendtopics*) - “Temperatura” da rede (respostas, reverberações)

Avaliação	- Medidas de engajamento da rede - Quantidade de acessos - Quantidade de *likes* e compartilhamentos	- Medidas de engajamento da rede - Quantidade de acessos - Quantidade de *likes* e compartilhamentos
Micropolítica	- Pulsação dos desejos de si fascistas - Experiências de si voltadas à manutenção de privilégios de si e dxs iguais a si (não está fora da relação de saber-poder) - Calcificação da cidadania elitista-racista (perpetuação de direitos)	- Pulsação dos desejos de si insurgentes - Experiências de si voltadas às alianças solidárias com x outrx (não está fora da relação de saber-poder) - Promoção da cidadania horizontal (ampliação de direitos a todxs)
Macropolítica	- Pulsação dos desejos de coletivos fascistas - Múltiplos grupos privilegiados determinando o ideal de sociedade: hetero*cis*normativa, fascista, racista - Calcificação e promoção da cidadania elitista-racista (é construída por grupos que se sentem autorizados a representar a todxs, principalmente xs sujeitxs que esses grupos tanto zelam por suas inexistências)	- Pulsação dos desejos de coletivos insurgentes - Experiências coletivas (sujeitxs, grupos vulneráveis, movimentos sociais etc.) em aliança com outras experiências coletivas para a produção de um ideal de sociedade plural, antifascista, antirracista - Promoção da cidadania horizontal (é construída por coletivos diversos que lutam para a ampliação dos direitos de todxs e outras possibilidades viáveis de vida)
Lutas	- Lutar para matar até morrer - Perpetuação da hegemonia do hetero*cis*normatividade, racismos, fascismos - Por reenquadramentos incessantes dos corpos - Ampliação de privilégios e precarização das vidas dissidentes - Enfraquecimento da democracia	- Lutar para tentar se manter vivo - Contra-hegemônicas, para não precarização das vidas - Pelo desenquadramento dos corpos - Por direitos e garantias fundamentais mínimos para se manter vivo - Fortalecimento da democracia
Financiamento	- Abundante – por políticos, banqueiros, industriais, empresários, Estado etc.	- Precário – por usuárixs, movimentos sociais, coletivos diversos, artistas etc.
Racionalidade	- Sistema capitalista, racionalidade neoliberal - Estado mínimo - Estado burguês	- Hackerativista e Solidária - Estado de bem-estar e convívio social das diferenças

Aproximações	- Apropriações de práticas, linguagens e gêneros da cibercultura e suas técnicas (algoritmos e robôs) - Comunicação todxs-todxs - A rede e a cidade como espaços de intervenção de política - A rede como novo espaço de disputa de narrativa da política e dos políticos - Múltiplos agenciamentos - Visam a formar xs sujeitos - Potencializam um ideal de sociedade - Estão distribuídas em diversos espaços-tempos *online* - Mobilizam a cooptação dxs sujeitos na vida cotidiana - Epistemes emergentes do presente - Fortalecimento dos laços sociais	- Apropriações de práticas, linguagens e gêneros da cibercultura e suas técnicas (algoritmos e robôs) - Comunicação todxs-todxs - A rede e a cidade como espaços de intervenção de política - A rede como novo espaço de disputa de narrativa da política e dos políticos - Múltiplos agenciamentos - Visam a formar xs sujeitos - Potencializam um ideal de sociedade - Estão distribuídas em múltiplos espaços-tempos *online* - Mobilizam a cooptação dxs sujeitos na vida cotidiana - Epistemes emergentes do presente - Fortalecimento dos laços sociais
Distanciamentos	- Estreitar a democracia, paixões tristes por rupturas democráticas - Voltada para a necropolítica - Impossibilidade de convivência com/entre as diferenças - Produção de sujeito de acordo com os enquadramentos - Desejo de morte - Aniquilar as diferenças - Viralizar o pânico moral	- Expandir a democracia, fortalecer os laços democráticos - Voltada para as políticas para cuidado das vidas dissidentes - Abertura para a convivência com/entre as diferenças - Produção de sujeitos desviados, dissidentes dos enquadramentos - Desejo de vida - Coletivizar as diferenças - Viralizar insurgências
Potencialidades	- Conduzem xs sujeitos às experiências fascistas - Promovem processos deformativos direcionados, complexos e intensos (24h/07d) - Fomentam redes de ódio as diferenças - Servem de gatilhos para a manifestação do desejo fascista - Alcançam um número maior de usuárixs *online* que se posicionam como “neutrxs” - Mobilizar e viralizar o medo, o ódio e a insegurança na vida cotidiana	- Conduzem xs sujeitos às experiências éticas, insurgentes, pela vida de todxs - Promovem processos desformativos nos corpos dissidentes - Fomentam redes de apoio, solidariedade e insurgências - Servem de gatilhos para a manifestação do desejo de sujeitos e coletivos preocupados (em termos de cuidado) com as vidas precárias e contra precarização das vidas dissidentes - Mobilizar a sociedade contra a precarização da vida - Visam à ampliação de políticas afirmativas

Despotencialidades	- Operar com a ética e a verdade (em termos de *parrhesía*) - Compromisso com a vida de todxs e a democracia - Abertura ao diálogo e a novas ideias	- Sensação de perda da democracia (todxs estão comentando sobre o mesmo assunto e o viralizando) - Pensar que x outrx (x fascista) é um idiota cultural, ser não pensante, “burro”, “tem preguiça de pensar” - Dificuldade de mobilizar outros grupos vulneráveis da sociedade - Redes precárias
Operacionalizações	- Humanos e não humanos	- Humanos e não humanos
Desdobramentos	- Xs sujeitxs se sentem autorizadxs a letalizar as diferenças na vida cotidiana - Enrijecimento de ideais extremadas - Perseguição e ataques direcionados a todxs (inimigxs e ex-amigxs) para tentar impor um modo único de pensar, ser e estar no mundo - Enfraquecimentos das instituições democráticas - “Convulsões sociais”	- Xs sujeitos em alianças com xs outrxs sujeitxs se sentem encorajadxs a denunciar suas dores e anunciar ações de lutas e insurgências - Abertura as liberdades das diferenças - Construção de redes de apoio e solidariedade que abram espaços para múltiplos modos de existir - Fortalecimento da democracia - Mobilizações insurgentes

Fonte: Autor

Com o quadro, busquei traçar como essas pedagogias se formam no presente. A intenção não é reforçar uma polaridade entre elas, como se fosse uma disputa entre o bem e o mal, pois muitas vezes as estratégias/táticas se assemelham. O objetivo desse quadro é estabelecer, pelo contraste, algumas aproximações e distanciamentos ético-estético-políticos, bem como informar algumas homologias do ponto de vista das arenas onde se instituem certas disputas e dos modos como as pedagogias são operacionalizadas.

Por meio dessas pedagogias, pude entender fragmentos de como a vida é esculpida por intensas redes performativas de enunciados propagados e viralizados sob diversos meios e formatos. São redes que constituem as complexas tramas dos discursos que localizam xs sujeitos na (ciber)cultura, marcando-xs com uma vida boa ou precária. As pedagogias ciberfascistas me ajudaram na compreensão de como o nosso atual Estado necropolítico tem matado/vem matando as vidas precárias, deixando-as morrer, conduzindo-as à morte, viabilizando as suas inexistências e produzindo estratégias para as continuar matando. Além disso, as pedagogias ciberinsurgentes contribuíram para a

reflexão sobre como as mobilizações e redes de insurgência são precárias, lutam pela ampliação das vidas dissidentes e contra todas as formas de fascismo.

Em relação à ética-estética-política dessas pedagogias, saliento que, nas pedagogias ciberfascistas, não há ética, predomina a moral, estão voltadas às práticas de enquadramento para uma vida hetero*cis*normativa branca, racista, fascista etc., e também se voltam à insensibilidade: a vida vista como obra de arte é esculpida pelo ressentimento, ódio e medo, produzindo desumanidades e letalização das diferenças. Um de seus objetivos é deformar e configurar a sociedade a partir dos enquadramentos inspirados em epistemes necropolíticas e neoliberais, promovendo o assujeitamento e a viralização do ódio e do medo (propagação dos pânicos morais). Essas pedagogias ciberfascistas são operadas por meio do controle e vigilância sobre os corpos dissidentes, conduzindo as condutas dxs sujeitxs a movimentações fascizantes, racista, totalitárias....

Já sobre a ética-estética-política das pedagogias ciberinsurgentes, há ética (margem para o alargamento das práticas de liberdade das diferenças entre xs sujeitxs) e também há moral. Estão voltadas às práticas dissidentes, a uma vida dissidente do enquadramento hetero*cis*normativo branco, racista e fascista, e à sensibilidade: a vida esculpida por práticas solidárias, de apoio, produzindo belezas nas experiências cotidianas, visando o alargamento das existências e a produção de alianças entre as diferenças, movimentos sociais, grupos vulneráveis etc..., e a conduzir as condutas dxs sujeitxs a movimentações contra todas as formas de fascismos, racismo, totalitarismo.

Essas pedagogias cartografadas me possibilitaram refletir como somos segmentarizados, o tempo todo, em diversas experiências cotidianas (como habitar, conviver, compartilhar, ser etc.), constituídos por fluxos molares (linhas duras) capilarizados em distintas redes de enunciados, reverberando em múltiplos espaços-tempos (online/off-line). Por outro lado, essas mesmas pedagogias me possibilitaram refletir como os fluxos moleculares são formados por linhas flexíveis das micropolíticas. Por meio deles, pude notar fragmentos das pulsações de desejos, processos formativos e de subjetivação em/a rede. Ademais, notei que as linhas duras e flexíveis dessas pedagogias predominam umas sobre as outras em dado momento, e às vezes se intersecionam.

Aprofundo meu relato de pesquisa refletindo sobre como foram os processos de produção desta tese e o que eu tomo como aprendizado a partir deles. Processo é entendido aqui como a “sequência continua de fatos ou de operações que podem levara

outras sequências de fatos e de operações. O processo implica a ideia de ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos (ROLNIK, 1996, p. 321).

Começo o relato afirmando que os processos desta pesquisa foram fundamentais para a minha formação como pesquisador. Conheci inúmeros pontos de vista e diferentes abordagens de pensar-fazer a ciência que ampliaram as análises sobre as experiências cotidianas cartografadas e o meu entendimento de mundo, no mundo e com o mundo. Tudo isso me serviu de fonte de inspiração para produzir as noções de pedagogias ciberfascistas e ciberinsurgentes (os resultados desta tese).

Na produção desta cartografia *online*, operacionalizei conceitos que eram novos para mim. Alguns deles me afetaram, outros me soaram estranhos e outros me deslocaram para novas leituras e reflexões, não só sobre o objeto de estudo, mas também de mim mesmo, no sentido de autoconhecimento e cuidado de si e com x outrx. Tive também dificuldades para entender alguns conceitos, precisei mergulhar em diversos textos para isso, inclusive pedindo ajuda ao meu orientador e a colegas. Houve conceitos abandonados pelo caminho, porque não os compreendi suficientemente ou porque entendi que não estavam alinhados à pesquisa.

Ao fazer estes apontamentos finais, noto que as ideias teóricas, epistemológicas e metodológicas, tecidas nesta pesquisa, foram sendo "conectadas" umas às outras durante o processo de produção, conforme o cotidiano de pesquisa ia se apresentando e se impondo. Eu selecionava as ideias que iam ao encontro da pesquisa, as conectava para formar um conjunto coeso, coerente, interdependente, encadeado por teorizações. Essas conexões me ajudaram na compreensão de como as pedagogias ciberculturais vêm se configurando no presente, principalmente as pedagogias ciberfascistas e ciberinsurgentes; como somos agenciados a aderi-las em nossas experiências cotidianas; e como elas reverberam naquilo que nos tornamos. A conexão de ideias não é sinônimo de mistura aleatória de pontos de vista teóricos, epistemológicos, metodológicos ou de ferramentas de pesquisa; ela é produzida a partir de maneiras de pensar-fazer a ciência que se complementam, respeitando as limitações e especificidades de cada uma delas.

Nas conversas com o orientador, Prof. Dr. Fernando Pocahy, fui apresentado ao método cartográfico (em termos deleuziano-guattarianos) e ao método genealógico (de inspiração foucaultiana), que são métodos que movimentam as investigações do grupo de pesquisa GENI coordenado por ele. Fizemos (Pocahy e eu) algumas apostas sobre o uso desses dois métodos no processo de produção desta tese em particular, inclusive buscamos acoplá-los para tentar produzir uma carto-genealogia das pedagogias

ciberculturais, dadas as aproximações entre os princípios epistemológicos que os norteiam. Todavia, no caminhar desta tese, foi abandonada a ideia da carto-genealogia. Optei por empregar só a cartografia, porque me identifico com o método por ele se alinhar melhor à maneira como eu vinha me movimentando em pesquisa e por não ser totalmente inédito para mim: já havia trabalhado com ele no "Projeto Gênero e sexualidade em interseccionalidades nos/com os cotidianos da educação e(m) saúde", também coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Pocahy.

As pedagogias ciberfascistas e ciberinsurgentes, cartografas no caminhar desta tese, dispararam em mim um outro questionamento de pesquisa: **como pensar-praticar a formação não fascista de professores em tempos de cibercultura?** Para tentar dar conta dessa questão emergente de pesquisa, discutimos rastros dessas pedagogias junto às/aos estudantes da disciplina de Educação Estética, um dos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Pedagogia da UERJ/Maracanã, ofertada pelo Prof. Dr. Fernando Pocahy em 2018, o que serviu de campo para meu estágio doutoral. Naquele cotidiano educacional, foram propostas atividades[23] para explorar a criatividade, o uso da linguagem emocional para a promoção da relação de amizade (BRUNO, 2008; ORTEGA, 1999), a ética-estética-política da existência no processo formativo (FOUCAULT, 2006; GALLO, 2012; 2016; LAPONTE, 2005; JOSSO, 2010) e a *parrhesía* ou o falar a verdade com o cuidado de si (FOUCAULT, 1993; 2013b; 2013c; 2017b). A partir de experiência, havíamos pensado em fazer outro acoplamento metodológico, só que agora da cartografia com a pesquisa-formação na cibercultura, método que eu havia operacionalizado na dissertação de mestrado defendida em 2015. Todavia, no desenrolar da pesquisa, notei que os métodos se situam em perspectivas epistemológicas distintas e, para manter a coerência desta tese, continuei apostando no método cartográfico sem acoplamentos.

Realizei o doutorado-sanduíche pela Universidad Complutense de Madrid (UCM), de setembro de 2019 a agosto de 2020. Nessa experiência, aprofundei as discussões desta tese a partir de estudos internacionais, focando as teorizações epistemológicas e metodológicas pós-estruturalistas sobre a cartografia, o fascismo, as

---

[23] Nos artigos "O método cartográfico na/com a formação na cibercultura" , "Relações de amizade e o uso de memes no cotidiano" e "Cartografias ciberculturais da formação docente: experiências autorais na disciplina de educação estética", relatamos as experiências desenvolvidas com xs estudantes da disciplina de Educação Estética.

insurgências e temas correlatos. Desses estudos, foram produzidos artigos escritos em parceria com orientador, Prof. Dr. Fernando Pocahy, a saber: "Odiados pela nação: Como ensinamos e aprendemos a odiar a diferença?", publicado pela revista *Interfaces Científicas – Educação*; e "#UERJRESISTE: a politização de si através das selfies", publicado pela revista *Teias*. Aprofundei também minhas análises sobre as pedagogias ciberculturais fazendo pesquisa de campo em arquivos e museus internacionais, como no Centro de Documentação do Museu Topografia do Terror: Sede da Gestapo - Berlim/Alemanha. Ainda nessa experiência, tive a oportunidade de divulgar os resultados parciais desta tese em eventos internacionais e conhecer outras redes de produção do conhecimento científico:

- II CONGRESO INTERNACIONAL COMUNICACIÓN Y FILOSOFÍA (Priego de Córboba/Espanha) – Trabalho apresentado: "Cartografias do Brasil contemporâneo: problematizações ético-estético-políticas sobre práticas ciberculturais de movimentos ultraconservadores".
- VIII CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN E INFORMACIÓN DIGITAL" (Zaragoza/Espanha) – Trabalho apresentado: "(Micro)rebeliões no cotidiano escolar e acadêmico: cartografias interseccionais em rede.

Retomo, a seguir, as quatro linhas traçadas na produção desta cartografia *online* e reflito sobre os seus desdobramentos e atravessamentos nesta tese. Ao produzir essas linhas, busquei traçar experiências, ideias e práticas de pesquisa que me marcaram: tudo aquilo que fica registrado nas memórias do corpo, ou em memórias artificiais.

Na "Linha 1 – Ética-estética-política da existência na pesquisa acadêmica", foi discutida as movimentações éticas desta tese na cibercultura. Essa linha ampliou o meu entendimento de como a ética da pesquisa é construída com x outrx, negociada constantemente entre pesquisador/a e interlocutorxs de pesquisa; não está fora da relação saber-poder e se constitui por meio da confiança e do cuidado. Ética essa que não está dissociada das minhas práticas cotidianas, tomadas de posição e modos como me relaciono com x outrx.

As ambiências de pesquisa traçadas na "Linha 2", que trata dos múltiplos contextos *online* cartografados, me ajudaram a pensar como as pedagogias ciberculturais ciberfascistas e ciberinsurgentes estão presentes em diversas redes, e são

operacionalizadas initerruptamente, 24h/07d, por humanos e não humanos. Compreendi que as ambiências *online* são habitadas por diferentes práticas que que me levaram a repensar determinadas movimentações teóricas, epistemológicas e metodológicas de pesquisa. Destaco que essas práticas só puderam ser cartografadas porque me foram apresentadas por algoritmos nos fluxos informacionais das *timelines* da vida em/na rede.

Na "Linha 3", abordei o uso de conversas na vida cotidiana, discursos e enunciados como ferramentas conceituais desta pesquisa. Essas ferramentas foram fundamentais para a produção da tese, pois me possibilitaram investigar estratégias e ações a partir das práticas ciberculturais para a propagação de discursos (redes performativas de enunciados) que mobilizam enquadramentos hetero*cis*normativos, fascistas e racistas para a produção de um ideal de sujeito, e como os sujeitxs produziram invenções na vida cotidiana contra esses enquadramentos, subvertendo-os e, ao mesmo tempo, produzindo linhas de fuga na micro/macropolítica como alternativas viáveis para (sobre)viverem.

Na "Linha 4", abordei como damos sentidos ao que pesquisamos. Nesta tese, os sentidos produzidos se constituem por redes de teorizações, epistemologias e metodologias alinhadas ao pós-estruturalismo, que partem dos estudos foucaultianos, deleuzianos, guattarianos, *queers*, feministas, (ciber)culturais etc. Conheci muitas delas no caminhar da pesquisa, apresentadas pelo orientador, Prof. Dr. Fernando Pocahy, por integrantes do grupo de pesquisa GENI, por colegas pesquisadorxs, por professorxs e colegas de disciplinas cursadas na pós-graduação. Muitas das ideias produzidas por esses estudos me serviram de instrumentos analíticos e me ajudaram a refletir não só sobre os objetos de estudo (as pedagogias ciberculturais) como também sobre o próprio processo de investigação. Outros sentidos produzidos nesta pesquisa partem também de experiências de pesquisas anteriores e das histórias de vida e formação.

Da experiência de operacionalização da cartografia *online* nesta tese, destaco que esse é um método processual, analítico e crítico. É produzido no ato de pesquisar com o outrx e não sobre o outrx. É um gesto ético-estético-político que conduz x pesquisador/a a tomar posições e a fazer análises aprofundadas da complexidade de seu tempo. Requer que x pesquisador/a trace linhas, crie planos de imersão no cotidiano pesquisado, delineie processos, acompanhe fluxos, rupturas, deslocamentos e descontinuidades.

Para pensar-fazer esta cartografia *online* compartilhei das ideias de Rolnik (2016), para quem a cartografia "acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam

para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos" (p. 102). Nesta tese, busquei acompanhar o desmanchamento/desconstrução de um "mundo" em que as redes sociais *online* (entre outros artefatos ciberculturais) são pensadas como neutras; não são neutras, pois são pedagógicas, são redes formativas, dão suporte às intencionalidades de seus conteudistas, programadores, pagantes, ativistas etc. Também busquei acompanhar o desmanchamento da ideia de que essas redes são sempre ruins (ciberfascistas), ou sempre boas (ciberinsurgentes), pois dependem de inúmeros agenciamentos, entre eles, as pessoas com quem nos relacionamos, os recursos técnicos que nos atravessam e nos levam a agir (robôs, perfis falsos, disparos de mensagem em massa, algoritmos etc.). Ao longo da pesquisa, fui cartografando mundos em formação, ciberfascistas e ciberinsurgentes, em que as práticas ciberculturais nos formam e nos constituem, conduzindo-nos a diversas experiências deformativas e desformativas.

A pesquisa acadêmica nos conduz a inúmeras experiências formativas que deixam registros em nossos corpos, afetando-nos e deslocando-nos; a partir delas produzimos diferentes modos de conhecer e estar no mundo. Destaco aqui algumas das minhas experiências formativas durante este período de doutoramento, sobretudo os aprendizados que emergiram das conexões teóricas e epistêmico-metodológicas, e das minhas movimentações nos cotidianos pesquisados e com xs interlocutorxs de pesquisa.

Aprendi que cartografar é produzir mapas sociais das pulsações dos desejos e que, *online*, os mapas são produzidos em espaços sociotécnicos moventes, em constante processo de construção e desconstrução, e seus relevos são moldados pelos fluxos informacionais líquidos, instantâneos, voláteis. Aprendi que cartografar *online* é mergulhar nas intensidades do presente, o nosso tempo, para apreender rastros, conectar redes de enunciados, acompanhar os fluxos e contrafluxos da vida cotidiana que nos levam a agir, fazer escolhas, tomar posições. É refletir (em termos éticos) constantemente o "eu pesquisador" em relação ao objeto de pesquisa, às/aos outrxs e como a pesquisa reverbera na sociedade.

Aprendi também que cartografar *online* demanda abertura aos diversos acontecimentos que atravessam a pesquisa e demanda teorizá-los em ato, no calor de sua acontecência. Entretanto, após um acontecimento, considero fundamental esperar as ideias teorizadas se "esfriarem", o corpo diminuir as intensidades das afetações do momento. Depois disso, retomar as teorizações para lapidá-las, refinar as ideias traçadas anteriormente. Esses processos de idas e vindas me ajudaram a ampliar as minhas análises

dos acontecimentos e a compreender as complexidades, reverberações em/na rede, gatilhos, como se eles se constituem, por que e como levam x outrx a agir e de que forma.

Ninguém está livre dos fascismos – esse é um dos aprendizados que tomo para a minha vida. Destaco que qualquer um de nós, inclusive pessoas que se identificam e se movimentam no campo progressista, pode flertar com os fascismos em um dado momento da vida, desejar modos de vida fascizantes: racistas, LGBTI+fóbicos, misóginos, xenofóbicos... Isso serve para nós, professorxs-pesquisadorxs, quando nos fixamos a ideias totalitárias, não nos abrimos a novas ideias e às diferenças, nos fechamos ao novo e nos movimentamos somente pelas mesmas teorias, epistemologias e metodologias.

No processo de produção desta cartografia *online*, aprendi a atentar para o nosso tempo, sobretudo para as suas formações históricas e práticas (ciber)culturais, porque fornecem indícios e servem de disparadores para refletir sobre as pulsações-configurações dos desejos e sobre como esses desejos vêm se constituindo no hoje. O atentar, aqui, é uma convocação ao entendimento de como somos constituídos por esse tempo presente, suas pedagogias e processos formativos, reverberando naquilo que nos tornamos, compartilhamos, nos engajamos, dizemos ser, na maneira como nos relacionamos e vivemos em coletivo.

A importância de manifestarmos as nossas emoções e cuidarmos de nós e dx outrx nas relações microcotidianas é outro aprendizado; refiro-me a tudo aquilo que embeleza a vida: os encontros presenciais e *online* alegres com xs amigxs, afetos de carinho e amor compartilhados, conversas e sorrisos que aquecem nossos corações etc. Penso essas manifestações e cuidados como "expansões da reflexividade ética": práticas de liberdade de si com x outrx construídas por meio do companheirismo, apoio, confiança, solidariedade, do dizer a verdade (*parrhesía*).

O aprendizado anterior se desdobra em outro aprendizado: o fortalecimento da amizade. Em tempos marcados pelo ódio às diferenças, poder contar com xs amigxs é fundamental, pois são pessoas com as quais construímos laços fortes, de confiança e temos a liberdade para manifestar dores, incertezas, lutos, amores, alegrias, êxitos etc. Não está fora da relação de poder. A "amizade" (FOUCAULT, 1994) é uma relação e prática cultural que se movimenta por meio da experiência de si com x outrx, uma experiência do cuidado de si, voltada ao compromisso ético-estético-político. Entretanto, destaco que não há amizade sem o cuidado de si, pois não se pode cuidar dx outrx se não se cuida de si mesmo.

Por fim, convido a todxs à carnavalização da vida: refiro-me a fazer proliferar tudo que é subversivo (em termos *queers*), desviante, abjeto, diferente, indesejante aos olhos dos fascistas e às experiências que se vêm configurando fascizantes; botar o bloco na rua, viralizar a pulsação do desejo por vida, sobretudo das existências dissidentes que vivem em situação de precariedade; debochar da vida fascista como intervenção política, na política e no político – me refiro à utilização da paródia como instrumento inquietante, gatilho para o riso atento e firme pela vida; criar blocos de rua, produzir alianças entre sujeitos, coletivos e movimentos, inundando as ruas com vidas que festejam as diferenças, reivindicam direitos e se rebelam contra todas as formas de violência e fascismos; compor sambas de enredos sobre o modo não fascista de ser e estar neste mundo, principalmente sambas que nos tocam e repercutem na micro/macropolítica; que sejamos, nós, os carnavalescxs de nossas histórias sem perder a dimensão da relação com x outrx, com a avenida cidade-ciberespaço e com a ternura e a sensibilidade da vida.

RFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ALVAREZ, Johnny; e PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In.: PASSOS, Eduardo et al. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.131-149.

ALVES, Nilda. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. In.: **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, nº XVI, Campinas, 2012. Anais, Campinas, ENDIPE, v. 1, 2012, p. 26 – 38.

ALUNAS 'decoram' faculdade com frases machistas de professores. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2016. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/alunas-decoram-faculdade-com-frases-machistas-de-professores-1-19195015. Acesso em: 2 abr. 2019.

AMADEU, Sérgio da Silveira. A direita nas redes sociais online. In: CRUZ, Sebastião Velasco; CODAS, André Kaysel, Gustavo (organizadores). **Direita, volver**!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro /. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015a. p. 213-230.

AMADEU, Sérgio da Silveira. A internet é uma rede [...] onde prevalece a lógica da liberdade sobre a da permissão, mas essa comunicação é feita em cima de tecnologias de controle. 2015b, ONLINE. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2015/10/07/internet-e-uma-rede-onde-prevalece-logica-da-liberdade-sobre-da-permissao-mas-essa>. Acessado em: 07 set. 2016

AMORIM, G. H. Relato de uma bixa carbonizada. **Facebook**, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/Gustavo.hoa/posts/10213532953417062?__tn__=K-R>. Acessado em: 11 mar. 2019.

BALLOUSSIER, A. V. Ministros e deputados batem boca sobre "Queermuseu" e "MAM". **Folha de São Paulo**, online, 18/10/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1928228-ministro-e-deputados-batem-boca-em-audiencia-sobre-queermuseu-e-mam.shtml>. Acesso em: 16 maio 2018.

BARRETO, M. O outramento e "a fenda" pela qual se atravessam as experiências literárias no livro "A Hora da Estrela" de Clarice Lispector. Recanto das Letras, [S. l.], 12 nov. 2013. Acesso em: 19 ago. 2019.

BARROS, Laura Pozzana; e KASTRUPE, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In.: PASSOS, Eduardo et al. (orgs.) **Pistas do método da cartografia:**

Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p. 52 -75. 2009.

BRAGA, R. M. C. A indústria das *fake news* e o discurso de ódio. In: PEREIRA, R. V. (Org.). Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio. v. I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220.

BERTONHA, João Fábio. Fascismo. Um risco real para o mundo de hoje? **Revista Espaço Acadêmico**, nº 137, outubro de 2012.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? **Cadernos pagu**, n. 53, 2018.

BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, L.; e ARGOLO, F. (Org.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 75-84.

BOLSONARO: "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher". Revista Fórum, Santos, SP, 8 abr. 2017. Disponível em: https://www.revistaforum.com.br/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/. Acesso em: 14 abr. 2019.

BORGES, André; PUPO, Amanda; e PIRES, Breno. Bolsonaro diz que pressa por vacina 'não se justifica'. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 19 de nov. de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-pressa-por-vacina-nao-se-justifica,70003558071>. Acesso em: 11 de abr. de 2021

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 681-704, setembro/dezembro 2012

BUTLER, Judith. **Quadro de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. In: COLLING, Leandro (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016a, p. 19-42.

BUTLER, Judith. "Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2016b, p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAFEZEIRO, Isabel; MARQUES, Ivan da Costa; GONÇALVES, Fernando; CUKIERMAN, Henrique. Informática é Sociedade. In: SANTOS, Edméa O.; SAMPAIO, Fábio F.; PIMENTEL, Mariano (Org.). Informática na Educação: sociedade

e políticas. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.4) Disponível em: https://ieducacao.ceie-br.org/informatica-sociedade

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte; POCAHY, Fernando. Odiados pela nação: Como ensinamos e aprendemos a odiar a diferença? **INTERFACES CIENTÍFICAS - EDUCAÇÃO**, v. 8, p. 47-66, 2020.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte; POCAHY, Fernando. **O método cartográfico na/com a formação na cibercultura**. RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning, v. 3, n.1, março/abril, p. 62-77, 2020.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; POCAHY, Fernando. Cartografias interseccionais em rede: das insurgências à produção de territórios existenciais. In: Ana Lúcia Gomes da Silva; Jerônimo Jorge Cavalcante Silva; Victor Amar. (Org.). **Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social**. Salvador: Editora da UFBA, 2020, p. 49-72. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32907. Acesso em 19 de maio de 2021.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; POCAHY, Fernando. # UERJRESISTE: a politização de si através das selfies. *Revista Teias*, v. 21, n. 60, p. 143-152, 2020b. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48630/32438. Acesso em: 19 maio de 2021.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte; POCAHY, Fernando. Cartografias ciberculturais da formação docente: experiências autorais na disciplina de educação estética. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 94-102, jan./abr. 2020c.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte; POCAHY, Fernando. Práticas ciberfascistas: é possível pensar-fazer uma engenharia reversa que rompa com o implante desejante fascista? **Revista Communitas**, v. 4, n.7 Janeiro/junho, p. 43-58, 2020.

CARVALHO, F. S. P.; ROSENO, R.; e POCAHY, F. Cartografias de rede de aquendação em grupos (homo)eróticos no Facebook: dissidências de gênero, sexualidade e envelhecimento. In: POCAHY, F; CARVALHO, F. S. P.; COUTO JUNIOR, D. R. (Org.). **Gênero, sexualidade e geração**: intersecções na educação e/m saúde. Aracaju: EDUNIT, 2018, p. 129-148.

CASTELLS, M. 2013. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Aberto Medeiros, Rio de janeiro: Zahar, p. 271.

CASTELLS, Manuel. **A comunicação na era digital: o poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTRO, G. Patrulha do MBL, agora, ataca o Sesc Pompeia por evento com Judith Butler. Huffpost Brasil, 27 de outubro de 2017, online. Disponível:

<https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/27/patrulha-do-mbl-agora-ataca-o-sesc-pompeia-por-evento-com-judith-butler_a_23258770/>. Acessado em: 11 mar. 2019.

100 FRASES homofóbicas de Jair Bolsonaro. Revista Lado A, Curitiba, 17 mar. 2017. Disponível em: https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro/. Acesso em: 14 abr. 2019.

CÉSAR, Janaína Mariano; SILVA, Fabio Hebert da; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. **Fractal: revista de psicologia**, v. 25, n. 2, p. 357-372, 2013.

CONJUR. Bolsonaristas gastam R$ 5 milhões por mês com *fake news*, revela inquérito. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-mar-11/empresarios-gastam-milhoes-mes-fake-news?>. Acesso em: 13 abr. 2020

COSTA, Célia. **Delegado de Pernambuco é afastado após postagens sobre Marielle Franco**. Jornal Extra Online, 2018. Disponível em: https://extra.globo.com/casos-de-policia/delegado-de-pernambuco-afastado-apos-postagens-sobre-marielle-franco-22502524.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar> . Acessado em: 25 mar. 2018

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução Joaquim Toleto Jr., São Paulo: Ubu Editora, 2016.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Quem se importa? Marcas do preconceito e da discriminação nas redes sociais digitais. Pernambuco: Revista Temática, Ano X, n. 09, Setembro, 2014, p. 95-109.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 17-38, 2019.

Dados Convid-19. **Organização Mundial da Saúde/OMS**. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acessado em: 3 de abr. de 2021.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Editora 34, 1992.

DELEUZE, Guilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia,** v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia,** v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assirio & Alvim, 2004

DEPUTADO do PSL faz discurso transfóbico à primeira deputada trans na Alesp. Revista Fórum, Santos, SP, 3 abr. 2019. Disponível em: https://www.revistaforum.com.br/deputado-do-psl-faz-discurso-transfobico-a-primeira-deputada-trans-na-alesp/. Acesso em: 14 abr. 2019.

DI FELICE, Massimo; Pereira, Eliete; e ROZA, Erik. Apresentação. In.: DI FELICE, Massimo; Pereira, Eliete; e ROZA, Erik. (eds.), Net-ativismos – redes digitais e novas práticas de participação. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 07 – 12, 2017.

DO Ó, J. R. A governamentalidade e a história da escola moderna: outras conexões investigativas. **Revista Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, 2009.

DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In.: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 35 – 50.

DERY, Mark. **Flame wars: the discourse of cyberculture**. Duke University Press, 1994.

ECO, Umberto. **Contra el fascismo**. Lumen, 2018.

Eles não desistem: Frota e MBL querem impedir palestra da filósofa Judith Butler em São Paulo. Revista Fórum, 31 de outubro de 2017, online. Disponível em: < https://www.revistaforum.com.br/eles-nao-desistem-frota-e-mbl-querem-impedir-palestra-da-filosofa-judith-butler-em-sao-paulo/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

EL PAÍS. 2017. ‘Cura gay’: o que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html>. Acesso em: 05 de fev. 2018

ENGENHARIA, Reversa. **Série *Black Mirror***. NetFlix, 2016.

ESCÓSSIA, Liliana; e TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In.: PASSOS, Eduardo et al. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 92-108, 2009.

FELICIANO, M. Vamos avaliar negativamente a página do SESC. Facebook, 27 de outubro de 2017, online. Disponível:< https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/videos/1148665788606772/>. Acessado em: 11 mar. 2019.

FRANCO, Mariele. Mulher, Negra, Favelada e parlamentar: resistir é pleonasmo. In: RUBIM, L.; e ARGOLO, F. (Org.). O golpe na perspectiva de gênero. Salvador: Edufba, 2018, p. 117-126.

FERIGATO, Sabrina Helena; CARVALHO, Sérgio Resende. Qualitative research, cartography and healthcare: connections**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 15, n. 38, p. 663-676, 2011.

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-59, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Genealogía del racismo**. Altamira, 1976.

FOUCAULT, Michael. O Ante-édipo: uma introdução à vida não fascista. **Cadernos de Subjetividade** / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-S, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 197-200, 1993.

FOUCAULT, Michael. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault - Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 251-269, 1995.

FOUCAULT, Michael. **Ditos e escritos V – Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006a.

FOUCAULT, Michael. **Ditos e escritos IV – Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7° edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros: curso no Cul1ege de France (1982-1983)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, 23º edição, São Paulo: Edições Loyola, 2013a.

FOUCAULT, Michel. 3ª Conferência: Parrhesia e a crise das instituições democráticas. **Revista PROMETEUS**, Edição Especial: Seis conferências de Michel Foucault sobre a parrhesia, v. 6, n. 14, 2013b.

FOUCAULT, Michel. 1ª Conferência: o significado da palavra parrhesia? **Revista PROMETEUS**, Edição Especial: Seis conferências de Michel Foucault sobre a parrhesia v. 6, n. 14, 2013c.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de janeiro/ São Paulo, 6 ª edição, Paz e Terra, 2017a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 4 ° edição, 2017b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 4 ° edição, 2017c.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Paz & Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2017d.

FREITAS, Paula Rios; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. de. Quando as (hetero)normas estremecem o cotidiano da Educação Infantil: conversas com professoras sobre as marcas de gênero expressas nas interações entre crianças. Revista Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 246-263, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2018v20n37p246/36724. Acesso em: 14 abr. 2019.

FROTA, A. CPMI *Fake news* - Depoimento do deputado federal Alexandre Frota. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BHPRw5L_K9I>. Acesso em: 4 de dez. de 2019

G1 - O Portal de Notícias da Globo/Facebook. Matheusa foi “julgada” antes de ser morta por traficantes, diz delegada. 2018. Disponível: <https://www.facebook.com/g1/posts/2140478696004204?comment_id=573182126397597&notif_id=1525994770010193&notif_t=comment_mention&ref=notif>. Acesso em: 10 fev. 2018

GALINDO, Manuela Arruda. Do self ao *selfie*: o autorretrato digital e a subjetividade contemporânea. Niterói, RJ. **Dissertação de mestrado**. Universidade Federal Fluminense – UFF, 94, p2017.

GALLO, Silvio. “o desejo deseja sua própria repressão”: traços de uma educação fascista. In.: KOHAN, W. O.; LOPES, S. W.; MARTINS, F. F. R. 3ª Editora brasiliense (orgs.). O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita. 1ed., Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

GALLO, Silvio. Ética e cidadania: caminhos da filosofia: elementos para o ensino de filosofia. Campinas, São Paulo: editora Papirus, 20° edição, 2012.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.

GUATTARI, Felix. **A revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução Suely Belinha Rolnik, São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed., 1987.

GUATTARI, Felix. **Cartografías esquizoanalíticas**. Buenos Aires: ediciones Manantial SRL, 1989.

GUATTARI, Felix, ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 4a. ed., 1996.

GUATTARI, Felix. **Líneas de fuga: por otro mundo de posibles**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2013.

GOMES, Pedro Henrique. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1 Notícias/Globo**, Brasília, 20 de abr. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GONÇALVES, Juliana. “Queimem a bruxa!” Visita de Judith Butler provoca manifestações nas ruas de São Paulo. The Intercept online, 7 de Novembro de 2017. Disponível: <https://theintercept.com/2017/11/07/judith-butler-bruxa-manifestacoes-sao-paulo-ideologia-genero/>. Acesso em: 07 nov. 2017.

GONÇALVES JUNIOR, Sara Wagner; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas-saberes de uma educadora da baixada marítima: notas de uma cartografia-encontro. In: POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. (org.). **Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde**. Aracaju: EdUNIT, 2018. p. 429-445

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HASSELMANN, J. CPMI *Fake news* - Depoimento da deputada federal Joice Hasselmann. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D3PqYNPCaBw>. Acesso em 4 dez. de 2019.

HELBING, Dirk. Digital Fascism Rising? In: **Towards Digital Enlightenment**. Springer, Cham, 2019. p. 99-102.

HERINGER, C.; MARINATTO, L. **Delegado afastado de caso de estupro é dispensado do cargo.** JORNAL EXTRA ONLINE, 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/delegado-afastado-de-caso-de-estupro-dispensado-do-cargo-19461382.html>. Acesso em: 21 maio 2018

JORDÃO, Fernando. UFRGS aciona Polícia Federal após ameaça de ataque 'semelhante' a Suzano. Correio Braziliense, 20 de março de 2019, online. Disponível em: < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/20/interna-

brasil,744206/ufrgs-aciona-policia-federal-apos-ameaca-de-ataque-semelhante-a-suzano.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2019.

KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1977.

LANGNOR, Carolina. Os efeitos do pânico moral sobre o movimento feminista: ecos em direção à agenda conservadora. In: Encontro Nacional de Pós-graduação em Educação/ANPED, 38° Reunião Anual. **Anais** São Luís: Maranhão, 2017, p. 01-16.

LEMOS, André. **Ciberativismo**. Documento on-line, 2003. Disponível em: < http://www.andrelemos.info/artigos/ciberativismo.pdf>. Acesso em: 05 de fev. 2018.

LEMOS, André. **Cibercultura como território recombinante**. Conferência Territórios Recombinantes, Salvador, agosto de 2006.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, v. 1, n. 1, p. 121-137, 2007.

LÉVY, Pierre. A mutação inacabada da esfera pública. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre (Org). **O futuro da internet:** em direção a uma democracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, Venício A. A direita e os meios de comunicação In: CRUZ, Sebastião Velasco; CODAS, André Kaysel, Gustavo (organizadores). **Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015b. p. 213-230.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean Serroy. **A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOBO, R. A. Á.; FILHO, M. S. D. C. Notas sobre o linchamento em rede: apontamentos introdutórios a partir de uma pesquisa documental em andamento. **ANAIS** IX Simpósio Nacional da ABCibe – Cibercultura, Democracia e Liberdade no Brasil, 2016.

LOBO, Edilene; MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. Democracia algorítmica: o futuro da democracia e o combate às milícias digitais no Brasil. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 7, n. 17, 2020, p. 255-276.

LONGO, I. Tempos sombrios: Após protestos do MBL, mostra com temática LGBT é cancelada. Revista Fórum, online, 17/09/2017. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/tempos-sombrios-apos-protestos-do-mbl-mostra-com-tematica-lgbt-e-cancelada/>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2016b.

LUCENA, Simone. Cultura digital e educação do século XXI. In: LUCENA, S. (ed), **Cultural digital, jogos eletrônicos e educação**. Salvador: EDUFBA, p. 11-16, 2014.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender e mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MATTOS, G. Jovens fazem ato para apoiar aluno repreendido por usar batom em escola. O Dia, Rio de Janeiro, 1 jun. 2017. Disponível em: http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-06-01/jovens-fazem-ato-para-apoiar-aluno-repreendido-por-usar-batom-em-escola.html. Acesso em: 23 jun. 2017.

MARTINS, João Batista. Multirreferencialidade e Educação. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

MARTÍN, M. Crivella veta no Rio a exposição Queermuseu, censurada em Porto Alegre. EL PAÍS ONLINE, 2017. Disponível: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/04/cultura/1507068353_975386.html>. Acesso em: 16 maio 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolíticas. **Arte & Ensaios**/Revista do ppgav/eba/ufrj, n. 32, dez. 2016.

MENEGON, Vera Sônia. Por que jogar conversa fora? In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro, edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais,2013.

MENINOS do colégio Pedro II vão à escola de saia em apoio a colega transexual. O Globo, Rio de Janeiro, 10 nov. 2014. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/meninos-do-colegio-pedro-ii-vao-escola-de-saia-em-apoio-colega-transexual-13893794. Acesso em: 23 jun. 2017.

MOTTA, Claudia Lage Rebello, GARCIA, Ana Cristina Bicharra, VIVACQUA, Adriana Santarosa, SANTORO, Flávia Maria, SAMPAIO, Jonice de Oliveira. Sistemas de Recomendação. In: Mariano Pimentel e Hugo Fuks (orgs.). Sistemas Colaborativos. SBC/Campus/Elsevier: Rio de Janeiro, 2011, cap.15, p.230-244.

MULHERES. Compositora: Doralyce Gonzaga e Silvia Duffrayer. Intérprete: Silvia Duffrayer. Letras de músicas. Belo Horizonte, c2003-2020a. Disponível em: https://www.letras.mus.br/silvia-duffrayer/mulheres-versao-part-doralyce/. Acesso em: 14 abr. 2019.

NAGIB, Miguel. O movimento. Documento on-line. Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/movimento>. Acessado em: 05 fev. 2018.

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves da. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. Foucault e a Psicologia, p. 93-105, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução Marcelo Backes, Porto Alegre, RS: L&MP, 2017.

NOTÍCIAS, G1. 2013. 'Selfie' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Disponível em:< http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html>. Acesso em: 03 fev. 2018.

O Globo. CPI identifica computador do Senado como provedor de página de *fake news*. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/brasil/cpi-identifica-computador-do-senado-como-provedor-de-pagina-de-fake-news-24295402>. Acesso em: 10 de mar. 2020

O Globo. Como ganhou corpo a onde de fake News sobre Marielle Franco. 23/03/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/como-ganhou-corpo-onda-de-fake-news-sobre-marielle-franco-22518202>. Acesso em: 16 maio 2018

O Globo. Jair Bolsonaro lança panfleto contra homossexuais; MEC vai distribuir kits anti-homofobia em escolas. 2011. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/jair-bolsonaro-lanca-panfleto-contra-homossexuais-mec-vai-distribuir-kits-anti-homofobia-em-escolas-2771521#ixzz5G3GYLNG0. Acesso em: 16 maio 2018

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Contribuição de Boaventura de Sousa Santos para reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículo pensadospraticados. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.8 n.2, agosto, 2012

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 159-178, 2012.

OLIVEIRA, Marilda O. de; MOSSI, Cristian P. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, 2014.

OZ, Amós. **Mais de uma luz: Fanatismo, fé e convivência no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PAÍS de maricas': 9 frases de Bolsonaro sobre pandemia que matou 162 mil pessoas no Brasil. **NotíciasUOL**, 11 de nov. de 2020. Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/11/11/pais-de-maricas-9-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia-que-matou-162-mil-pessoas-no-brasil.htm>. Acessado em: 11 de abr. de 2021.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

Patrulha do MBL quer impedir palestra de filósofa americana em SP. Diário do Centro do Mundo, 28 outubro de 2017, online. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/patrulha-do-mbl-quer-impedir-palestra-de-filosofa-americana-em-sp/>. Acesso em: 11 mar. 2019

Petição online. Cancelamento da palestra de Judith Butler no SESC Pompei. Citizengo, 26 de outubro de 2017. Disponível em: < https://www.citizengo.org/pt-pt/node/108060>. Acesso em: 11 mar. 2019.

POCAHY, F.; OLIVEIRA, R.; IMPERATORI, T. Cores e dores do preconceito: entre o boxe e o balé. In: LIONCO, T.; e DINIZ, D. Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres - EdUnB, 2009, p. 115-132.

POCAHY, Fernando Altair. Políticas públicas como políticas de subjetivação: direitos humanos e paixão pelo devir. In: ROCHA, M. A. (Org.). **Coleção Outros Olhares - Direitos humanos, sociedade e política**. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, v. 1, p. 77-84.

POCAHY, Fernando Altair. O clamor da diferença letal: educar em estado de exceção. **REVISTA ÑANDUTY**, v. 6, p. 9-22, 2018.

POCAHY, F. A. Gênero, sexualidade e envelhecimento: miradas pós-críticas na educação. **Momento - Diálogos em Educação**, n. 3, p. 87-111, 2019.

POCAHY, Fernando; PERES, W. S. ; CARNEIRO, N. S. ; TEIXEIRA FILHO, F. S. . Transconversações queer: sussurros e gemidos lusófonos Quatro cadelas mirando a(s) Psicologia(s). **Revista Periódicus**, v. 1, p. 106-153, 2014.

PORTA T1. Magistrada acusa vereadora Marielle Franco de ligação com o Comando Vermelho – Desembargadora Marília Castro Neves afirma que vereadora foi morta por "descumprir acordos firmados". PSOL promete ação na justiça. 2018. Disponível em: < https://www.portalt5.com.br/noticias/brasil/2018/3/68826-magistrada-acusa-vereadora-marielle-franco-de-ligacao-com-o-comando-vermelho>. Acessado em: 25 mar. 2018

PORTAL UOL. Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachmente. Edição 27/05/2016. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm> Acesso em: 30 maio 2016

PRECIADO, Paul B. Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle. **Erevista Performatus**, p. 1-32, 2017.

PRETTO, Nelson De Luca; ASSIS, Alessandra. **Cultura digital e educação**: redes já. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, p. 75-83, 2008.

Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. **BBC News/Brasil**, 7 de jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880 >. Acesso em: 11 de abr. de 2021.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet**. In: Alex Primo. (Org.). Interações em Rede. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; SANTOS, Rosemary. Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. Revista Docência e Cibercultura, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2018.

RIOS, Pedro Paulo Souza; DE MELO CARDOSO, Helma; DIAS, Alfrancio Ferreira. Concepções de gênero e sexualidade d@ s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educação & Formação**, v. 3, n. 2, p. 98-117, 2018.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In Daniel Lins (org.): **Cultura e subjetividade: Saberes Nômades**. Papirus, Campinas 1997; p.19-24.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2ª edição, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfies: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis: RJ: Editora Vozes, 2011.

SAFATLE, Vladimir. Bem-vindo ao Estado suicidário. Jornal GGN. Disponível em: https://jornalggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/?fbclid=IwAR18-1hf-umj1j5wBS7zwOa-

L7xSdmxmikN_boCKXWeu11NOwNXgZqrHfss 2020. Acessado em 01 de abr. de 2020.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia** (ReCeT), v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010a. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/ReCET/article/view/3852. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010b.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Edméa. **A pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Raquel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Teresinha; e YORK, Sara Wagner. Ciberfeminismo em tempos de pandemia Covid-19: lives (trans)feministas. **Notícias**, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1123 >. Acesso em 10 de abril de 2021.

SANTOS, Rosemary; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; e MADDALENA, Tânia Lúcia. Conversas ubíquas via WhatsApp: ambiências formativas multirreferenciais. In. PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; CHAGAS, A. (orgs.): **Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons**. Bahia: Ilhéus, Ed. UESC, 2017, p. 197-218.

SARAIVA, Karla; LOCKMANN, Kamila. O molar, o molecular e a educionalização do social. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 45, p. 215-246, 2019.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Promoteo Libros, 2018.

SEPOM - Secretaria De Políticas Para Mulheres. Feminicídio e impunidade. Facebook, 08 de março de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/sepomsl/photos/a.657053277732597/1425977564173494/?type=3&permPage=1>. Acesso em: 11/03/2019.

SÖLLE, Dorothee. Beyond Mere Obedience: Reflections on a Christian Ethic for the Future Minneapolis: Augsburg Pub. House, 1970.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2 ed., Rio de janeiro: Editora contraponto, 2016.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Os fascismos. O século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, José Leite Neto. Cidadania vertical e horizontal: ensaio para um conceito. **Sociedade e direito em revista**. n. 1, v. 1, 2006, p. 105 – 121.

SILVEIRA, S. A. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, v. 21, n. 1, p. 267-281, 2017.

Tem Local. Homofobia na faculdade de Medicina da UFRJ denunciada por um aluno. **Facebook**, 30 de março de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/temlocal/posts/786937764838572>. Acessado em: 11 de mar. 2019.

TEIXEIRA, Zé Enrico. As pérolas do domingo de votação na Câmara: A votação para o processo de impeachment na Câmara reuniu algumas das melhores frases do ano na política Revista Época, 18 de abril de 2016, online. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/perolas-do-domingo-de-votacao-na-camara.html>. Acessado em: 14 de mar,.2018.

TV Verdade. Bolsonaro diz que "tem que fuzilar" quem fez a exposição Queermuseu. *YouTube*, 15 set. 2017, 59s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=87lpZzgG38g>. Acessado em: 16 abr. 2018.

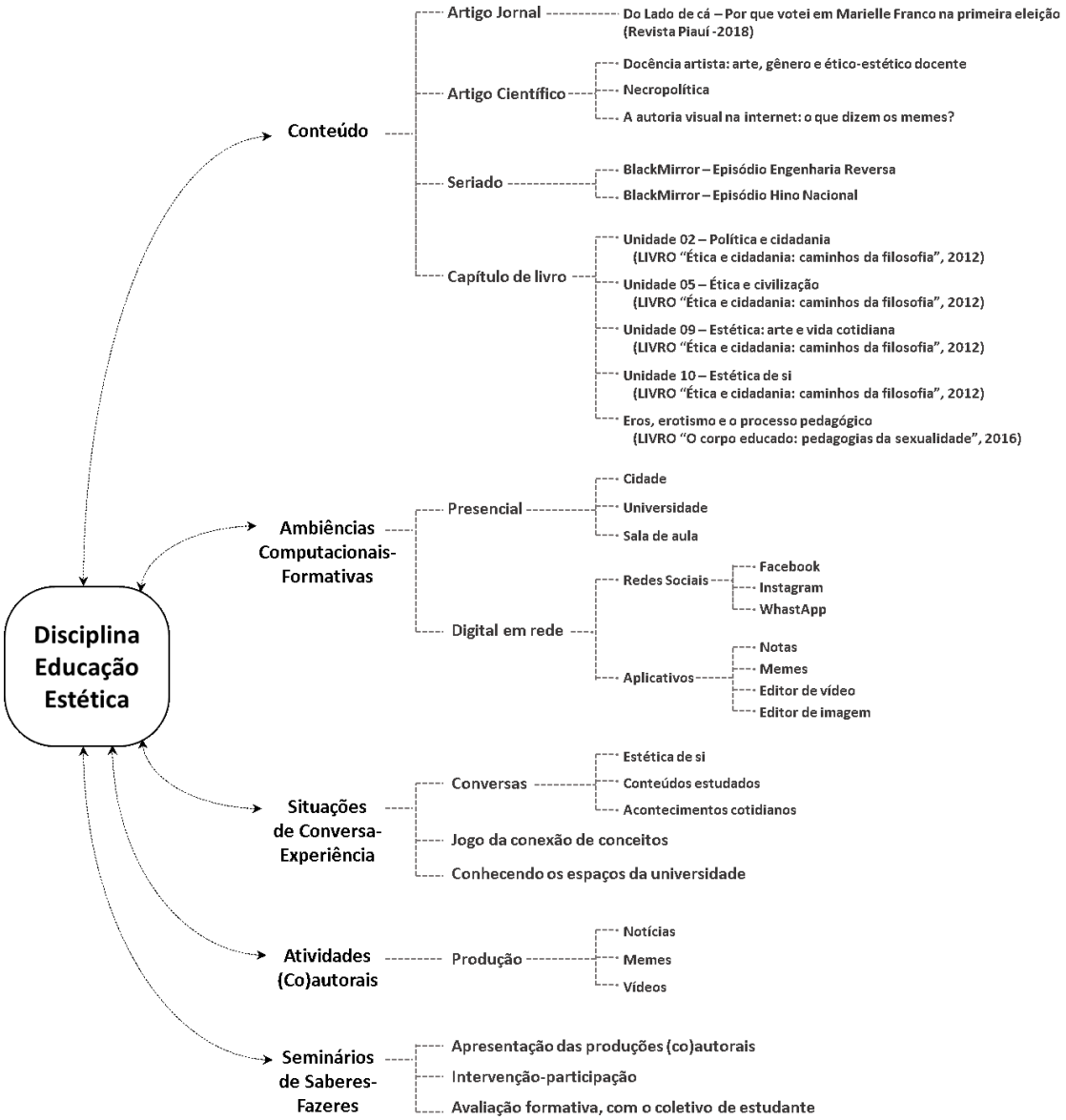
Veja frases dos deputados durante a votação do impeachment. **Folha de São Paulo**, 17 de abril de 2016, online. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml>. Acessado em: 14 mar. 2018

UOL Notícias. PF identifica Carlos Bolsonaro como chefe em esquema criminoso de *fake news*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2020/04/25/pf-identifica-carlos-bolsonaro-como-chefe-em-esquema-criminoso-de-fake-news.htmAcessado>. Acessado em 01 de jun. de 2020.

URIARTE, Monica Zewe; DE AGUIAR NEITZEL, Adair. A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação. **Educação Unisinos**, v. 21, n. 3, p. 387-394, 2017.

WIKIPÉDIA, Selfie. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Selfie>. Acesso em: 02 de maio 2017.

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 454-463, 2011.

ZAGO, Luiz Felipe. Conhecimento em tempos de ódio a pesquisa não fascista e a pesquisa impertinente com gênero e sexualidade. **BAGOAS**, n. 16, 2017, p. 79-110.

APÊNDICE A – DESENHO DIDÁTICO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA